



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Alcione Alves Hummel Monteiro

**CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A MULHER: DO CONTINENTE
NEGRO FREUDIANO AO A MULHER NÃO EXISTE LACANIANO**

BELÉM-PA
2013

Alcione Alves Hummel Monteiro

CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A MULHER:

CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A MULHER:

Do Continente negro freudiano ao A mulher não existe lacaniano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roseane Freitas Nicolau.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roseane Freitas Nicolau.

Prof.^a Dr.^a Roseane Freitas Nicolau (Orientadora)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Luciana Brandão Carneiro
Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Prof.^a Dr.^a Belmira Alves-Alior Marcondes
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof.^a Dr.^a Ana Cleide Guedes Moreira (Suplente)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

BELÉM-PA

2013

Alcione Alves Hummel Monteiro

CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE A MULHER:

Do Continente negro freudiano ao A mulher não existe lacaniano

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Roseane Freitas Nicolau.

Apresentado em: 15/10/2013

Banca examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Roseane Freitas Nicolau (Orientadora)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof^ª. Dr^ª. Luciana Brandão Carreira
Universidade do Estado do Pará (UEPA)

Prof^ª. Dr^ª. Belizia Aben-Athar Barcessat
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof^ª. Dra. Ana Cleide Guedes Moreira (Suplente)
Universidade Federal do Pará (UFPA)

BELÉM-PA
2013

AGRADECIMENTOS

À Roseane Freitas Nicolau, que inicialmente me recebeu em seu Grupo de Pesquisa e, depois, aceitou orientar meu projeto de Pesquisa. Tudo ocorreu num momento muito especial, pois estava começando como estrangeira em terra paraense, como acadêmica e na psicanálise.

Ao Grupo de Pesquisa, pelo acolhimento e pela oportunidade de trabalho, e a todos os integrantes que, de forma muito particular, fizeram parte de minha história.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia pelo espaço concedido a minha pesquisa, em especial, à figura do querido Ney.

Em especial...

Aos meus pais Mário e Nice, minha eterna gratidão.

Ao meu marido, amigo e companheiro Waldi, pelo amor, paciência e muito carinho.

Aos tesouros que a vida me deu, Olavo e Vinícius, de quem tantas vezes precisei me afastar para conseguir continuar com meu trabalho. Agradeço o carinho.

Às minhas irmãs, cunhados, sobrinhos, primos e tios, que me acompanharam de algum modo pelos dias.

À vovó Cinira, que nunca me abandonou.

À tia Candinha, que sempre quis me mostrar a importância de estudar para conseguir ir além. Lembro-me do início dos anos escolares que, com seu carinho, nos presenteava, sempre com o objetivo de valorizar o estudo.

À tia Lúcia e tia Maria Neusa, que estiveram comigo em momentos especiais de minha formação.

À Amanda, pela companhia familiar já no tempo de concluir.

Às queridas Dani Ramos, Rose Torres e Sâmea Quebra, pela amizade, cumplicidade e companheirismos.

Ao Fórum do Campo Lacaniano Brasil, em especial, ao Fórum Belém, responsável por minha formação clínica no importante percurso que faço pela transmissão e em busca de minha constituição enquanto analista.

Amo uma mulher

*Equação indefinida
confusão organizada
e um pouco de sentimento
fuga e volta sem parada*

*Não conheço um santinho,
nem entendo dos seus ritos,
mas ao seu lado, com segredo
sem palpito, sem raciocínio*

*É a pátria e é o espaço,
luz, poeira, terra e céu,
é água e rocha no mesmo lapso,
que dia e noite em uma só*

*Quero saber de sua mão
o que lhe falta para imaginar
me transformar no que lhe completa,
e nos seus olhos me achar por*

*Eu e o corpo do silêncio
que quer saber o que ela quer
uma hora, um dia, um mês
por isso amo essa mulher*

Waldani Monteiro

Amo uma mulher

*Equação indefinida,
confusão organizada,
é magia e sofrimento,
fuga e volta sem parada*

*Não conheço seu caminho,
nem entendo dos seus meios,
mas ao seu lado vou seguindo
sem palpites nem receios*

*É a pena, e é a espada,
lama, poeira, terra e pó,*

*Equação indefinida,
confusão organizada,
é magia e sofrimento,
fuga e volta sem parada*

*Não conheço seu caminho,
nem entendo dos seus meios,
mas ao seu lado vou seguindo
sem palpites nem receios*

*É a pena, e é a espada,
lama, poeira, terra e pó,
é água e rocha ao mesmo tempo,
que dia e noite em uma só*

*Quero saber do seu mais,
e o que lhe falta quero imaginar
me transformar no que lhe completa,
e nos seus olhos me enxergar*

Vivo e sofro do esforço
em querer saber o que ela quer
mas o encanto da dívida me move
por isso amo essa mulher

Waldinei Monteiro

RESUMO

Essa dissertação objetiva explicitar algumas das considerações psicanalíticas sobre a posição subjetiva da mulher. Para tanto, a pesquisa orienta-se a partir dos textos clássicos de Freud e dos escritos e seminários de Lacan, em conjunto com alguns de seus comentadores. Para Freud, a mulher sempre foi descrita como um enigma que pedia decifração, tendo sido num momento inaugural da psicanálise que ele escutou o sofrimento histérico. Esta escuta o conduziu a outras investigações de importante relevância para a construção da psicanálise; foi por essa via que, nela, a mulher fez sua. Fazendo-se presente em vários outros momentos da obra freudiana, é possível verificar que, num primeiro momento, ela revelava-se como esse enigma que pede a decifração do artista, enquanto que, num segundo, apareceu como um continente negro. Lacan, por sua vez, partiu das elaborações freudianas para pensar a subjetividade feminina, e isso o permitiu percorrer outros caminhos na tentativa de esclarecer alguns pontos que continuavam obscuros. Freud, após pesquisar os sintomas histéricos, investigou os efeitos do Édipo na menina, concluindo que, nela, o processo seria mais longo, complexo e com possibilidade de outros desdobramentos. As investigações lacanianas avançaram, permitindo elaborações como: a mulher está entre o simbólico e o real, ou seja, está imersa na lógica do todo e não-todo. Isto equivale dizer que ela está submetida à castração, mas também situa-se fora dela – o que, por conseguinte, a aproxima do real. Devido tal aproximação, a modalidade de gozo também é outra. Com isso, a mulher sofre os efeitos do que está para além da castração, do simbólico – ou seja, o real.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Histeria. Feminino. Sexualidade. Real. Gozo.

ABSTRACT

INTRODUÇÃO

This dissertation aims at explaining some psychoanalytic considerations on the subjective position of women. Therefore, the research is oriented from Freud's classical texts and writings and Lacan's seminars, together with some of their commentators. For Freud, the woman has always been described as a puzzle calling for decryption, being an inaugural moment of psychoanalysis in which he heard the hysterical grief. This listening led to other major relevance investigations for the psychoanalysis construction; it was by this means that, in it, woman made hers. Being present in several other moments of Freudian work, it is possible to verify that, at first, she revealed herself as this riddle which asks the artist's deciphering, whereas, in a second, she appeared as a dark continent. Lacan, in turn, started from the Freudian elaborations to think about the female subjectivity, and it allowed him to traverse paths in an attempt to clarify some points that were still unclear. Freud, after searching hysterical symptoms, investigated the effects of Oedipus in the girl, concluding that, in it, the process would be longer, complex and with the possibility of other developments. The Lacanian investigations advanced, allowing elaborations such as: the woman is between the symbolic and the real, or she is embedded in the logic of the whole and non-whole. In other words, she is subjected to castration, but also lies outside it - which, therefore, approaches her to the real. Due to such an approach, the mode of enjoyment is not the same. Therewith, the women suffer the effects of what is beyond castration, the symbolic - in other words, the real.

KEY-WORDS: Psychoanalysis. Hysteria. Female. Sexuality. Real. Enjoyment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 “PERGUNTO AQUI SE SOU LOUCA”: A HISTÉRICA, EM SEU ATO, ENDEREÇA UMA QUESTÃO A FREUD.....	19
1.1 FREUD, A MEDICINA E A MULHER HISTÉRICA.....	23
1.2 A PSICANÁLISE INVESTIGA PARA ALÉM DA CONSCIÊNCIA	25
1.3 OS SINTOMAS HISTÉRICOS, A SEXUALIDADE E O FEMININO	28
2 A SEXUALIDADE FEMININA EM FREUD.....	36
2.1 A OPERACIONALIZAÇÃO DO ÉDIPLO NA VIDA PSÍQUICA DA MULHER	38
2.2 A MULHER ENTRE O ÉDIPLO E A FASE PRÉ-ÉDÍPICA	49
2.3 A SUBJETIVIDADE FEMININA E SEUS ENIGMAS PARA FREUD	54
2.3.1 O masoquismo feminino.....	55
3 AS CONTRIBUIÇÕES LACANIANAS PARA A COMPREENSÃO DO FEMININO	62
3.1 A MULHER entre o SIMBÓLICO E o REAL	68
3.2 A MULHER ENTRE O GOZO FÁLICO E O GOZO OUTRO	74
3.3 O LUGAR DA MULHER NA FÓRMULA DA SEXUAÇÃO.....	77
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86

perceber que Freud realizou ao tentar desvelar o sistema do que é a mulher e o reforço de Lacan em esboçar alguns pontos obscuros que envolvem a constituição subjetiva do feminino. Freud (1976/1996) parte de sua escuta clínica, que o levou a tomar a mulher como um enigma, um mistério, ou melhor, um continente vazio. Lacan prossegue com as investigações freudianas sobre a mulher, sendo conduzido a importantes descobertas para a direção do tratamento, como por exemplo, a de que a mulher é não toda inscrita no simbólico e é quando esse fato influi diretamente na modalidade de gozo ao qual ela está submetida.

A mulher, quando posicionada do lado todo, sofre os efeitos da castração, portanto, goza de seu próprio inconsciente, num gozo fático. Mas, se for desac todo – ou seja, não todo –, ocorre a impossibilidade de ordenação pela castração e pelo indicador fálico, aproximando-a do real. A aproximação com o real comporta o gozo diferente, um gozo único, impossível de ser descrito por advir da junção onde a linguagem não alcança representação efetiva, portanto, sobre esse gozo, nada se tem a dizer.

INTRODUÇÃO

SONETO

*Pergunto aqui se sou louca
Quem quer saberá dizer
Pergunto mais, se sou sã
E ainda mais, se sou eu*

*Que uso o viés pra amar
E finjo fingir que finjo
Adorar o fingimento
Fingindo que sou fingida*

*Pergunto aqui meus senhores
quem é a loura donzela
que se chama Ana Cristina*

*E que se diz ser alguém
É um fenômeno mor
Ou é um lapso sutil?*

Ana Cristina Cesar¹

A presente dissertação enfoca a questão do feminino para a psicanálise, sublinhando o percurso que Freud realizou ao tentar desvendar o enigma do que é a mulher e o esforço de Lacan em esclarecer alguns pontos obscuros que envolvem a constituição subjetiva do feminino. Freud (1926/1996) partiu de sua escuta clínica, que o levou a tomar a mulher como um enigma, um mistério, ou melhor, um continente negro. Lacan prosseguiu com as investigações freudianas sobre a mulher, sendo conduzido a importantes descobertas para a direção do tratamento, como por exemplo, a de que a mulher é não toda inserida no simbólico e o quanto esse fato influencia diretamente na modalidade de gozo ao qual ela está submetida.

A mulher, quando posicionada do lado todo, sofre os efeitos da castração, portanto goza de seu próprio inconsciente, num gozo fálico. Mas, se fora desse todo – ou seja, não-todo –, ocorre a impossibilidade de ordenar-se pela castração e pelo indicador fálico, aproximando-a do real. A aproximação com o real comporta um gozo diferente, um gozo Outro, impossível de ser descrito por advir da instância onde a linguagem não alcança representação efetiva; portanto, sobre esse gozo, nada se tem a dizer.

¹ Ana Cristina Cruz Cesar foi poetisa e tradutora, nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1952 e faleceu em 1983 aos 31 anos. O *Soneto* que trago como abertura para esse trabalho faz parte de seu arquivo poético, disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet122.htm>>.

Até hoje os mistérios do feminino intrigam os pesquisadores, sendo possível verificar inúmeros trabalhos acadêmicos que privilegiaram a mulher como objeto de estudo, cada qual com um enfoque particular para discorrer sobre a temática em questão. Dentre eles, podemos citar Fonseca (2007), Moraes (2007), Neri (2007), Souza (2008), Moraes (2010). Fonseca (2007) objetivou explicar as possíveis ligações entre a feminilidade e a loucura, a partir da escuta clínica. Com Moraes (2007), o foco foi voltado para a questão da mulher histérica com seus sintomas conversivos e a psicossomática. Já Neri (2007), trabalhou a questão da vinculação da mulher com a criminalidade também a partir da escuta clínica. Souza (2008) propôs pensar o feminino com Freud e Lacan por meio da mística. Por último, Moraes (2010) que, a partir de investigação clínica, analisou o modelo de subjetivação das pacientes com Lúpus Eritematoso Sistêmico. Assim, cada pesquisa optou por investigar a mulher a partir de um objetivo específico, mas é fato que todas cuidaram de trazer para a discussão a subjetividade feminina.

No que remete à mulher como fonte de investigação, Freud sempre deixou claro que investigá-la pressupunha um desafio, pois se tratava de um mistério, um enigma que somente os artistas, com sua sensibilidade, teriam condições de desvendar. Por isso, o *Soneto*, de Ana Cristina Cesar, é utilizado neste trabalho como um recurso ao qual recorro em alguns momentos do texto, por compreender que a autora consegue transcender a seu tempo e representar a subjetividade de forma particular, ou melhor, numa particularidade atemporal como a do inconsciente.

Quanto à investigação e composição deste trabalho, optou-se por não eleger nenhuma mulher em especial, mas somente convocar para alguns momentos Ana Cristina Cesar que, em linhas poéticas conseguiu expressar a singularidade própria da subjetividade feminina, como vemos na citação que abre esse texto. Contudo, tal poesia não é peça principal dessa dissertação, e, sim, a possibilidade de articulação da dimensão enigmática da mulher com as linhas teóricas que serão apresentadas a seguir.

A mulher e a poesia, como numa metáfora, ambas trazem um oculto: a mulher oculta algo de sua subjetividade; a poesia, algo a ser interpelado por de trás do sentido das palavras que remete a emoções e sentimentos. A poesia, aqui, é uma alusão à sensação que se tem quando se está diante da mulher, pois, no caso, a interpretação subjetiva serve como apoio à falta de objetividade que perdemos entre as linhas. Para tanto, ambas apresentam-se como algo a ser interpretado, investigado, desvelado. Por isso, a tentativa de aproximá-las inicialmente. Tudo isso só é possível pela via da linguagem, pois esta nos permite bordejar a constituição psíquica feminina e descrevê-la em linhas poéticas.

A arte, ou melhor, os artistas sempre apareceram nas discussões freudianas e lacanianas, a começar em um dos textos clássicos freudianos, intitulado *Escritores criativos e devaneio*, de 1908[1097] e, em Lacan, num dos textos que compõem os *Outros escritos*, nomeado como *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, de 1965. Ambos apontam para o que há de prodigioso na arte, por esta última conseguir contemplar com tanta perspicácia a subjetividade humana em suas criações. Mas, é preciso destacar que, em seu texto, Lacan (1965/2003) faz questão de retornar a Freud para corroborar suas elaborações teóricas, por considerar que esse último colocou a arte em lugar de destaque para a psicanálise.

Freud (1908[1097]/1996), logo no início do texto supracitado, descreve o artista, em especial, o escritor criativo, como aquele que consegue nos impressionar ao apresentar sua obra imbuída de emoção, mas que, talvez, nem ele mesmo assim o perceba. O que demonstra a imensa grandiosidade de tais feitos criativos, por conseguir dar um fino trato à subjetividade. E, ainda mais, diz que “[...] os escritores não nos oferecem uma explicação [...]”, porque isso não é o mais importante e nem o necessário para tamanha expressão e exposição da subjetividade advinda desse universo criativo (FREUD, 1908[1097]/1996, p. 135). Ou seja, uma obra fala por si mesma e por isso dispensa interpretação.

Lacan (1965/2003) nos diz que, de acordo com Freud, o artista sempre precede a psicanálise, nos desbancando a cada vez que tentamos seguir seus caminhos. E nos explica que isso também se aplica à interpretação do psicanalista, uma vez que, como a das obras de artes, qualquer tentativa de interpretação seria uma grande derrocada. São verdades apresentadas pelo inconsciente, por isso seguem uma lógica particular de funcionamento.

Amoedo (2012, grifo do autor) concebeu a expressão *psicanarte* para relacionar a intensa ligação existente entre psicanálise e arte. E relembra uma passagem lacaniana que diz da poesia como: “[...] efeito de sentido, mas também efeito de furo [...] somente a poesia permite a interpretação” (AMOEDO, 2012, p. 49). Deste modo, a poesia se torna uma interpretação simbólica do inconsciente, mas que, ao mesmo tempo, não se dá a ler pela via da interpretação do outro, ou do semelhante, pois precisamos pensar que a poesia é a interpretação do inconsciente do poeta, ou do escritor criativo. Por isso, como nos diz Freud, dispensa interpretação ou análise.

Assim, tendo o cuidado de não interpretá-la, traremos a escrita poética de Ana Cristina como possibilidade de articulação teórica em alguns momentos, pois ela aponta para as inquietações próprias de seu universo psíquico. Descreve, com isso, algumas características

que reconhece em si mesma, e outras como sendo de **Ana Cristina**², que parece foracluída, mas que ali está amalgamada. Isso faz eco à afirmativa lacaniana de que a mulher não tem um significante que a represente no sexo, não estando, portanto, totalmente submetida à castração. Ou seja, parte de sua subjetividade permanece **não-toda** castrada. Isso é dito por Lacan da seguinte forma:

Naturalmente, ao nível do que funciona, isto é, a função fálica, há simplesmente uma discordância já mencionada, a saber, de um lado e do outro não se está, desta vez, na mesma posição, de um lado se tem a Universal fundada sobre uma relação necessária à função fálica, e de outro lado, uma relação contingente, pois a mulher é 'não-toda' (LACAN, 1971 apud PRATES, 2001, p. 95- grifo do autor).

Diante de tal constatação lacaniana, nos vimos impedidos de traçar uma representação única que considerasse todas as mulheres como num conjunto, pois mesmo que estejam sob a égide da organização fálica, como na neurose, ainda assim, só se tem acesso ao que sobrou do efeito do recalque – o que faz da linguagem um agente limitador. Por isso, é preciso que elas sejam investigadas para além da castração, num processo que supõe um funcionamento complexo que decorre da proximidade com o indizível, ou seja, o real – num gozo que marca o real do corpo e que não se enlaça com o gozo fálico, justamente por apresentar uma lógica particular de funcionamento (e, nesta lógica, elas só podem ser contadas uma-a-uma).

Ana Cristina nos possibilita vislumbrar a mulher como em **dois polos**³. Segundo ela, os mistérios do feminino podem ser descritos como: um fenômeno mor, e/ou um lapso sutil. Isso talvez se distancie do significado que teríamos caso decidíssemos nos sustentar pelo sentido das palavras.

Quanto ao fazer uso das palavras e seu significado, **fenômeno**, segundo o dicionário, é uma palavra em Latim escrita do seguinte do modo: *phaenomenon*. Dentre os vários sentidos que lhe são atribuídos, destacamos o que diz ser “tudo que é percebido pelos sentidos ou pela consciência” (AURÉLIO, 2010, p. 345). Quanto à expressão **mor**, é desciminada como adjetivo que serve para os dois gêneros e sincopado (uma redução ou corte da palavra) de maior.

A palavra **lapso**, nessa mesma perspectiva, pode ser reconhecida como advinda do Latim *lapsu*, cujo significado quer dizer: espaço no tempo ou engano involuntário (AURÉLIO, 2010, p. 458). Por último, **sutil**, em Latim *subtile*, pode significar: tênue,

² Fazer uso de seu prenome foi uma opção da poetisa para descrever algo de sua feminidade, o que corroborou com a articulação teórica aqui proposta.

³ Não faz menção a uma divisão psíquica, mais sim, segundo Prates (LACAN, 1971 apud PRATES, 2001, p.95), ao que permanece castrado e não castrado, ou, dito de outro modo, o que está todo e não todo.

delgado, agudo, fino, muito miúdo, feito com delicadeza, entre outros. Foram apresentados alguns dos sentidos oriundos do dicionário, porém, para o texto, tais palavras em conjunto fazem alusão à constituição da mulher, ou melhor, de sua posição diante da castração e fora dela.

Fenômeno mor faz menção à posição da mulher na neurose, ou seja, submetida à castração. Com relação à expressão **lapso sutil**, significa dizer de seu posicionamento, onde a castração não é referência e, por esse motivo, o encontro com o real e seu gozo tem uma particularidade de difícil descrição. Apresentamos, assim, a partir dessas expressões, a tentativa de aproximar o *Soneto* de Ana Cristina da psicanálise lacaniana e do mistério sempre afirmado e reafirmado por Freud durante todo o seu percurso teórico-clínico.

Da poesia contemporânea de Ana Cristina Cesar ao nascimento da psicanálise, a mulher se apresenta como mistério a ser desvendado, pois devido a sua singularidade genital, foi definida por Freud (1926/1996, p. 205) como “continente negro”. Importante destacar que, num primeiro tempo de sua obra, expressou claramente sua inquietação sobre a vida psíquica da mulher, apresentando-a como esse mistério que o artista deveria desvendar, pois, dela, só ele teria uma aproximação maior a ponto de poder dizer alguma coisa seu respeito (FREUD, 1893-1895 /1996). Num segundo momento, Freud (1926/1996) a assemelha a um **continente negro**, expressando, assim, a dificuldade em circunscrevê-la em sua totalidade psíquica, principalmente a partir de sua organização sexual.

A analogia da mulher com um continente negro se deu após analisar crianças de ambos os sexos, e concluir que: num determinado tempo da infância não é possível identificar a existência de um segundo órgão sexual feminino. Nesse caso, só o masculino passa pelo reconhecimento infantil, não ficando clara a distinção anatômica entre os sexos, o que concretiza um monismo sexual. Visto desse modo, a sexualidade feminina se mantém velada e o órgão sexual feminino desconhecido, conforme esclarece Freud:

Outra característica da sexualidade infantil inicial é que o órgão sexual feminino propriamente dito ainda não desempenha nela qualquer papel: a criança ainda não o descobriu. A ênfase recai inteiramente no órgão masculino, todo o interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não. Sabemos menos acerca da vida sexual de meninas do que os meninos. Mas não é preciso envergonhar-nos dessa distinção; afinal de contas, a vida sexual das mulheres adultas é um ‘continente negro’ para a Psicologia. (FREUD, 1926/1996, p. 205-206).

Por isso, em Freud a mulher é um **continente negro** e, em Lacan, **A mulher não existe**. *A mulher não existe* foi mais um dos aforismos lacanianos polêmicos, ao dizer da

impossibilidade da existência dela por conta da ausência de um significante que a representasse com a mesma consistência do falo junto à lógica simbólica. No entanto, o falo de alguma forma a acolhe, mas não em sua totalidade, pois algo fica de fora e a faz gozar por outra via.

O gozo Outro ou suplementar trata-se de um gozo do real ao qual ela está mais susceptível, devido sua constituição psíquica, e isso a afetando diretamente. A falta do significante norteador, como é o falo para a ordem fálica, permite a afirmação de que ela não existe. Na ordem fálica, todos gozam do significante mestre, inclusive a mulher; mas, fora dessa ordem, a modalidade gozosa é outra. Do lado que ela não existe está o real.

Fuentes (2012, p. 40) busca esclarecer essa máxima lacaniana do seguinte modo: “a mulher não existe e o real mesmo não tem sexo, isso implica assumir que a mulher só existe como um dos nomes desse gozo real, inominável como tal”. A autora ainda acrescenta que, longe de denegrir as mulheres ou negá-las, dizendo que não existe, o que se quer afinal afirmar é a não existência de um significante que dê conta de representá-las no inconsciente.

Asnoun (2012, p. 113), embasada na teoria freudiana, nos diz que o sujeito histérico fez com que Freud propusesse a hipótese do inconsciente. Com isso, a noção de sintoma pôde ser elaborada como uma posição subjetiva, que se ancora no corpo, sofrendo, assim, os efeitos da linguagem. O que remete à anatomia passou a ocupar o segundo plano. Quanto ao lugar conferido a mulher em Freud, não foi a primeira vez e nem seria a última que ocuparia lugar privilegiado. Em outros momentos, ela reapareceu causando inquietação junto à clínica psicanalítica.

A temática que inquietou Freud, Lacan e tantos outros estudiosos, começou a me provocar questões a partir da escuta clínica, quando constatei que a maioria dos pacientes que buscavam atendimento junto à minha clínica eram mulheres com queixas relacionadas à questão do corpo e fenômenos que pareciam associados a sua complexa subjetividade. Isso vai ao encontro da seguinte elaboração de Freud (1933[1932]/1996, p. 117): “de acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir –, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual”.

Esse ponto é fundamental para a discussão desse trabalho, pois, de saída, já temos a declaração freudiana de que a mulher não nasce mulher, mas sim **torna-se mulher**, num processo psíquico complexo e de longa duração, até alcançar o que Freud (1933[1932]/1996) chamou de feminilidade. Ora ele falou em **Feminilidade**, ora em Feminino, sem uma diferenciação precisa no momento de empregar tais substantivos. Mas, é certo que, ao

constituir suas elaborações acerca do Édipo, disse que a Feminilidade era uma etapa que a mulher teria que alcançar, como em um desafio.

Com Lacan, as investigações partiram de uma importante elaboração, ou seja, quando ele afirma que elas não nasceram castradas, mas sim privadas. Lacan parte (1956-1957/1995) das constatações freudianas de que a mulher já nasce castrada e, por isso, deverá sofrer as consequências dessa operação, como todos os outros. No entanto, ela não está apenas nessa condição, pois nela a castração não operou com sucesso, o que a submete a um funcionamento complexo que tem tênue fronteira com o inominável, o real.

Ao dar escuta ao sofrimento das histéricas, Freud começou a construir a psicanálise, pois daí surgiram os questionamentos acerca da subjetividade feminina. As crises histéricas apontavam para um funcionamento psíquico que precisava ser investigado. Com isso, iniciaram-se as pesquisas rumo ao universo feminino na tentativa de desbravar a subjetividade da mulher histérica. Na obra freudiana, isso pode ser verificado logo em seus primeiros escritos, como o *Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim*, de 1956[1886]. O relatório descreve a experiência clínica junto ao hospital psiquiátrico de Salpêtrière, cuja maioria das pacientes internadas era mulheres com doenças nervosas crônicas.

As investigações clínicas freudianas a respeito da subjetividade feminina avançaram ao longo de sua obra, possibilitando, assim, a construção de vários conceitos que passaram a compor a teoria psicanalítica. Dentre os conceitos relevantes para o estudo do feminino, está o complexo de Édipo, em especial, a fase pré-edípica, por caracterizar um momento especial na constituição psíquica da menina. Freud (1925/1996) constatou que a fase pré-edípica ocorre de forma mais demorada na menina, o que a permite entrar no Édipo somente quando consegue afastar-se da mãe – seu primeiro objeto amoroso –, para lançar-se em direção ao pai, e, assim, finalmente fazer sua entrada no Édipo.

Ao final de sua obra, novamente a mulher é contemplada em suas construções teóricas e clínicas na conferência *Feminilidade*, de 1933[1932]. Essa foi a última conferência freudiana, cujo objetivo era ratificar e, ao mesmo tempo, propor novas possibilidades para pensar enigma do feminino. Assim, a subjetividade feminina na obra freudiana representa um enigma a ser decifrado.

Para além da psicanálise, as evidências históricas deixam claro que a mulher sempre esteve em lugares diferentes dentro da sociedade. Consequentemente, alguns predicados lhe foram sendo endereçados como forma de designá-la, mesmo que fosse de modo superficial. Ainda hoje a observamos sendo descrita como: frágil, sensível, adorável, doce, meiga, louca, fingida, histérica, descontrolada, possuída; em linhas gerais, difícil de ser compreendida.

Verificamos que alguns dos predicados a ela atribuídos, alcançaram extremos de definições, indo de um pólo a outro. Da dama à prostituta. Da santa à bruxa. Da equilibrada à louca. Tal posicionamento com relação à mulher tem atravessado o tempo, desde a mulher bíblica do criacionismo até a mulher da sociedade atual.

Ao abordarmos a mulher em nosso tempo, presenciamos alguns fenômenos, em particular, sendo atribuídos a elas. Dentre eles, podemos destacar: depressão, adoecimentos excessivos no corpo, síndrome do pânico, anorexia, bulimia, entre outros sintomas descritos pelo saber médico. Com relação à sustentação da beleza, são observados cuidados excessivos com o corpo, traduzindo-se no consumo exagerado de produtos, regimes rigorosos, uso de medicamentos para auxiliar o processo de emagrecimento, e, ainda, cirurgias plásticas que, não só mascaram as chamadas imperfeições, como também fazem verdadeiras transformações em seus corpos.

Enquanto isso, outras mulheres queixam-se da dificuldade de manter seus relacionamentos e, também, do conflito entre a atuação profissional e a possibilidade de ser mãe, além de tantas outras intempéries que caberiam ser citadas. Isso, Fuentes (2012) descreveu como padecimento histórico, pois elas rejeitam o não-todo para se agarrarem à organização fálica, o que gera um impasse subjetivo, como explica a autora.

Contudo, já tem algum tempo que as mulheres têm movimentando a sociedade, através de: programas televisivos voltados a atendê-las em suas necessidades; matérias midiáticas que contemplam assuntos particulares; produção de revistas especializadas; e oferta de serviços por profissionais de diversas áreas. Todas essas movimentações, entre outras que poderíamos elencar, apontam para o surgimento de um interesse particular em atendê-las em suas demandas psíquicas, sociais e materiais. Ao parafrasear Kierkegaard, Fuentes (2012) nos diz:

Ser mulher é desde sempre uma invenção – quando o casual é a essência [...] que envolve não somente as condições socioculturais e as relações de poder numa dada cultura, mas resulta de uma posição subjetiva singular construída a partir do encontro contingente do corpo com a língua materna pela qual o sujeito foi falado, e de uma insondável decisão do ser frente ao encontro contingente com o real do sexo, para a qual o cenário edipiano eventualmente se presta como ficção (KIERKEGAARD, 1844 apud FUENTES, 2012, p. 45).

Freud comprometeu-se com a mulher quando decidiu dar escuta às históricas e Lacan, em seus retornos a obra freudiana, contribuiu para que ela fosse contemplada durante suas investigações teóricas e clínicas. Por isso, é mister fazer o seguinte questionamento: como Freud e Lacan conceberam a mulher ao longo de suas obras? Quais os pontos de entendimento e reflexão que os aproximaram e quais os que os distanciaram? Para tanto,

percorremos as respectivas obras, sempre nos apoiando nos textos clássicos que retrataram tal temática, com o intuito de verificar e analisar as articulações que foram consolidadas a esse respeito.

Para isso, para o embasamento teórico, farei uso de alguns dos textos freudianos, em conjunto com elaborações teóricas lacanianas expressas em escritos e seminários, visto que esse trabalho é de cunho teórico. A escolha por destacar apenas alguns textos específicos freudianos e alguns momentos da obra lacaniana deu-se devido à complexidade que tal temática alcançou em ambas as obras. Isso tendo ocorrido, ficou impossível prosseguir sem estabelecer um limite, em função do tempo destinado à finalização da pesquisa.

O arcabouço teórico que sustentou esse trabalho dissertativo iniciou com os seguintes textos freudianos: *As neuropsicoses de defesa*, de 1894; *A etiologia da histeria*, de 1896; *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*, de 1919; *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*, de 1923; *A dissolução do Complexo de Édipo*, de 1924; *O problema econômico do masoquismo*, também de 1924; *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925; *A questão da análise leiga*, de 1926; *Sexualidade feminina*, de 1931; e *Conferência XXXIII. Feminilidade*, de 1933[1932]. No que remete à obra lacaniana, privilegiou-se os seminários a seguir: *A relação de objeto*, de 1956-1957; *Ou...pior*, de 1971-1972; *Mais, ainda*, de 1972-1973; e, de forma pontual, alguns textos e seminários nos quais Lacan fez considerações a respeito da mulher.

O trabalho de pesquisa teórica aqui desenvolvido se sustenta no método psicanalítico, cuja principal característica é estar apoiado na interface constante entre a teoria e a clínica. Para Freud, o método psicanalítico, por si só, configura-se como uma metodologia de pesquisa diferenciada da objetividade exigida pela ciência moderna, o que significa dizer que pesquisar em psicanálise não se trata de mensurar, quantificar, mas sim, avançar em busca da verdade de cada sujeito particular em sua constituição.

Para Lacan (1953-1954/2009, p. 33), a verdadeira pesquisa em psicanálise não pode seguir os estilos de outras pesquisas científicas, pois o seu domínio é a verdade do sujeito, uma vez que “A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e mesmo objetivamente, do método científico comum”. Mais adiante, ele diz: “[...] a análise como ciência é sempre a ciência do particular [...] mesmo que esses casos singulares se prestem não obstante a alguma generalidade” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 33).

Para tanto, essa dissertação é composta de três capítulos: iniciamos com as históricas, que foram fonte de investigação clínica primordial para Freud; em seguida, passamos pela

questão da sexualidade, em conjunto com a estruturação edípica e todos os desdobramentos para a mulher; e, finalmente, chegamos em Lacan, que parte de Freud e elabora outras possibilidades de pensar a mulher em sua posição psíquica.

No primeiro capítulo, intitulado **Pergunto aqui se sou louca: a histérica em seu ato endereça uma questão a Freud**, a mulher é apresentada a partir da figura da histérica que, com seus sintomas, inaugurou a teoria e a clínica freudiana. Em meio a tantas idas e vindas da obra freudiana, é preciso ressaltar que foi no divã de Freud que a mulher começou a ocupar um espaço junto à clínica psicanalítica. A participação das histéricas permitiu elaborações e discussões relevantes a respeito da sexualidade. Assim, os sintomas histéricos, aos poucos, puderam ser desvendados em Freud.

No segundo capítulo, **A sexualidade feminina em Freud**, partimos da concepção de sexualidade masculina para, na sequência, traçar um paralelo em direção à sexualidade feminina. Passamos pelos tempos mais importantes de subjetivação psíquica da mulher, que começa com o enlace materno e arrasta-se até o Édipo, trazendo com isso suas consequências.

Já o terceiro e último capítulo, que nomeio como **As contribuições lacanianas para a compreensão do feminino**, é o momento de pesquisar o “como” a mulher pôde ser compreendida em Lacan, o que, por conseguinte, implica algumas de suas elaborações pós-freudianas acerca dela. Nessas elaborações, ele investiga os efeitos do simbólico e do real para o psiquismo da mulher, ou seja, o significado do “toda” e “não-toda”. Por último, trazemos a posição da mulher junto à fórmula da sexuação, assim como a modalidade de gozo que, nesse caso, a contempla.

1 “PERGUNTO AQUI SE SOU LOUCA”: A HISTÉRICA, EM SEU ATO, ENDEREÇA UMA QUESTÃO A FREUD

*“Pergunto aqui se sou louca
Quem quer saberá dizer
Pergunto mais, se sou sã
E ainda mais, se sou eu”.*

Ana Cristina Cesar

Num tom poético a mulher se revela como um segredo a ser desvendado, conforme mostra a estrofe em destaque. A primeira linha do poema de Ana Cristina faz surgir a frase que dá título a esse capítulo: “Pergunto aqui se sou louca [...]”. Diante dessa expressão poética, nos aproximamos do que foi o ponto de partida da investigação freudiana, pois foi focando seus estudos junto à loucura feminina – ou, mais especificamente, com a escuta clínica das histéricas –, que Freud elaborou, inicialmente, a psicanálise.

Importante destacar que a sequência escolhida para a realização da escrita desse trabalho teve como foco a sequência das datas dos textos elaborados e, consequentemente, o que cada um trazia de novo para a teoria psicanalítica. Portanto, a escrita do texto muitas vezes retoma alguns tópicos citados anteriormente, no sentido de seguir o encadeamento freudiano. Isso reforça a tese de que a obra freudiana parte de um ponto de discussão, mas sempre o retoma para possibilitar novas discussões.

No texto freudiano *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/1996), a mulher foi descrita a partir da figura da histérica. Tal compreensão se deu pelo fato de que ambas traziam em si a dimensão do desconhecido para que fosse investigado, examinado, analisado e estudado. Assim sendo, Freud não recuou diante desse desafio e iniciou seu percurso clínico e teórico. Em vários momentos de sua obra, a mulher é tomada como objeto de estudo. Isso começa com os escritos feitos a partir da escuta clínica de suas primeiras pacientes histéricas e, paralelamente, com a elaboração dos conceitos e da técnica psicanalítica. Os estudos a respeito da mulher progridem até suas últimas conferências, dando a esta um lugar singular e de dimensão psíquica complexa.

Quanto ao lugar da histérica na teoria psicanalítica, Soler (2005, p. 9) fez o seguinte comentário: “Freud não teria inventado a psicanálise sem a amável colaboração das histéricas”. Zalcberg (2003, p. 18) compartilha da mesma opinião e acrescenta, de forma metafórica, que a psicanálise nasceu do ventre das histéricas, pois, do impasse da gravidez “psicológica” de Anna O., Freud desenvolveu alguns de seus mais importantes conceitos

teóricos – como a noção de sintoma, o inconsciente, a transferência e, principalmente, o que conhecemos até hoje sobre a técnica psicanalítica. Para além da clínica com as histéricas, Duba (2009, p. 45) afirma que Freud fundou a “cultura do inconsciente”.

As histéricas do tempo de Freud eram mantidas reclusas em hospitais psiquiátricos e passavam por tratamentos paliativos, cujo objetivo era a eliminação do sintoma ou o controle das crises nervosas, uma vez que o principal foco destes “procedimentos” era manter a loucura feminina fora do espaço social. Esse tratamento era conferido àquelas mulheres que, por algum motivo, apresentavam comportamentos diferentes dos aceitos socialmente – como a permanência em atividades internas ao lar. Birman (2006), ao narrar esse tempo, explica que à mulher era concedida a governabilidade do espaço privado, e ao homem, o espaço público.

Em *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna*, Freud (1908a/1996) discutiu as consequências psíquicas vivenciadas pela mulher ao manter-se restrita ao ambiente social. lhe sendo permitido o livre circular somente junto ao âmbito familiar. Assim, o casamento era uma forma de delimitar sua circulação. Ou seja, a ela era concedida a oportunidade de participação social apenas quando na presença do marido, e no caso das mulheres solteiras, com seus familiares.

Zalberg (2007) e Kehl (2008) também descreveram a mulher desse tempo e reafirmaram as doenças nervosas como consequências do cerceamento social, conforme Freud (1908a/1996) já havia afirmado anteriormente. Zalberg (2007) destaca o amor como possibilidade de cura e, também, de um mais intenso sofrimento psíquico na mulher, em função de sua organização subjetiva. Kehl (2008), por sua vez, elege um importante romance do século XIX – *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert – para realizar discussões e contextualizar a mulher em seu lugar na sociedade e em seu sofrimento psíquico junto ao tempo freudiano. Essa é a mulher vitoriana.

A mulher vitoriana do século XIX – ou melhor, a mulher do tempo freudiano – era a consequência de uma sociedade restritiva e por isso sua posição subjetiva estava longe de ser compreendida pela sociedade de seu tempo. Frente a esse cenário, surgem as doenças nervosas e, consequentemente, o diagnóstico de histeria. Nesse caso, a histeria sinalizava o sofrimento psíquico e a falta de espaço da mulher no contexto social em questão.

Quanto ao tratamento destinado às histéricas, este era paliativo, com a finalidade de eliminar o sofrimento no corpo, sem compromisso com o sofrimento psíquico, deixando-as a mercê do mal estar que transbordava para além do corpo. Com relação à forma de diagnóstico, Costa (2007, p. 79) acredita que a consolidação da histeria enquanto doença começou justamente pela valorização dada ao órgão do corpo responsável pela conversão

histórica, pois este, uma vez comprometido, era visto como a marca central da doença. Assim, o órgão era tomado como objeto de representação. Porém, diante da impossibilidade de comprovação do adoecimento pelo saber médico, a doença passou a ser reconhecida como uma farsa ou encenação. Por conseguinte, o órgão foi nomeado como “falso”.

A histeria não podia mais ser submetida a uma generalização diagnóstica, para a qual o protocolo médico era sempre seguido num mesmo formato, sem uma investigação mais precisa dos acometimentos psíquicos. Por outro lado, também não era mais possível acreditar que aquelas mulheres estivessem apenas representando ou encenando, pois ninguém se submeteria a tanto sofrimento e tortura só para representar um papel ou chamar a atenção. Existia algo relacionado ao sintoma histérico que perdurava e que não era passível de ser explicado pelas vias convencionais de avaliação e tratamento. A etiologia do sintoma histérico necessitava de uma investigação mais criteriosa.

Birman (2001, p. 83) destaca que foi o ímpeto freudiano de desvendar esse universo histérico que lhe forneceu toda matéria-prima necessária para a composição do discurso psicanalítico. Mediante esse posicionamento freudiano no século XIX, a hospitalização e a exclusão social, destino comum dos pacientes históricos, pôde ser reconsiderado o que possibilitou um olhar clínico mais voltado para a escuta da lógica do inconsciente e permitiu que a técnica psicanalítica pudesse contribuir para uma nova forma de tratamento.

Então, capturado pela **causa** histórica, Freud passou a investigá-la com dedicação. Em Paris, durante as aulas do neurologista Jean-Martin Charcot, conseguiu enxergar as históricas para além da teatralidade e da **nosografia**. (QUINET, 2005, grifo nosso). As aulas ministradas por Charcot eram realizadas como um espaço clínico de formação, que aproximava os alunos das pacientes históricas com o intuito de aprofundar as investigações e aperfeiçoar o método empregado: a hipnose. Esse foi um dos primeiros passos de Freud em sua busca por desvendar os mistérios dos sintomas históricos. Porém, num segundo momento de sua formação, ele se associou a Josef Breuer, o que lhe deu a oportunidade de aproximar-se pela primeira vez de uma escuta clínica e escrever seu primeiro relato clínico articulado a hipóteses teóricas.

Essa primeira experiência clínica freudiana ocorreu de forma indireta, pois ele não teve a oportunidade de escutar tal paciente, apenas pôde acompanhá-la a partir dos relatos de Breuer, o responsável pelo caso. O caso da gravidez psicológica de uma histórica, Zalcberg (2003, p. 18) descreve e fala das implicações deste caso para a psicanálise do seguinte modo: “[...] encenando seus sintomas históricos, engravidada de uma criança imaginária que é fruto do seu vínculo transferencial com Breuer”. Assim, por não reconhecer que esse sintoma era

comum ao amor que nasce da relação do paciente com o analista, Breuer resolve abandonar o caso.

Breuer decidiu deixar o caso por acreditar que isso pudesse trazer consequências para sua vida conjugal. Freud, por sua vez, como também nos relata Zalcberg (2003), assumiu de forma solitária a missão de continuar pela via teórica o que a escuta não lhe permitira alcançar. Isso não o intimidou, no entanto, ao contrário do que se pensava, o levou a pesquisar a etiologia da histeria e, em seguida, a concepção de neurose e a teoria da sexualidade, o que posteriormente pôde ser considerado como a base da psicanálise.

Anna O. demandou amor do seu analista, possibilitando à psicanálise a criação de um dos conceitos pilares de sua técnica – a transferência. Breuer, como analista condutor do caso, ainda não contava com a elaboração freudiana, pois tal elaboração foi sendo moldada posteriormente. Desse modo, o caso não teve sustentação clínica para prosseguir e culminou com o encerramento do mesmo. No entanto, a parte teórica avançou e outros casos de histeria foram escutados e analisados por Freud, permitindo, assim, a participação da figura feminina na construção da psicanálise.

Hoje, após elaborações freudianas, sabemos que é justamente a transferência de amor da paciente dirigida ao analista que permite a condução do tratamento. Sabemos também que a paciente histérica provavelmente tentará usar seu potencial de sedução para dar, ao tratamento, a direção que lhe parecer mais adequada.

Conclusão: Freud proporcionou um lugar à mulher em sua obra a partir da demanda histérica, como nos diz Regina Neri (2005) ao comentar a citação de G. Fraisse:

[...] a psicanálise se constitui como primeiro discurso que se funda numa interrogação sobre o feminino, colocando no cerne de sua interrogação a questão da diferença sexual. Em que medida 'esse outro discurso' que vem subverter a ordem da razão seria tributário da emergência 'desse outro, o feminino', que, excluído por séculos da civilização da razão, surge nesse momento sobre a cena histórica (NERI, 2005, p. 11).

O percurso de Freud até a construção da psicanálise teve como base a medicina, fazendo com que a estruturação do método psicanalítico ocorresse em função de seus contatos com profissionais de sua área, como Charcot e Breuer. Ambos possibilitaram o nascimento da clínica psicanalítica.

Sendo assim, a finalidade dessa primeira seção do texto será descrever, em linhas gerais, o percurso freudiano até as descobertas da etiologia da histeria. Percurso este que

contribuiu não somente para o entendimento do sintoma histérico, como também para a compreensão do psiquismo feminino.

1.1 FREUD, A MEDICINA E A MULHER HISTÉRICA

A medicina foi o caminho que conduziu Freud até a escuta clínica da mulher histérica e promoveu mudanças em suas pesquisas teóricas e clínicas. A esse respeito, Birman (2010) nos lembra que a relação inicial de Freud com as histéricas teve como embasamento teórico e clínico sua formação como neurologista. A neurologia tinha um padrão de intervenção diferente das demais especialidades da medicina.

O paciente assistido pela neurologia não ocupava um lugar de passividade como esperado pelas demais especialidades. A este era permitido – e, ao mesmo tempo, necessário – posicionar-se de forma mais ativa durante a avaliação clínica para que, ao final, pudesse se chegar a um diagnóstico e, conseqüentemente, a um tratamento adequado.

A proposta clínica advinda da neurologia, num primeiro momento, assemelhava-se às demais clínicas da medicina – ou seja, preconizava a apresentação da queixa para que esta pudesse ser investigada pelo saber médico. Porém, tal procedimento necessitava da implicação do paciente com seu sintoma, mesmo que se limitasse ao momento de descrevê-lo. Então, após as descrições do sintoma, chegava-se ao diagnóstico e, conseqüentemente, aos procedimentos necessários ao tratamento. Portanto, essa foi a base clínica vivenciada por Freud em seu percurso primeiro dentro da medicina.

Da neurologia, Freud trouxe o que, no futuro, seria entendido como o singular de sua clínica, isto é, levar o paciente a falar sobre seu mal-estar psíquico. Então, ele tomou essa característica da prática neurológica e prosseguiu ainda mais no sentido de não focar somente na queixa trazida pelo paciente, mas, sobretudo, de introduzir nela a “[...] dimensão do diálogo e do discurso [...]” (BIRMAN, 2010, p. 32).

Desse modo, Freud aos poucos construiu os pilares da psicanálise e também os procedimentos clínicos para a sustentação da técnica. Isso provocou um giro na posição do paciente com relação ao saber médico, pois durante o diagnóstico o paciente passou a oferecer não somente seu corpo para o exame clínico, mas também a falar de sua queixa e, de alguma forma, começar a se comprometer com sua doença e também com a possibilidade de cura.

Em sua escuta clínica, Freud subverteu o modo de realização do protocolo médico e deixou de lado a hipnose para, em seu lugar, inserir a associação livre. Soler (2005), reportando-se a esse momento, nos diz que foi por volta de 1892, no outono, que Freud

apostou na associação livre em detrimento da hipnose. Isto fez com que Anna O. fosse considerada a paciente que contribuiu para o avanço da ciência e também para a concretização da teoria psicanalítica.

Para Soler (2005), assim como para Neri (2005), a identificação do mecanismo psíquico responsável pela produção do sintoma histérico se apresentava para Freud na medida em que as histéricas começavam a falar de suas mazelas, ou melhor, de seus sofrimentos psíquicos que ultrapassavam os limites do corpo. Logo, Freud levantou uma hipótese que aos poucos foi confirmada, ou seja, tratava-se de conflitos inconscientes e de ordem sexual.

Para Prates (2001), a hipótese freudiana presente no texto *Estudos sobre a histeria* era: “[...] a sexualidade como fonte de traumas psíquicos desempenha um papel fundamental na psicogênese da histeria e inaugura não apenas a psicanálise, mas uma maneira de pensar o fenômeno sexual”. Assim, Freud confirma a hipóteses de que parte dos fenômenos sexuais é determinante na configuração das doenças **nervosas**.

Com a hipótese freudiana inscrita, o método psicanalítico foi sendo lapidado e, com isso, um novo procedimento clínico surgiu: o *talking-cure*, ou seja, a fala como possibilidade de cura. Ao descrever as cenas marcantes da infância, a paciente tinha a possibilidade de reconstruir alguns momentos de sua história, o que fez com que Freud apostasse num caminho inédito que o conduziria até a causa do sofrimento histérico.

A próxima conclusão é a de que as histéricas sofrem de reminiscências. De posse dessa confirmação, compreende-se que a eliminação do sintoma só seria possível caso elas conseguissem remontar algumas das cenas mais marcantes de seu passado e, assim, chegar ao motivo que causou o surgimento do sintoma. Para tanto, a fala foi tomada como importante método terapêutico, cujo objetivo era tornar os conteúdos inconscientes em conscientes (ZALCBERG, 2003). Isto permitiu outra descoberta, da existência de um mecanismo que impedia que os conteúdos inconscientes fossem trazidos à consciência com facilidade. Estava-se diante dos efeitos do recalque, um mecanismo capaz de bloquear os conteúdos que provocavam sofrimento ao paciente.

Os mistérios que envolviam o surgimento dos sintomas histéricos conduziram Freud à elaboração de um modelo de funcionamento psíquico, chegando, assim, à invenção do inconsciente para a psicanálise. Seguimos então, fazendo um breve percurso do que foi a descoberta do inconsciente para a psicanálise, que começou com a demanda da mulher histérica e avançou no sentido de abarcar toda a constituição psíquica, independente do posicionamento sexual.

1.2 A PSICANÁLISE INVESTIGA PARA ALÉM DA CONSCIÊNCIA

Neri (2005) nos convida a retomar o texto freudiano, intitulado *Algumas observações gerais sobre ataques histéricos*, porque logo nas primeiras linhas Freud (1909[1908]/1996, p. 209) descreve os ataques histéricos da seguinte forma: “[...] não passam de fantasias traduzidas para a esfera motora, projetadas sobre a motilidade e representadas por meio de mímica”. Freud (1909[1908]/1996, p. 209) ainda avança um pouco mais em suas articulações teóricas e acrescenta que “[...] as fantasias são inconscientes, mas, com exceção desse detalhe, são da mesma natureza das fantasias que podem ser observadas diretamente nos devaneios ou que podemos inferir da interpretação dos sonhos noturnos”. Desse modo, o sonho poderia ser um meio legítimo de substituição de um ataque histérico, segundo ele.

Os conteúdos psíquicos até então marginalizados pela consciência podiam ser decifrados por se tratarem de uma produção do inconsciente, ou melhor, de produções criadas fora do mecanicismo da consciência. Os sintomas histéricos também eram tidos como frutos de tal produção, podendo, assim, ser considerados como um caminho até o inconsciente. Mas, a esse respeito, Freud (1909[1908]/1996) nos alerta que não se tratava de um processo tão simples, pois precisaríamos contar com os efeitos da censura e das distorções comuns ao mecanismo da inconsciência. Assim, tão logo tentássemos descrevê-los, perceberíamos a dificuldade em relatar com precisão o ocorrido na vida psíquica, pois sempre algo se perde ou, permanece inacessível a consciência.

Portanto, o sintoma histérico era uma formação inconsciente que compunha não somente a esfera psíquica feminina, mas, também, uma formação comum a todo neurótico. Aqui, se dá a noção de sintoma para a psicanálise. Seguindo essa construção teórica, Freud (1909[1908]/1996) distancia-se do amparo da razão e do suposto equilíbrio do “eu” e caminha rumo a um sentido possível para a loucura, pois, o que se sabia era que estava por ruir a sustentação de linearidade entre o pensar e o agir proposto pelos pensadores da época.

Portanto, supor equilíbrio também supunha desequilíbrio – foi neste contexto que a loucura ocupou lugar, não se enquadrando ao normativo sugerido pelo saber médico e social. O reflexo disso estava contido nos atos histéricos, observados em condutas descontroladas que personificavam a loucura, causando, assim, um furo no saber médico que não conseguia responder ao que provocava tais sintomas e, nem mesmo, realizar um tratamento que pudesse eliminar o sofrimento (BIRMAN, 2010).

O saber médico assumiu tal demanda e se propôs a resolvê-la ao seu modo, assim foi feita a instituição das descrições nosográficas, cuja função era catalogar os sintomas e

*data se
passou
a ideia
de análise*

determinar as doenças psíquicas mediante classificações que, teoricamente, facilitariam a finalização diagnóstica. Nessa perspectiva, passou a existir a clara divisão entre os indivíduos portadores de doenças mentais e os não portadores. Assim, a histeria, não diferente de outros transtornos mentais, também foi catalogada (QUINET, 2005).

O paciente psiquiátrico, alforriado da consciência, estava distante do padrão de equilíbrio catalogado nos parâmetros do saber médico. Isso também incluía as histéricas de Salpêtrière que estavam sob a égide da institucionalização psiquiátrica, a qual primava pelo aprisionamento daqueles que não tinham condições de responder pelos seus atos, ditos como inimputáveis pela lei. Desse modo, as histéricas – ou melhor, as loucas –, eram hospitalizadas e submetidas ao protocolo padrão de tratamento. Afinal, como era possível deixá-las soltas? (QUINET, 2005).

Nota-se que toda a discussão acerca do que é consciência e inconsciência – ou, mais precisamente, sobre o que divide os homens loucos dos não loucos – tinha sustentação orgânica, permitindo por muito tempo a utilização de técnicas terapêuticas psiquiátricas invasivas, cujo objetivo era manter o paciente dominado, controlado. Caso não fosse possível, melhor seria mantê-los longe do vínculo social.

A psicanálise contribuiu para subverter o posicionamento descritivo das patologias psiquiátricas – principalmente com relação à histeria –, dando aos conteúdos inconscientes a devida relevância, no sentido de dizer que para além dos sintomas histéricos algo precisava ser investigado, e não simplesmente caracterizado como inconsciência ou incapacidade do paciente de dominar seus atos. O inconsciente freudiano começava a ser elaborado, embora bem distante da noção de inconsciente que concebemos ao final de sua obra.

A mulher e o inconsciente têm em comum o mistério com que apresentam sua lógica de funcionamento, o que nos direciona a questionar: o que ainda estaria por ser descoberto? Ambos retratam o desconhecido, o enigmático, num universo cuja linguagem não alcança sua totalidade e, por isso, sua lógica de funcionamento não consegue ser toda compreendida. Isso nos faz pensar que não foi por acaso que, a partir das pesquisas a respeito da posição subjetiva da mulher, Freud chegou até a descoberta do inconsciente.

Voltando à noção de inconsciente, para Cabas (2009), o inconsciente freudiano surge como um novo objeto que, ao ser tomado por Freud, possibilitou articulações teóricas inéditas a partir da escuta clínica. Assim, com a postulação do inconsciente, o discurso histérico, inicialmente, pôde ser atrelado às questões sexuais. Por outro lado, o “eu” já não podia mais ser entendido somente pela via da consciência, pois os fenômenos da ordem do inconsciente não deixavam de se inscrever. Isso estava posto nos sintomas e atos histéricos.

Com a confirmação da existência do eu consciente e inconsciente, nasce uma inquietante afirmação presente no texto *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*: – “o ego não é o senhor da sua própria casa” (FREUD, 1917/1996, p. 153). Para explicar sua declaração, Freud (1917/1996) começou por descrever os três severos golpes vividos pela humanidade, sendo o primeiro, o golpe cosmológico, que tirou a Terra da posição de centro do universo, tese esta proposta por Copérnico.

O segundo golpe, o biológico, foi favorecido pelas pesquisas e constructos teóricos do biólogo Charles Darwin que, ao estudar a evolução das espécies, confirmou a hipótese de que o homem surgiu do animal. Com isso, novamente, o homem tem sua posição abalada, sobretudo, com relação à crença criacionista de que ele teria nascido da vontade divina (Adão e Eva, segundo a Bíblia).

E o terceiro e último golpe, o de natureza psicológica – o mais significativo para nossos estudos, e também o mais emblemático –, abalou a crença do homem de que podia manter sob controle sua vida psíquica. Segundo Freud (1917/1996), o golpe psicológico foi o que promoveu o nascimento da terceira, e talvez maior, ferida narcísica da história da humanidade, já que, até então, acreditava-se ter o domínio sobre a consciência – o que supunha a supremacia do “eu consciente” sobre a parcela “eu desconhecido”.

Em paralelo às constatações dos conteúdos inconscientes, ocorreram também as teorizações sobre a sexualidade. A esse respeito, Freud declarou que:

[...] a vida dos nossos instintos sexuais não pode ser inteiramente domada, e [...] que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança –, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que *o ego não é o senhor da sua própria casa* (FREUD, 1917/1996, p. 152-153, grifo do autor).

A despeito da declaração freudiana, Guerra (2010, p. 136) comentou que “[...] Freud surge com a ferida mais profunda da ‘alma humana’: o homem não é o senhor nem de sua própria morada, nem em seu próprio eu, que é submetido, ele próprio, à determinação inconsciente”. Essa desconfortável constatação confrontou a noção de funcionamento psíquico até então validada e, sobretudo, trouxe à baila a temática tão polemizada da sexualidade humana.

Assim, não sem consequências, tais constatações começaram a invocar novos padrões para pensar o sujeito em sua vida psíquica e sexual. De forma geral, podemos citar, por exemplo: a desvinculação do órgão genital como explicação final para a diferenciação entre os sexos; a constatação da vida sexual precoce, desconstruindo a noção da criança como o

anjo assexuado; e, o ponto de maior relevância para nossa próxima discussão, que são os sintomas histéricos e sua etiologia a partir de uma nova concepção de sexualidade – entre outros pontos importantes da teorização da psicanálise. Conclusão, não era mais possível compreender a demanda histérica pela via do sofrimento físico ou mesmo a partir dos ataques histéricos, devido ao reconhecimento dos conteúdos inconscientes com sendo de cunho sexual na maioria dos casos estudados.

Dito isto, o próximo passo será investigar junto à obra freudiana o caminho feito para compreensão dos sintomas histéricos, e, ainda, os desdobramentos de tal estruturação para a psicanálise, tendo como foco principal a escuta clínica da mulher histérica.

1.3 OS SINTOMAS HISTÉRICOS, A SEXUALIDADE E O FEMININO

Inicialmente falávamos dos sintomas histéricos para a medicina, mas, sobretudo, do motivo pelo qual Freud resolveu investigá-los. Agora, a finalidade é circunscrever o que Freud escutou e descreveu como sintomas histéricos. Num primeiro momento de sua teorização, ele nos disse assim: “Durante as últimas décadas, é quase certo que uma mulher histérica seria tratada como simuladora, do mesmo modo que, em séculos anteriores, certamente seria julgada e condenada como feiticeira ou possuída pelo demônio” (FREUD, 1956[1886]/1996, p. 45). Elas agiam no total descontrole emocional, fazendo espantar todos a sua volta. Denotavam-lhe, assim, desordem psíquica. A impressão que davam àqueles que a observavam ou as atendiam era a de que estavam tomadas, possuídas por alguma coisa ou alguém. Sendo assim, os que presenciavam tais ataques concluíam que elas eram loucas e estavam fora de controle.

A concepção inicial de Freud (1888/1996, p. 77) sobre a histeria era de “[...] uma neurose no mais estrito sentido da palavra – quer dizer, não só não foram encontradas alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha revelar algumas dessas alterações”. Nessa explicação, é descartada a possibilidade de encontrar a cura para tais afecções apenas mediante tratamento do corpo biológico. Diante de tal posicionamento, a psicanálise direcionou suas investigações para além do corpo físico, como já dito anteriormente.

Em *Comunicação preliminar* (1893-1895/1996), Freud e Breuer escreveram juntos suas últimas descobertas a respeito dos sintomas histéricos, propondo então um método clínico que auxiliasse no tratamento da histeria. Quanto aos resultados obtidos em suas intervenções clínicas, eles, inicialmente, falaram da impossibilidade de chegar à causa do

sintoma apenas por meio de perguntas *direcionadas ao paciente*. Isso porque, muitas vezes, o paciente preferia não falar sobre o que *lhe afligia*; em outros casos, de fato não era possível lembrar o que havia ocorrido; já na maioria das vezes, não existia nenhum elo entre o que tinha causado a doença e o fenômeno patológico. A exceção eram os casos de histeria "traumática", pois o causador do sintoma era o acidente.

Quanto à histeria traumática, o acidente criava a cena traumática, o que fazia surgir o sintoma. Entretanto, nos casos mais comuns de histeria, raramente se observava a ocorrência isolada de um trauma principal, mas "[...] de vários traumas parciais que formam um *grupo* de causas desencadeadoras" (FREUD, 1893[1895]/1996, p. 42, grifo do autor).

Com relação ao efeito do trauma psíquico, cujas lembranças ainda permaneciam vivas, era possível analisar o seguinte: "[...] age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação" (FREUD, 1893[1895]/1996, p. 42). Ou seja, continua a atuar junto à vida psíquica do paciente e não deixa se desvincular de tal acontecimento.

O sintoma histérico, de acordo com as avaliações freudianas, podia ser suprimido de forma individual, imediata e permanente. No entanto, de acordo com Freud (1893[1895]/1996, p. 42, grifo do autor), isso só era possível com a seguinte condição: "*[...] quando conseguimos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possíveis e traduzido o afeto em palavras*". Isto porque, a lembrança sozinha, sem afeto, quase sempre, não produz efeito.

Outra importante descoberta quanto ao paciente histérico foi a de que ele sofria de reminiscências, ou seja, os acontecimentos de seu passado sempre eram revividos com grande intensidade emocional. Freud (1893[1895]/1996, p. 43) nos diz assim a esse respeito: "[...] parece extraordinário que fatos experimentados há tanto tempo possam continuar a agir de forma tão intensa – que sua lembrança não esteja sujeita ao processo de desgaste [...]".

O fato é que, mesmo que as histéricas sofram de reminiscências, nem todas as suas lembranças são de fácil acesso, pois muitas dessas lembranças já foram recalçadas, o que levantou a hipótese da existência de um mecanismo psíquico que impediria o livre acesso das lembranças à consciência. A repressão das lembranças, na maioria das vezes, ocorria devido à intensidade emocional, podendo liberar uma carga muito intensa de sofrimento. Porém, mesmo quando as lembranças pareciam não ser de fácil acesso, ainda assim, o afeto nelas envolvido continuava presente (FREUD, 1893[1895]/1996).

Apesar de as lembranças nem sempre estarem disponíveis à consciência, elas continuam preservadas e acompanhadas de sua carga afetiva. Desse modo, a linguagem – ou mais especificamente, a fala – surge como possibilidade colocar palavras onde faltou a ação, ou mesmo, a elaboração. Com isso, o afeto ocultado pode se ligar a algo que está sendo revivido – como por exemplo, no momento da descrição de um fato importante – e, assim, ser ab-reagido⁴ ou resignificado. Ao final, pode-se extinguir um afeto com o auxílio da associação (FREUD, 1893[1895]/1996).

À medida que o mecanismo de adoecimento histérico começava a ser desvendado, em paralelo, o método psicanalítico também se aprimorava. E com relação ao aprimoramento do método, Freud (1893[1895]/1996, p. 52, grifo do autor) teceu o seguinte comentário: *“ele põe termo à força atuante da representação que não fora ab-reagida no primeiro momento, ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala; e submete essa representação à correção associativa, ao introduzi-la na consciência normal [...]”*. Aos poucos, o uso da fala começou por ganhar espaço na clínica psicanalítica.

O estudo sobre a neurose evoluiu a partir da busca pela etiologia da histeria. Assim, à medida que se buscava entender a causa da histeria, mais se aproximava da constituição da neurose, e, principalmente, da certeza que na etiologia da neurose estavam presentes fatores sexuais que precisavam de mais detalhamento para a compreensão da doença (FREUD, 1893[1895]/1996). Ao chegar a esta conclusão, Freud nos diz:

Seguiu-se a descoberta de que diferentes fatores sexuais, no sentido mais geral, produzem diferentes quadros de distúrbios neuróticos. Tornou-se então possível, na medida em que essa relação era confirmada, correr o risco de utilizar a etiologia com o objetivo de caracterizar as neuroses e de fazer uma distinção nítida entre os quadros clínicos das várias neuroses (FREUD, 1893[1895]/1996 p. 273).

Em *As neuropsicoses de defesa*, é esclarecido que o paciente histérico, até o momento de seu adoecimento, não apresenta nada de diferente em seu percurso de vida. Porém, quando a doença advém, o que se observa é uma dissonância entre a vida que o paciente levava e o adoecimento. Ou seja, surge como se uma representação, uma experiência, ou mesmo um sentimento, provocasse um conflito de tamanha intensidade, fazendo, nesse caso, o paciente optar pelo bloqueio dessa lembrança, ao perceber que é uma aflição que o “eu” não consegue solucionar (FREUD, 1894/1996, p. 55).

⁴ Segundo Chemama e Vandermersch (2007, p. 19, grifo nosso), “[...] quando o afeto e a verbalização da lembrança irrompem simultaneamente na consciência, produz-se a **ab-reação**, que se manifesta por gestos e palavras que explicam tais afetos”. De acordo com Freud (1893/1996), a ab-reação é concebida como um método, no entanto, não é o único método disponível para o tratamento de traumas psíquicos.

Segundo Freud (1894/1996, grifo do autor), a divisão da *consciência* não podia ser apontada como atributo principal da histeria, mas sim *a capacidade de conversão*, isto é, uma disposição em direcionar as excitações somáticas para a inervação somática. A esse respeito, Freud (1894/1996, p. 58) disse o seguinte: “essa aptidão, por si só, não exclui a saúde psíquica, e só conduz à histeria quando há uma incompatibilidade psíquica ou um acúmulo de excitação”. Ao final é necessário que o paciente tenha uma disposição psíquica para que tal excitação possa ser canalizada para o somático.

No texto *A etiologia da histeria*, a cena traumática é considerada como o disparador do sintoma histérico. Mas, para que a cena seja realmente responsável pelo sofrimento psíquico, é necessário que se enquadre em duas condições. A primeira é a adequação para funcionar como determinante, ou seja, o surgimento do sintoma está diretamente ligado à cena. A segunda condição é que, após ocupar seu lugar como determinante, a cena ganhe força e passe a operar com frequência e intensidade (FREUD, 1896/1996).

Assim, a respeito do sintoma histérico – produzido ou não a partir da cena traumática –, o que se tem ao final é a experiência sexual como base para todo sofrimento. Esse seria o fator etiológico determinante para a produção do sintoma histérico. Essa foi a grande virada freudiana, uma vez que a sexualidade passou a ocupar um lugar nunca antes visto ou pensado (FREUD, 1896/1996).

E com isso, Freud (1896/1996, p. 200-201, grifo do autor) defendeu a tese: “[...] na base de todos os casos de histeria, há *uma ou mais ocorrências de experiência sexual prematura*, ocorrências estas que pertencem aos primeiros anos da infância [...]”. Essa tese teve repercussão numa sociedade conservadora como a do tempo freudiano, mas ele não recuou diante do desafio de sua descoberta. No que remete ao tratamento psicanalítico, as pessoas sentiam-se extremamente desconfortáveis ao se depararem com tais experiências infantis. Ou seja, ter os eventos sexuais como ponto de partida para o sofrimento psíquico dificultava a aceitação do tratamento, pois envolvia um tempo pregresso no qual não era possível imaginar a possibilidade da existência da sexualidade como relevante ou determinante. Compõe-se então o grupo das psiconeuroses de defesas ou dos neuróticos, que inclui a histeria. Com isso, não era possível atribuir um único fator para o surgimento do sintoma histérico, pois a causa estava na combinação de fatores que envolviam: a constituição hereditária e pessoal da pessoa; suas experiências de cunho sexual na infância; e, é claro, a frequência com que tais experiências incidiam no decorrer da vida. Temos então uma combinação de fatores qualitativos e quantitativos para que a neurose possa se manifestar.

Contudo, ainda existe a possibilidade de pensar em novos fatores que também possam contribuir para a sua manifestação (FREUD, 1896/1996).

As psiconeuroses de defesa têm um mecanismo próprio de proteção do funcionamento psíquico. Assim, o desencadeamento da histeria pode ocorrer quando surge um conflito psíquico que vem à tona a partir de uma representação incompatível que faz com que o ego se proteja. Nesse momento, acontece um recalçamento, com o propósito de expulsar o que provoca o sofrimento. No trecho a seguir da obra freudiana, foi destacado o modo como a defesa entra em ação e qual sua finalidade:

[...] arremessar a representação incompatível para fora da consciência quando há cenas sexuais infantis presentes no sujeito (até então normal) sob a forma de lembranças inconscientes, e quando a representação a ser recalçada pode vincular-se em termos lógicos e associativos com uma experiência infantil desse tipo. Visto que os esforços defensivos do ego dependem do desenvolvimento moral e intelectual completo do sujeito [...] (FREUD, 1896/1996, p. 206, grifo do autor).

A mulher histérica não podia mais ser classificada como louca junto aos demais pacientes psiquiátricos, como se fazia nos hospitais psiquiátricos. Elas precisavam de um tratamento que permitisse o diagnóstico e, sobretudo, um tratamento de acordo com sua estrutura psíquica. Claro que isso se aplica às pacientes neuróticas, pois na psicose o mecanismo de defesa é outro. Na neurose a paciente consegue falar de seu sofrimento mesmo nos casos graves que desencadeiam crises.

Quanto às vivências sexuais e ao desencadeamento das crises históricas, observou-se algumas particularidades. Um exemplo era o das pessoas que conseguiam recordar com riqueza de detalhes eventos de cunho sexual ocorridos em sua infância, porém isso não era determinante para se pensar em um quadro de histeria. Outro ponto importante a ser considerado era que as lembranças nunca eram conscientes, e para que a cura acontecesse era preciso que as lembranças inconscientes infantis passassem para o nível da consciência. Ou seja, as experiências sexuais infantis acompanham outros fatores que culminam na doença, sendo necessário que as cenas sexuais estejam no nível inconsciente para que possam produzir sintoma ou permitir sua manutenção (FREUD, 1896/1996).

Outro indicativo importante para o efeito patógeno da histeria é a necessidade de que o paciente esteja ainda em estado de amadurecimento do aparelho psíquico e das funções sexuais, pois só mediante tais indicativos seria possível a confirmação de um diagnóstico de histeria (FREUD, 1896/1996). Nesse ponto, a infância é o tempo relevante para a constituição

da neurose, visto que, devido o aparelho psíquico estar em formação, falta à criança recursos psíquicos para posicionar-se nas relações com seus semelhantes.

A despeito das reminiscências históricas, nesse momento da obra, elas são atreladas à noção de atemporalidade do inconsciente. O que significa dizer que o paciente histérico, diante de uma lembrança que provoque grande carga de sofrimento, não consegue desfazer-se de tal situação, e nem mesmo dar-lhe menor importância, pois como o inconsciente é atemporal, ele revive com intensidade tanto as lembranças que lhe remetem coisas boas como as que lhes são desagradáveis, independentemente do momento em que tenham ocorrido. Assim, o que parecia estar no passado dos acontecimentos volta em cena com toda intensidade, pois o tempo que rege o inconsciente é lógico e não cronológico (como é na consciência). Ao relatar um fato que ocorreu no passado, o paciente é tomado por grande carga emocional, como se tivesse acabado de vivenciar tal acontecimento (FREUD, 1896/1996).

Com relação aos ataques histéricos, outro ponto retomado por Freud (1950[1892-1899]/1996) em carta⁵ enviada a seu interlocutor Fliess, é o de que estes não serviam somente como processo de descarga, mas também como uma ação, cuja finalidade era atingir o prazer, a satisfação. Finalizou suas considerações dizendo que essa era a base do ataque histérico. A busca por atingir a satisfação é uma característica pulsional, ou seja, nos remete ao que é da ordem da pulsão⁶.

Então, da insatisfação pulsional forma-se o sintoma, a partir de um mecanismo engenhoso descrito por Freud no texto de 1910, denominado *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*. Ao fazer sua explanação a respeito de tal processo na neurose, ele declarou que a psicanálise atribui dinamismo aos processos psíquicos, ou seja, para que o sintoma exista, é preciso “[...] uma interação entre forças que favorecem ou inibem uma à outra” (FREUD, 1910/1996, p. 222).

Assim, qualquer evento, ou mesmo um agrupamento de ideias que permanece no nível do inconsciente, significa que, previamente, este conjunto já foi submetido a um processo de repressão e conseguiu resistir. Então, o que conserva é o produto de superação entre forças opostas. Portanto, o que foi preservado ou conservado serve como pré-requisito para a

⁵ Carta 52, de 1896, presente em *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*.

⁶ Na obra traduzida do inglês encontramos a palavra instinto e pulsão, porém, nesse texto, faremos uso do termo pulsão, mesmo nos momentos em que a tradução remete ao termo instinto. O conceito de pulsão é considerado um dos conceitos fundamentais da psicanálise e, segundo Chemama e Vandermersch (2007, p. 320), “destina-se a dar conta, pela hipótese de uma montagem específica, das formas de relação com o objeto e da procura de satisfação”. E, assim, a pulsão em seu esforço por satisfazer-se, tem como característica a persistência, no sentido de não desistir de sua busca frenética por atingir seu objetivo – a satisfação. No entanto, a satisfação será sempre parcial, e, em sua parcialidade, a pulsão acaba buscando caminhos diversos (FREUD, 1915/2004).

formação do sintoma, ou seja, a falha no processo de repressão produz o sintoma (FREUD, 1910/1996). Para Cabas (2009), o sintoma demonstra que, para além da consciência, está o inconsciente, e para além deste, o mundo pulsional.

Sintoma remete à neurose ou às psiconeuroses de defesa, dentre as quais está a histeria e a neurose obsessiva. Mas, no caso de tentar diferenciá-las, é preciso primeiramente dizer que todas apresentam os mesmos processos psíquicos na maior parte do tempo. Porém, no caso da histeria, pode ocorrer a complacência somática, o que equivale dizer que, em algum momento, os conteúdos inconscientes terão como saída o corpo, causando, assim, sofrimento físico. Esse é um ponto de diferenciação da histeria de outra psiconeurose de defesa, pois, como exemplo, no caso da obsessão, o sofrimento vem do excesso da produção de pensamentos (FREUD, 1905[1901]/1996).

Sobre a neurose, Freud (1905[1901]/1996, p. 56) afirmou: “Nos neuróticos, a constituição sexual, na qual está contida a expressão da hereditariedade, atua em combinação com as influências acidentais de sua vida que possam perturbar o desenvolvimento da sexualidade normal”. Para esclarecer tal teorização, ele fez a seguinte construção metafórica: “O curso d’água que encontra um obstáculo em seu leito reflui para leitos antigos que antes pareciam destinados a permanecer secos” (FREUD, 1905[1901]/1996, p. 56).

Tendo sido feitas as considerações a respeito da etiologia da histeria e da neurose, o sintoma foi o conceito escolhido para dar sequência aos trabalhos freudianos. E, nesse caso, o que compreende um único sintoma, pode, concomitantemente, apresentar outros sentidos. Isto é observado no decorrer da vida do sujeito. No entanto, algo de sua essência se mantém intacto e inalterado, como lemos nas palavras de Freud (1905[1901]/1996, p. 58): “[...] um traço conservador no caráter da neurose: uma vez formado, se possível, o sintoma é preservado, mesmo que o pensamento inconsciente que nele encontrou expressão tenha perdido seu significado”. O que significa afirmar que, de um sintoma, outros surgem, como num processo de ramificação.

A parte somática afetada pelo sintoma histérico parece mais difícil de ser substituída, permanecendo, portanto, imutável. E do lado psíquico, o que temos são alterações constantes. Contudo, não se deve tentar criar um padrão hierárquico entre elas, pois ambas têm sua relevância na sustentação do sintoma histérico (FREUD, 1905[1901]/1996).

Apresentou-se nesse capítulo a louca ou a mulher histérica responsável pela inquietação freudiana. A partir de suas investigações clínicas junto a ela, é que foi possível a Freud construir a noção de sintoma e a classificação da histeria como uma neurose. Para o próximo capítulo, o objetivo será articular o psiquismo feminino e a sexualidade ao longo da

sua obra. De saída, o que sabemos é que a reviravolta promovida por ele na noção de sexualidade representou mais um de seus projetos audaciosos para seu tempo. Diante disso, perguntamos: como a sexualidade feminina foi descrita em Freud e qual a concepção de psiquismo da mulher para a psicanálise freudiana? Esta será a discussão desenvolvida no próximo capítulo desse trabalho.

*Sexualidade do não é
uma sexualidade natural e
primária dos seres vivos,
mas uma expressão de
algo mais.*

Sigmund Freud, 1906-1996

De acordo com a narrativa bíblica⁴ narrada pelo cristianismo, a mulher nasce da costela do homem – é o que nos conta a história de Adão e Eva. Isto aponta para o primeiro momento da inscrição da mulher numa cultura cristã, o que conferiu sua perpetuação por muito tempo sob o jugo do masculino. A história nos diz que, após a criação divina desses dois personagens, eles foram colocados no paraíso para que convivessem juntos. Porém, num momento de transgressão, Eva desobedeceu umas das leis que impunha no lugar e comeu o fruto proibido, a maçã. Com seu ato, foi então instituído o pecado original e, com isso, ambos foram expulsos do paraíso, pois, segundo as leis divinas aquele que desobedecesse e comesse do fruto perderia a inocência.

A inocência está relacionada ao desconhecimento da sexualidade, a qual, desde então, passa a fazer parte da vida dos dois jovens. Diante dessa metáfora cristã, percebemos que a sexualidade é associada ao ato transgressor de uma mulher, o que fez mudar todo o contexto dessa narrativa. Ao final da história, a mulher foi rotulada como transgressora, mas permanecendo sob a égide do masculino. Essa foi a primeira aparição da mulher no contexto cristão. Mais do que isso, a sexualidade ocupou seu lugar num cenário onde, até então, dela não se havia falado.

Com essa história, o cristianismo escolheu o homem como referência na diferença entre os sexos, mas foi a mulher quem, ao pecar, permitiu a entrada na sexualidade. Com relação à psicanálise, isso não foi diferente, pois Freud também partiu do masculino para conhecer o psiquismo feminino, após descrevê-la como misteriosa, ou seja, um continente

⁴ Verso de 1926 de Freud, intitulado *A questão da análise longa – conexões com uma parte repressada*.

⁵ De acordo com a Bíblia online, no Livro 1. *Genesis* é falado o seguinte: "porque primum foi formado Adão e depois Eva" (2:13). Já em *Genesis*, é explicado que: "com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou ao ele" (2:21). Disponível em: <http://www.bibliaonline.com/pesquisa.php?q=Eva+na+cria+cao+da+mulher>.

2 A SEXUALIDADE FEMININA EM FREUD

“Surpreendi-me como sendo extremamente ousado afirmar que a sexualidade não é necessidade natural e primitiva dos seres vivos, mas uma expressão de algo mais”.

Sigmund Freud, 1926/1996⁷

De acordo com a metáfora bíblica⁸ narrada pelo cristianismo, a mulher nasceu da costela do homem – é o que nos conta a história de Adão e Eva. Isto aponta para o primeiro momento da inscrição da mulher junto à cultura cristã, o que conferiu sua perpetuação por muito tempo sob o jugo do masculino. A história nos diz que, após a criação divina desses dois personagens, eles foram colocados no paraíso para que convivessem juntos. Porém, num momento de transgressão, Eva desobedeceu umas das leis que imperava no lugar e comeu o fruto proibido, a maçã. Com seu ato, foi então instituído o pecado original e, com isso, ambos foram expulsos do paraíso, pois, segundo as leis divinas aquele que desobedecesse e comece do fruto perderia a inocência.

A inocência está relacionada ao desconhecimento da sexualidade, a qual, desde então, passa a fazer parte da vida dos dois jovens. Diante dessa metáfora cristã, percebemos que a sexualidade é associada ao ato transgressor de uma mulher, o que fez mudar todo o contexto dessa narrativa. Ao final da história, a mulher foi tomada como transgressora, mas permanecendo sob a égide do masculino. Essa foi a primeira aparição da mulher no contexto cristão. Mais do que isso, a sexualidade ocupa seu lugar num cenário onde, até então, dela não se havia falado.

Com essa história, o cristianismo escolheu o homem como referência na diferença entre os sexos, mas foi a mulher quem, ao pecar, permitiu a entrada na sexualidade. Com relação à psicanálise, isso não foi diferente, pois Freud também partiu do masculino para conceber o psiquismo feminino, após descrevê-la como mistério, ou seja, um **continente**

⁷ Texto de 1926 de Freud, intitulado *A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial*.

⁸ De acordo com a Bíblia online, no Livro 1 Timóteo é falado o seguinte: “porque primeiro foi formado Adão e depois Eva” (2:13). Já em Gêneses, é explicado que: “com a costela que havia tirado do homem, o Senhor Deus fez uma mulher e a levou até ele” (2:22). Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com/pesquisa.php?q=Eva+nasceu+da+costela+de+ad%E3o>>.

negro. Isto porque, a respeito de sua sexualidade e sua constituição psíquica, pouco se sabia. A questão da mulher como continente negro será mais explorada nos parágrafos que seguem.

Ainda com relação à maçã, esta simbolizou o desvelar da sexualidade. Assim, fazendo uma analogia entre o texto bíblico e a psicanálise, pode-se dizer que a maçã da psicanálise ficou por conta da pulsão, a grande responsável por subverter a posição masculina e feminina para além da anatomia. Ao contrário do que se imaginava, a anatomia não conseguia dar conta sozinha da diferença sexual entre os sexos, porque por trás dela estava a pulsão em sua busca incessante por encontrar um objeto que pudesse lhe oferecer a satisfação necessária. Dito isto, nesse momento do texto, tem-se que a metáfora bíblica serviu como ponte para circunscrever o lugar da sexualidade para a psicanálise.

Seja associada ao pecado seja ao mistério, a mulher fez com que Freud (1894 apud ZALCBERG, 2003, p. 23), logo em seus primeiros textos – ou, mais precisamente, em uma carta a Fliess de 1894 –, recorresse aos artistas para dizer algo dela. Na carta em questão, ele declarou que a arte fornece ao artista uma chave que possibilita entrar no coração feminino, enquanto nós, estranhos, permanecemos do lado de fora, procurando alguma forma de adentrar. Ou seja, os artistas, em suas criações, eram os que mais conseguiam retratar ou capturar algo da constituição psíquica feminina.

À medida que ocorriam os avanços nas pesquisas psicanalíticas, e com o reaparecimento da questão da sexualidade na menina envolvendo os mistérios do feminino, Freud (1926/1996, p. 206) pôde então comparar a mulher a um “continente negro” (*darkcontinent*). Tal comparação se deu no momento em que ele analisava a sexualidade infantil, sobretudo, a diferença entre os sexos, o que o levou, inclusive, a contradizer a teoria da época, que acreditava na inocência sexual infantil. De acordo com as análises freudianas, a criança, de ambos os sexos, vivenciava experiências de natureza sexual até por volta dos cinco anos, ficando, após esse período, tudo adormecido para só desabrochar na adolescência.

A expressão cunhada – continente negro – referiu-se ao lado obscuro e desconhecido da anatomia sexual feminina, pois, diferente do menino – que, anatomicamente, tinha o órgão mais evidente e protuberante, capaz inclusive de produzir curiosidade no sexo oposto –, a menina não dispunha de um órgão com características tão visíveis, o que dificultava a confirmação numa primeira análise. Algo de misterioso e enigmático estava camuflado, supondo-se, assim, um continente negro que precisava ser descoberto.

Dando continuidade às elaborações acerca da sexualidade infantil, Freud (1926/1996, p. 205) afirma: “outra característica da sexualidade infantil é que o órgão sexual feminino propriamente dito ainda não desempenha nela qualquer papel: a criança ainda não o

descobriu”. E continua seu esclarecimento a respeito do órgão sexual feminino, dizendo: “a ênfase recai inteiramente no órgão masculino, todo interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não”. Com isso, esclarece-nos que seria preciso explorar e investigar com afinco a questão da sexualidade feminina, a começar pelo próprio órgão. O conhecimento que se tinha ainda era insuficiente.

Surgem ainda outras elaborações, como a que diz o seguinte: “Mas aprendemos que as meninas sentem profundamente falta de um órgão sexual igual em valor ao masculino; elas se consideram, por causa disso, inferiores, e essa ‘inveja do pênis’ é a origem de um grande número de reações femininas características” (FREUD, 1926/1996, p. 206). Essa talvez tenha sido uma das declarações freudianas mais polêmicas que repercutiu de forma negativa junto às feministas.

De posse de um corpo anatomicamente diferente do masculino, ela estaria fadada a desenvolver um sentimento de inferioridade com relação a seu corpo, uma vez que ela não dispunha de um órgão que a representasse à altura. Com isso, começaram a surgir as primeiras hipóteses a respeito da vida sexual feminina, considerando que nesse momento a anatomia ainda era ponto de destaque. Recorremos então a Zalcberg (2003, p. 25), que nos relembra a seguinte afirmação freudiana: “[...] da vida sexual da menina, sabemos menos que a do menino”. Ou seja, a inquietação freudiana era recorrente, o que o permitiu prosseguir em suas pesquisas.

Mesmo admitindo não conhecer muito a respeito da vida sexual da menina, Freud fez um extenso percurso nessa direção, principalmente ao realizar as elaborações sobre o complexo de Édipo. Destacamos, em especial, o da menina, o qual nos interessa para a construção desse trabalho. Sendo assim, para compor nossas discussões, trazemos a seguir algumas de suas elaborações a esse respeito.

2.1 A OPERACIONALIZAÇÃO DO ÉDIPLO NA VIDA PSÍQUICA DA MULHER

Ao abandonar a teoria da sedução que havia construído a partir da escuta clínica das histéricas, em carta⁹ enviada a Fliess, Freud fala pela primeira vez sobre o Édipo:

⁹ Carta 71, de 1897, presente em *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess*.

Mas a lenda grega capta uma compulsão que toda pessoa reconhece porque sente sua presença dentro de si mesma. Cada pessoa da plateia foi, um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do seu estado atual (FREUD, 1956[1886]/1996, p. 316).

Portanto, o conceito de complexo de Édipo aparece no momento em que Freud deixa de lado a concepção traumática do conflito neurótico para assumir a teoria do psiquismo inconsciente. Na cena incestuosa edípica, o filho deseja a morte do pai para possuir a mãe, seu objeto de amor.

Chemama e Vandermersch (2007, p. 64) definiram Édipo como: “conjunto de representações parcial ou totalmente inconsciente, dotadas de uma potência afetiva considerável, que organiza a personalidade de cada um e orienta suas ações”. Quanto ao nascimento do termo, ele nos explica que foi construído por Paul Eugen Bleuler e Carl Gustav Jung, mas que logo foi empregado por Freud para denominar o complexo de castração, depois chamado de complexo de Édipo e, por fim, complexo paterno.

Ainda segundo Chemama e Vandermersch (2007, p. 112), o complexo de Édipo é o “conjunto de investimentos amorosos e hostis que a criança faz sobre os pais, durante a fase fálica”. Outra definição também apresentada pelos autores é a de um “processo que deve conduzir ao desaparecimento desses investimentos e sua substituição por identificações” (CHEMAMA E VANDERMERSCH, 2007, p. 112). Logo, o Édipo é uma operação psíquica comum a todos, numa trama composta pelos pais e pela criança. De acordo com os preceitos psicanalíticos, tal operação, contudo, em algum momento irá ruir.

Neme (2008) relembra que as elaborações acerca do Édipo foram possíveis quando Freud analisava seus próprios processos inconscientes. Acrescenta também: “a tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*, é tomada por Freud como um mito, mito edípico, que se tornou central em sua doutrina. O mito é uma narrativa e tem um caráter de ficção que mantém uma relação singular com a verdade” (NEME, 2008, p. 39, grifo do autor). E conclui, dizendo que “[...] Freud formula o complexo de Édipo para afirmar que o desejo inconsciente se determina no sujeito apresentando uma estrutura que é ternária. Uma rede complexa na qual o sujeito articula o seu desejo ao desejo do par parental” (NEME, 2008, p. 39).

Katz (2009) explica que as palavras **complexo** e **Édipo** foram compostas conjuntamente, em Freud, num processo de elaboração de cunho original, pois, até então, ninguém havia atribuído tal conotação a elas. Antes de ser estabelecido como complexo de Édipo, ele era chamado de complexo nuclear, tendo sido apenas em 1910 que a expressão

passou a descrever um evento universal, ou seja, uma operação psíquica comum a todos. Sobretudo, denotou um elemento fundante da psicanálise.

Lacan (1953-1954/2009, p. 92) disse o seguinte a respeito do termo **complexo**: “[...] veio à superfície da teoria analítica por uma espécie de força interna, porque, como vocês sabem, não foi Freud que a inventou, mas Jung”. No entanto, indica que, ao fazer uso desse termo, Freud concedeu-lhe o verdadeiro valor, à altura de uma conceituação psicanalítica. Lacan (1953-1954/2009, p. 92) ainda acrescenta que, “quando vamos à descoberta do inconsciente, o que encontramos são situações estruturadas, organizadas, complexas. Freud nos deu o primeiro modelo, o padrão, no complexo de Édipo”.

Diante da importância conferida por Lacan à criação do complexo de Édipo, ele concluiu que todo percurso de análise é marcado pelos conflitos existentes na relação triangular. E mais, diz que “só isso já nos força a ver nele coisa inteiramente diversa do bloco maciço que se resume na fórmula clássica – atração sexual pela mãe, rivalidade com o pai” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 92).

Lacan (1953-1954/2009) sinaliza para um Édipo que transcende a previsão freudiana, atingindo, assim, uma extensão ainda maior na vida do sujeito. Portanto, o complexo de Édipo não começa com a saída da fase fálica, nem termina com a entrada na puberdade, mas tem efeitos que permearão toda existência humana.

A expressão inicial denominada de complexo nuclear consistia em um conjunto de elaborações produzidas no texto *Sobre as teorias sexuais das crianças*. No texto em questão, Freud (1908b/1996) analisou quais eram as histórias ou teorias aceitas pelas crianças sobre a pergunta: como nascem os bebês? Sua conclusão foi que a mais comum das respostas se tratava da teoria germânica, que explica que os bebês são trazidos pela cegonha. Ou seja, existia o questionamento acerca do nascimento, mas o foco ainda não estava centrado nas figuras parentais e no estabelecimento das relações entre elas.

Sobre a conclusão freudiana citada acima, dois pontos se destacam: primeiro, a explicação sempre era dada por um adulto que a repassava de acordo com sua concepção; segundo, as crianças, na maioria das vezes, recusavam-se a aceitar tal teoria. Ao recusar a teoria da cegonha, a criança percebia que algo lhe estava sendo ocultado, escondido, para que não tivesse acesso, como se existisse um segredo que os adultos não podiam revelar sobre “como os bebês nascem”. Isso, com frequência, não a impedia de, também em segredo, seguir com suas investigações (FREUD, 1908b/1996, p. 194).

A conclusão freudiana a respeito da curiosidade infantil sobre o nascimento dos bebês é a de que a criança o interpreta como segredo, ao qual ela não tem acesso; desse processo

produz-se o primeiro conflito psíquico. A partir de tais constatações, surgem as elaborações iniciais sobre o complexo de Édipo:

Esse conflito psíquico logo pode transformar-se numa 'dissociação psíquica'. O conjunto de concepções consideradas 'boas', mas que resultam numa cessação da reflexão, tornar-se o conjunto das concepções dominantes e conscientes, enquanto o outro conjunto, a favor do qual o trabalho de investigação infantil coligiu novas provas, as quais entretanto não devem ser consideradas, torna-se o conjunto das opiniões reprimidas e inconscientes. Está assim formado o complexo nuclear de uma neurose (FREUD, 1908b/1996, p. 194-195).

Na trama edípica, a mãe é tomada como primeiro objeto de amor do menino; já do lado da menina, é o pai o representante primordial responsável por ocupar o lugar de primeiro amor. Nessa engrenagem, a menina disputa com a mãe o amor do pai, ponto da teorização edípica considerado até por volta de 1920, em Freud. Importante destacar que, nesse momento da construção teórica, as investigações acerca do feminino ainda eram realizadas em consonância com o masculino. Dito de outro modo, o Édipo, na menina, ainda tinha como referencial o processo edípico masculino.

Soares e Ligeiro (2007, p. 30) confirmam que, no início da obra freudiana, a sexualidade feminina era dita a partir do masculino, o que aparece inclusive no modo de analisar a operação edípica nesse tempo. Tal confirmação é vista no texto *A interpretação dos sonhos*, onde Freud (1900/1996) articula os recursos clínicos do sonho com a tragédia grega de Sófocles para pensar o complexo de Édipo, reforçando a tese de equiparação na constituição edípica. Porém, à medida que as investigações clínicas avançam, Freud abandona essa tentativa e passa a investigar as consequências da operação para ambos os sexos.

Outro texto que ainda reforça a tentativa de equiparação entre os sexos foi escrito em 1919, sob o título *Batem numa criança*. O texto retrata o pai como figura que provoca ambiguidade sentimental tanto na menina como no menino. Isso pode ser facilmente encontrado nas descrições dos tempos da fantasia masoquista, pois, nesse caso, o pai aparece sempre como o personagem central das fantasias de ambos os sexos. No entanto, deixaremos as discussões desse texto, assim como de *O problema econômico do masoquismo*, para serem articuladas mais a frente, mais especificamente, no momento em que trabalharemos a última conferência freudiana, *Feminilidade*. Continuemos então nos textos de Freud que destacam a constituição sexual e o Édipo, até chegar ao ponto que retrata as questões da mulher.

O texto *A organização genital Infantil* compõe mais um dos escritos freudianos indispensáveis para a análise da sexualidade infantil, cuja finalidade é traçar um modelo de diferenciação dos sexos no decorrer da vida da criança. Nele, Freud (1923/1996, p. 157, grifo

do autor) retoma suas últimas elaborações acerca da vida sexual infantil e expõe que seu interesse de pesquisa se fixou em “[...] reconhecer a ampla *aproximação do desfecho final da sexualidade na infância* (por volta do quinto ano de idade)”.

Freud (1923/1996) relembra que foi nesse ponto que havia parado da última vez que retratou tal temática, e, assim, elucida sobre a escolha do objeto realizada pela criança e todo o direcionamento libidinal feito por ela a este objeto. Ele finaliza suas elaborações anunciando que o processo de escolha da criança não chega ao fim com a entrada na puberdade, o que significa dizer que é uma escolha que sempre terá seus desdobramentos. Diante dessas considerações, afirma: “a aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto” (FREUD, 1923/1996, p. 157-158). A escolha do objeto, nesse caso, não caracteriza o posicionamento diante do sexo, pois no decorrer de seu desenvolvimento outras possibilidades de escolha poderão surgir.

Além de chegar a essa conclusão, outro ponto de destaque foi a constatação da primazia do falo – ou seja, o reconhecimento de um único órgão genital, o masculino, confirmando, assim, o monismo sexual. Quanto ao masculino, o reconhecimento sexual pela via do órgão não apresenta dificuldades, ao passo que, para a menina, esse reconhecimento não se dá com tanta facilidade.

Até esse momento da obra, observa-se o seguinte: o menino reconhece a diferença entre os sexos, mas isso não se dá num primeiro momento, pois, até então, ele usa seu próprio genital como referência. Com isso, ele acredita que todos são dotados do pênis, o que o faz buscá-lo em todas as pessoas; porém, ao final, chega à conclusão de que o pênis não é comum a todas as pessoas como imaginava (FREUD, 1923/1996, p. 159).

Se o pênis não é comum a todas as pessoas, significa que algumas delas são castradas – com a primazia do falo, brota então o complexo de castração. Logo, se alguns foram castrados, tal suposição é direcionada especialmente às mulheres, pois elas não têm pênis como os homens, o que as coloca em desvantagem. Nesse caso, a castração entra como sinônimo de punição, e vem então a pergunta: o que será que elas fizeram para que isso tenha acontecido? No universo infantil masculino, essa pergunta é o reflexo da constatação da ausência do órgão nelas (FREUD, 1923/1996).

Para tanto, tal comprovação sugere a desvalorização da figura feminina, que traz o horror da castração. Mas, para o menino, ainda existe a possibilidade de nem todas terem sofrido os efeitos da castração; talvez só as abomináveis. Isso livra a figura materna desse lugar de desprezo, uma vez que a criança supõe que a mãe detém o pênis. Por isso, ser mulher ainda não significa ausência do órgão. O feminino se mantém velado, protegido, amparado

pela ligação psíquica materna (FREUD, 1923/1996). Sendo assim, a primazia da figura materna protege a criança de enxergar a mãe/mulher como castrada.

De acordo com o formato de organização genital infantil que nos foi apresentado, revela-se, assim, a configuração do masculino a partir da primazia do falo. Porém, a feminilidade ainda não está aparente, não se reconhece esse outro lado do sexo – o feminino. O que está em jogo nesse momento é: os que têm e os que não têm; ou seja, os não castrados e os castrados.

Após a puberdade, meninos e meninas reinventam suas posições diante do sexo e, com isso, o órgão sexual passa a desempenhar sua especificidade: “a masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa a herança do útero” (FREUD, 1923/1996, p. 161). Bessa (2012, p. 40) comenta o posicionamento freudiano em relação ao órgão sexual feminino, dizendo que “ele [Freud] é taxativo em afirmar que há um desconhecimento da vagina, não só para os meninos como também para as meninas, ou seja, não há no inconsciente nada que a represente”. Ela é um continente negro.

Fazendo parte das construções teóricas de 1923, onde discute a sexualidade infantil, Freud (1923/1996, p. 161) disse: “não é irrelevante manter em mente quais as transformações sofridas, durante o desenvolvimento sexual da infância, pela polaridade de sexo com que estamos familiarizados”. Contudo, num primeiro momento da infância, se vê claramente a escolha de um objeto, que predispõe a existência de um sujeito e um objeto. Já, no desabrochar pré-genital sádico-anal, ainda não se pode prever a diferenciação entre o masculino e o feminino; o que se tem é a dominação pela via do ativo e do seu oposto, o passivo.

Em *A dissolução do complexo de Édipo*, Freud (1924b/1996) esclarece sobre o momento em que Édipo sucumbe após sofrer os efeitos da regressão. Diante de tal acontecimento – próprio da primeira infância –, o que resta é seguir em direção ao período da latência. A menina, no tempo edípico, acredita possuir o amor paterno em sua plenitude, acredita que o pai a ama acima de tudo. Porém, isso começa a ruir quando ela percebe que não pode tê-lo somente para si, levando à dissolução edípica e, assim, produzindo suas consequências. Com isso, o que parecia certo cai por terra e a deixa frente a frente com uma realidade não sustentada pelo posicionamento paterno (FREUD, 1924b/1996).

Quanto ao menino, a cena edípica é composta por mãe e filho, num formato um pouco diferente. Nesse caso, a mãe é tomada como sua propriedade – “ela é só minha” –, o que

também não se sustenta por muito tempo, porque, afinal, o amor materno não é só seu. Assim, o que parecia perfeito apresenta suas ausências, falhas e faltas. Segundo Freud, “[...] o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna” (FREUD, 1924b/1996, p. 193).

No fim, a dissolução edípica acontece por vias diferentes para os sexos, visto que a menina não consegue manter o pai voltado somente para si, e a mãe já não responde a todas as demandas de seu filho. Em ambos os casos, eles sofrerão a ausência de investimento por parte daqueles que acreditavam nunca abandoná-los. Quanto à escolha dos objetos, ela permanece tendo como foco os opostos (pai-filha e mãe-filho), ou seja, a vinculação com os genitores continua a funcionar nesse mesmo padrão, pelo menos nesse momento da obra freudiana.

Neme (2008) comenta sobre o lugar ocupado pela menina na vida do pai, dizendo que isso tem um tempo específico de duração, pois, no final, de acordo com as elaborações freudianas, ela será expulsa do paraíso. Ou seja, o pai não conseguirá responder a sua demanda de amor em plenitude, como é de seu desejo. O mesmo ocorrerá com o menino, que também descobrirá que não é a única pessoa ou motivo da vida de sua mãe. Ambos estarão às voltas com a destituição de seus laços psíquicos com seus genitores, tendo assim que construir outro tipo de relação com estes. É a pura castração, pois sempre existirá a falta permeando essas relações.

Conclui-se que o complexo de Édipo tem seu fim anunciado, num tempo particular a cada pessoa, e que, após essa finalização, dá-se o início da latência. Freud (1924b/1996, p. 193) fez uso das seguintes palavras para explicar esse momento fundante de todo sujeito: “embora a maioria dos seres humanos passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o programa, o instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento”. Após tal operacionalização, cada qual terá que se haver com as consequências dessa dissolução, ou seja, experimentar os efeitos da castração.

Tanto em *Organização genital infantil* como em *A dissolução do complexo de Édipo*, a castração toma o lugar de vilã e impõe a possibilidade de perda – seja na menina, que já entra faltosa no complexo de Édipo, seja no menino, que é assombrado pelo medo de sofrer a perda (FREUD, 1923/1996, 1924b/1996). Por esse motivo, a castração está presente na constituição psíquica das pessoas independente do posicionamento sexual. O que ocorre é uma dissolução diferenciada, com consequências também diferenciadas.

Ao falar sobre a dissolução do Édipo, Neme (2008) explica que tal processo acontece de forma dissimétrica com relação aos sexos, como já havia nos explicado Freud, pois o

menino vive a ameaça de castração, e na menina há a inveja do pênis. Tanto Neme (2008) como Pestana (2008) têm a mesma posição diante da dissolução edípica para ambos os sexos. Pestana (2008, p. 50) refere-se a esse momento da constituição psíquica como uma “encruzilhada Édipo-castração”.

Pestana (2008, p. 50) esclarece com mais riqueza de detalhes o que acontecerá para ambos os sexos no tempo de dissolução edípica: “na menina, o encontro com a falta a introduz na problemática edipiana, pois ela entra a partir do complexo de castração”. Para o menino, o complexo de Édipo naufraga pela ameaça de castração. Assim, em ambos os casos ocorrem consequências psíquicas, cujas vicissitudes marcam o destino dos seres falantes. Importante destacar que a menina, diferente do menino, já entra castrada na relação edípica, o que a leva a sofrer outros tipos de consequências. Foi esse o ponto determinante que permitiu a Freud outras elaborações a respeito do Édipo na menina.

Sendo assim, os textos freudianos elaborados no período de 1923 a 1925 comprovam a primazia do pênis, confirmando-o como a única referência para ambos os sexos – ou seja, o monismo sexual. Com a constatação de que a criança na fase fálica só reconhece o pênis como o único órgão sexual, Freud (1924b/1996, p. 194) fez a seguinte declaração: “[...] o genital feminino permaneceu irrevelado”. O órgão irrevelado, um continente negro. E Freud continuou dando andamento as suas investigações a respeito da constituição da mulher.

Mais adiante em sua obra, Freud (1924b/1996, p. 194-197) revela que “o clitóris na menina inicialmente comporta-se exatamente como um pênis, porém quando ela efetua uma comparação com um companheiro de brinquedos do outro sexo, percebe que ‘se saiu mal’ e sente isso como uma injustiça feita a ela e como fundamento para a inferioridade”. A constatação da castração faz com que a menina busque algumas saídas para tentar se haver com ela.

Num primeiro momento, a saída é acreditar que um dia seu órgão poderá se desenvolver a ponto de atingir o mesmo padrão do menino. Como isso não ocorre, a conclusão em que ela chega, é que, em algum momento, teve um órgão semelhante ao masculino, mas que, por algum motivo que desconhece, o perdeu. Então, Freud (1924b/1996, p. 198) postula a diferença entre ambos: “[...] a menina aceita a castração como um fato consumado, ao passo que o menino teme a possibilidade de sua ocorrência”. A castração não é uma ameaça, pois ela está castrada e isso é irreversível.

Se a castração não provoca horror na menina, como faz no menino, é porque ela tem uma operacionalização do complexo de Édipo menos criteriosa do que a vivida pelo sexo oposto. Os efeitos psíquicos e o desfecho edípico nela são descritos por Freud assim:

A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza – ao longo da linha de uma equação simbólica, poder-se-ia dizer – do pênis para o bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente – dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos – possuir um pênis e um filho – permanece fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para o papel posterior (FREUD, 1924b/1996, p. 198).

Num próximo texto importante da obra, intitulado *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud (1925/1996) relatou que, investigando a vida das crianças, supôs, inicialmente, a possibilidade de semelhança entre meninos e meninas, mas logo percebeu que isso era impossível. Assim, a hipótese de comparar da vida sexual do menino com a da menina foi por ele refutada, optando elaborar primeiro a operação edípica no menino para só depois pensar como isto ocorre na menina.

Pestana (2008, grifo nosso) escolhe desmembrar o título do texto acima citado e aproveita para fazer algumas elaborações, a começar por nos mostrar que a expressão **consequências psíquicas** aparece no plural, referindo, portanto, ao que é característico da estrutura. Por outro lado, a **distinção anatômica** é escrita no singular, ou seja, existe diferença entre o masculino e o feminino e, nesse caso, não é possível traçar uma aproximação entre eles. Nesta direção, serão as **consequências** as responsáveis por designar a posição de cada sujeito diante do sexo.

Ao analisar mais de perto o Édipo na menina, Freud (1925/1996) percebeu logo de saída que essa não seria uma missão tão fácil como imaginava, e, nesse caso, acreditou estar diante de um problema. Isto porque, seguindo com suas investigações, constatou que a mãe era tomada como objeto original tanto para o menino como para menina. Ou seja, com relação ao menino, estava nítido o lugar ocupado pela figura materna, porém no caso da menina, isso não estava tão claro. Tal falta de clareza o permitiu elaborar uma questão: como ficaria essa apreensão do objeto original pela menina?

Vale lembrar que Freud já havia feito suas construções teóricas a esse respeito, na discussão sobre o objeto escolhido pelas crianças durante o tempo que antecede o Édipo até o período de sua dissolução. Essas **construções** teóricas foram, em parte, registradas nos textos *A organização genital infantil*, de 1923, e *A dissolução do complexo de Édipo*, de 1924. Mas, foi em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* que apareceram os obstáculos edípicos comuns à menina, sobretudo, a confirmação do lugar ocupado pela mãe. A descoberta da importância da mãe na vida psíquica da menina fez toda

diferença para as próximas elaborações teóricas freudianas, inclusive no que remete à fase anterior ao Édipo, ou seja, a fase pré-edípica.

O ponto de partida era pensar a pré-história, ou melhor, a fase pré-edípica da menina, especialmente a ligação mãe e filha. Então, Freud (1925/1996, p. 280) se pôs a investigar essa ligação e chegou à seguinte conclusão: “[...] o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui, sob certos aspectos, uma formação secundária”; deixando claro que, no menino, o complexo de Édipo culmina com o desfecho do complexo de castração, já nas meninas, isso acontece posteriormente, pois o Édipo tem um efeito finalizador e não disparador. Enlaçada à mãe, a menina viverá, portando, uma intensa ligação que trará consequências psíquicas.

No que se refere à castração, a constatação da ausência do pênis promove na menina a identificação com o sexo oposto, nomeado de complexo de masculinidade por Freud. Isso quer dizer que a menina está identificada com o sexo oposto, mas não o tem como objeto de amor. Então, com a menina fixada nessa identificação masculina, a feminilidade é posta de lado, fazendo com que essa fixação retarde sua feminilização. O ideal seria que, o quanto antes, a menina pudesse desvencilhar-se do desejo de ser como o menino para continuar em seu desenvolvimento psíquico (FREUD, 1925/1996). Ou seja, deixar de identificar-se com o sexo masculino representa a possibilidade de identificar-se com a mãe/mulher e ter o pai como objeto de amor.

Ainda nessa lógica, Freud (1925/1996) nos conta que algumas mulheres avançam no complexo de masculinidade até atingir a vida adulta, o que descreveu como a tentativa de recusar a castração, permanecendo com a convicção de que possui o pênis – ou seja, comportam-se como um homem. Isso impede o avanço na operacionalização edípica e, consequentemente, favorece a permanência num tempo anterior à finalização edípica. A mãe continua tomada como objeto primordial, não existindo, portanto, lugar para a figura masculina como objeto de amor – a não ser na aspiração de ser como o homem.

Ao prosseguir em suas teorizações, Freud (1925/1996) mencionou a chamada inveja do pênis, o que fez com que muitas feministas se sentissem desconfortáveis diante de tal assertiva. Criou-se, assim, um grande imbróglio. O *Penisneid*, ou inveja do pênis, produziu rivalidade entre os sexos e acentuou a posição de inferioridade do feminino com relação ao masculino. Talvez um grande mal entendido, mas que deixou suas consequências. Segundo as elaborações freudianas, quais seriam então as consequências do *Penisneid* para a mulher?

De acordo com as elaborações freudianas, o *Penisneid* tem três possíveis consequências para a mulher, uma delas se refere ao enlace entre mãe e filha. Acontece quando a menina, ao descobrir seu órgão sexual, percebe que ele se difere do masculino e

conclui que algo está lhe faltando. Diante dessa conclusão, ela responsabiliza a mãe por tal ausência, pois, segundo ela, a mãe seria a culpada por ter lhe trazido ao mundo castrada. Dá-se, então, o desconforto entre mãe e filha.

Com a instalação desse desconforto, a relação passa a apresentar seus desencontros, como nos explica Freud (1925/1996, p. 283), ao dizer: “[...] a mãe da menina, que a enviou ao mundo assim tão insuficientemente aparelhada, é quase sempre considerada responsável por sua falta de pênis”. Este será o motivo pelo qual a filha enfrentará sua mãe, estabelecendo, assim, uma relação ambivalente que transita entre amor, ódio e desejo. A filha então conclui que ambas vieram ao mundo castradas, o que provoca uma identificação negativa.

As consequências da inveja também poderão ser revertidas numa ferida narcísica, o que levaria a outro possível desfecho para tal processo psíquico. Nesse caso, observa-se, num primeiro momento, um sentimento de inferioridade da mulher com relação ao homem, o que a faz sentir-se sempre em desvantagem. Mas, ao ultrapassar esse primeiro momento, ela pára de tentar justificar a falta do pênis como uma punição que precisaria sofrer e, com isso, percebe que essa falta é comum a todos de seu sexo. Assim, começa por desprezar seu próprio sexo para sentir-se semelhante ao homem.

Outra consequência é descrita como a conversão da inveja em ciúme, num processo de deslocamento. Para esclarecer tal consequência, Freud (1925/1996) recorreu ao primeiro tempo da fantasia sádica, na fase fálica, quando a menina acredita que outra criança é espancada. Diante de tal cena fantasmática, ela imagina que a outra que apanha também obtém a atenção. Deste modo, nasce o ciúme, ou inveja daquela que pode estar ocupando seu lugar. Para a criança, apanhar pode ser visto como uma forma de conseguir a atenção do adulto envolvido na cena amorosa. Nesse caso, a criança que descreve a cena, supostamente, é a mesma que tem ciúme e medo que outra ocupe seu lugar de exclusividade na vida do pai.

Dentre todas as consequências apresentadas até aqui, a que se refere ao enlace entre mãe e filha ocupa lugar de destaque. A esse respeito, Freud (1925/1996) afirmou que o enfraquecimento da relação da menina com seu objeto de amor original – a mãe, como já explicado anteriormente –, remete à castração. Uma quarta consequência começaria com a constatação da ausência do pênis e implicaria diretamente no fato de estar, o clitóris, em posição de inferioridade ao órgão masculino.

Para Freud, essa é a mais importante de todas as consequências até aqui descritas no que remete à inveja do pênis. Dessa constatação, ele articulou a inferioridade clitoriana ao processo masturbatório para explicar o efeito psíquico disso na mulher, o que o fez chegar ao seguinte entendimento: a mulher busca a masturbação para fins diferentes daqueles buscados

pelo homem; ou seja, para ele, o ato serve como fonte de satisfação sexual, enquanto que, para ela, induz uma masculinização clitoriana, distanciando-a do desenvolvimento da feminilidade. Por conseguinte, a masturbação levaria a uma tentativa de colocar o clitóris em pé de igualdade com o pênis (FREUD, 1925/1996).

Segundo Freud (1925/1996, p. 284), mediante essa complexa composição psíquica, a mulher chega, inconscientemente, ao seguinte ponto: “seu reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos força-a a afastar-se da masculinidade e da masturbação masculina, para novas linhas que conduzem ao desenvolvimento da feminilidade”. Todas as descobertas freudianas quanto ao psiquismo da mulher demonstram a complexidade com que se dá sua constituição, pois, até chegar à operacionalização edípica, muitos outros caminhos deverão ser percorridos, não sendo possível o estabelecimento de um tempo específico para que cada processo psíquico ocorra. Também está descartada qualquer tentativa de aproximar a organização psíquica da menina da organização do menino.

A complexidade da constituição psíquica da menina pode ser verificada nos efeitos da castração e no quanto isso será decisivo para a sua operacionalização edípica. Talvez, nesse momento das investigações freudianas, um ponto a destacar seja a relação mãe e filha e os desdobramentos que tal união poderá ter para essa última – a começar pela descoberta da mãe como sendo o seu primeiro objeto amoroso, implicando uma relação que será fundamental na vida da menina, uma vez que, em outro momento, a mãe será substituída pelo pai, e futuramente, por um homem.

Considerando-se que a fase pré-edípica é de suma relevância para o processo de desenvolvimento psíquico da mulher, a seguir nos deteremos um pouco mais nesta fase, articulando-a com as consequências que a entrada no Édipo e sua dissolução farão a mulher vivenciar.

2.2 A MULHER ENTRE O ÉDIPO E A FASE PRÉ-ÉDÍPICA

Como verificamos até o momento, no que remete ao Édipo em ambos os sexos, as construções freudianas prosseguiram, porém, um ponto elaborado nesse percurso precisa ser destacado: a descoberta da fase pré-edípica como determinante para o desenvolvimento psíquico da menina. Observa-se que, até a publicação de *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, esta fase ainda não havia sido analisada de forma mais criteriosa. Após tal constatação, fica evidente que esse tempo psíquico é fundamental para a compreensão do Édipo na mulher.

Com isso, após a constatação da importância da figura materna e suas consequências na vida da menina, seguem os desdobramentos psíquicos do período pré-edípico para a mulher: “ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho: *com esse fim em vista*, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher” (FREUD, 1925/1996, p. 284, grifo do autor). Dito de outro modo, com a saída da mãe do lugar de objeto amoroso, o pai é colocado nesse lugar. Com a entrada do pai, revive-se então a possibilidade de, dele, ter um filho como substituto do pênis que não conseguiu herdar de sua mãe, com quem só resta, à filha, rivalizar.

Na tentativa de demarcar a diferença entre o Édipo no menino e na menina, Freud fez as seguintes observações:

Nas meninas, o complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o precedem e preparam. A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. *Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração*. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele limita a masculinidade e incentiva a feminilidade (FREUD, 1925/1996, p. 285, grifo do autor).

Segundo as análises freudianas, além da fase pré-edípica, o complexo de castração também é responsável por inserir a menina no Édipo. Isso quer dizer que, ao se perceber castrada – e não tendo herdado de sua mãe o pênis, como o menino –, ela encontrará em seu pai a possibilidade de substituir tal falta, a quem endereçará todo o seu amor. Ou seja, o Édipo é uma operação secundária, visto que outros momentos que o antecedem também serão relevantes para a constituição psíquica feminina.

Como numa metáfora, Freud (1924b/1996, p. 193) assegura o seguinte quanto à entrada e os desdobramentos do Édipo para ambos os sexos: “[...] o complexo de Édipo deve ruir porque chegou a hora para sua desintegração, tal como os dentes de leite caem quando os permanentes começam a crescer”. É sabido que, após esta operação, o que permanece são os efeitos da castração na vida psíquica de cada pessoa, sem restrição.

Ao final de tal operação psíquica, constata-se o seguinte: em ambos os casos, a somatória desta operação lançará o menino e a menina num saldo devedor. Assim, cada qual deverá processar a castração ao seu modo e tempo, num caminho sem volta.

Ainda com relação ao Édipo na menina, talvez a grande dificuldade seja a sua falta de início e fim, o que faria dele um processo mais complexo. De acordo com a análise freudiana,

“[...] ele pode ser lentamente abandonado ou lidado mediante a repressão, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental normal das mulheres” (FREUD, 1925/1996 p. 286).

Outra peculiaridade observada na operacionalização edípica da mulher remete à questão ética de funcionamento do supereu¹⁰, pois, de acordo com a segunda tópica, o supereu é o herdeiro de fato do complexo de Édipo. Contudo, no caso da mulher, o “[...] supereu nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens” (FREUD, 1925/1996, p. 286). Nesse ponto do texto, é possível examinar que as mudanças ocasionadas com o surgimento da segunda tópica freudiana inseriram novas elaborações a respeito do universo feminino – por exemplo, com relação ao supereu na mulher.

Verifica-se, assim, um Édipo que segue um padrão diferente de constituição, e um supereu que ascende desse primeiro. Em comparação ao supereu masculino, observa-se que as mulheres têm um “[...] menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição e hostilidade [...]” (FREUD, 1925/1996, p. 286). A questão do supereu, nesse caso, dá margem para confirmação de uma fragilidade que sempre foi associada à figura da mulher, pois ela sempre pareceu mais suscetível às demandas afetivas.

Perante a constatação polêmica sobre o funcionamento do supereu na mulher, Freud (1925/1996) fez questão de destacar que sabia do risco que estava correndo ao fazer esta declaração, a despeito do mal-estar que pudesse causar entre as feministas – pois elas esperavam a confirmação de que homens e mulheres tivessem um funcionamento psíquico semelhante. O movimento contrário a sua declaração não o fez recuar diante de mais uma de suas descobertas.

Barros e Ligeiro (2009) relembram que, somente em 1931, o Édipo feminino foi finalmente revisado na obra freudiana, sendo possível então a Freud (1931/1996) confirmar a tese de que o processo de subjetivação da menina apresentava um modelo mais longo e demorado. Quanto à vida sexual dela, Freud aproveitou para fazer a seguinte análise:

¹⁰ Supereu ou superego. Nesse trabalho, porém, escolhemos usar a expressão **supereu**. Segundo Chemama e Vanderersch (2007, p. 362), trata-se da “instância de nossa personalidade psíquica, cujo papel é de julgar o eu”. Esse termo foi cunhado por Freud no ano 1923 e é “[...] considerado como a grande inovação da segunda tópica” (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p. 362).

Há muito tempo compreendemos que o desenvolvimento da sexualidade feminina é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constitui sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original – a mãe – pelo pai (FREUD, 1931/1996, p. 233).

Dois pontos foram ressaltados na constituição da sexualidade feminina, como nos anunciou Freud: o primeiro, a troca da zona erógena, ou seja, do clitóris para a vagina; o segundo, e talvez o mais representativo, o posicionamento da menina com relação ao seu primeiro objeto de amor – a mãe. E prosseguiu nas considerações, dizendo que “sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multificada. O segundo fato ensinou-me que a *duração* dessa ligação também fora grandemente subestimada” (FREUD, 1931/1996, p. 233, grifo do autor). Então, a relação mãe e filha será marcada por alguns infortúnios e dela dependerá a passagem da posição masculina para a feminina, determinante na “arte” de tornar-se mulher.

Do enlace mãe e filha, Freud (1931/1996) vai mais longe. Aponta para o fato de muitas mulheres se manterem, mesmo na vida adulta, reféns dessa ligação, não conseguindo, assim, construir um laço afetivo com um homem que lhe proporcione o lugar de mulher e não somente de filha.

Fica evidente que parte da complexidade psíquica feminina está ligada aos esforços aos quais ela é submetida. Como visto, a menina difere do menino que toma a mãe como seu primeiro objeto de amor, esta que, por sua vez, será responsável por lhe ofertar atenção e cuidados, para que, num segundo momento, saia de cena e dê espaço para a entrada de outras pessoas. No caso da menina, essa situação tem um desenrolar mais complexo, exigindo que ela deixe o amor de sua mãe para dirigir-se ao pai. Precisa ocorrer a troca de sexo do objeto amoroso – ou seja, quando ela troca a mãe pelo pai, ela também muda o sexo, como nos mostra Freud:

Também o primeiro objeto de uma mulher tem de ser a mãe; as condições primárias para escolha de objeto são, naturalmente, as mesmas para todas as crianças. Ao final do desenvolvimento dela, porém, seu pai – um homem – deveria ter-se tornado seu novo objeto amoroso. Em outras palavras, à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo do objeto (FREUD, 1931/1996, p. 237-238).

No entanto, Freud (1931/1996, grifo nosso) demonstrou uma atitude mais duvidosa com relação a esta operação na mulher, ao explicar que, ainda que tal processo de troca *devesse* acontecer, isso não poderia ser tomado como determinante para todas as mulheres.

Isto porque, de acordo com suas considerações, o tornar-se mulher não é comum a todas, denotando então um processo mais complicado do que se supõe.

A sexualidade feminina precisa ser investigada e avaliada na fase que antecede a entrada ao Édipo. Freud nos disse isso do seguinte modo:

[...] a fase de ligação exclusiva tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da vida sexual feminina, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase (FREUD, 1931/1996, p. 238).

Outro ponto importante a ser destacado está relacionado à incidência do recalque, como nos explica Barros e Ligeiro (2009, p. 370): “o efeito do recalque nessa fase causa obscuridade e marcas para sempre na mulher”. Isto é, o Édipo feminino permite uma tessitura psíquica muito particular e com desdobramentos exclusivos.

A mulher não deixa de herdar somente o órgão, mas também o significante que a represente no sexo, e, ainda, não consegue que sua genitora lhe ajude a solucionar o enigma da feminilidade. Falta o órgão representativo e também os recursos para dar conta de sua feminilidade. Barros e Ligeiro (2009, p. 370, grifo do autor) traduziram isso do seguinte modo: “tal relação tem efeitos tanto para a mãe quanto para a filha, o que Freud (1931/1996) comparou a uma verdadeira *catástrofe*, enquanto Lacan (1974/1993) usará o termo *devastação*”.

Barros e Ligeiro (2009) foram ainda mais adiante em suas explicações e nos mostraram os efeitos da catástrofe ou da devastação na menina:

Na teoria freudiana, de fato o encontro com o real da incompletude leva-a a sua própria castração no nível imaginário, conduz a menina à castração simbólica e possibilita sua entrada no processo civilizatório, separando-a da mãe e aproximando-a do amor do outro e à busca de objetos outros. Já o termo devastação, muito mais forte, produz a ideia de um terreno do qual a vida foi subtraída e que levará algum tempo para se reconstruir (BARROS; LIGEIRO, 2009, p. 371).

O enlace mãe-filha se dá de forma ambivalente deixando marcas nos próximos relacionamentos. Quanto ao pai, este tem como função localizá-la junto à ordem simbólica, oferecendo-lhe a identificação viril, uma vez que, do viril fálico por ele ofertado, ficará o lugar do simbolismo – parte do qual pode ser alcançado pela incidência da castração. Porém, do lado do recalcado, permanece a obscuridade, onde a palavra falta e a linguagem não mais a protege. Isso compreende o **não-toda** para o qual a castração não se deu por completo.

Antes de começarmos a falar da mulher no simbólico¹¹ – ou seja, a mulher toda e não-toda, que faz menção às elaborações lacanianas –, precisamos continuar em Freud para analisar aquela que foi a sua última conferência, na qual mais uma vez foi concedida à mulher um lugar privilegiado. Nessa conferência, objetivo era retomar elaborações clínicas e teóricas sobre a vida psíquica da mulher, o que, em alguns momentos, parece uma reprise de textos discutidos anteriormente. No entanto, suas constatações mostram-se mais intensas e com mais subsídios clínicos para a compreensão da temática.

2.3 A SUBJETIVIDADE FEMININA E SEUS ENIGMAS PARA FREUD

Feminilidade foi o título dado à última conferência freudiana. Durante a abertura desta, ele voltou mais uma vez a uma de suas primeiras declarações a respeito da mulher: “através da história, as pessoas têm quebrado a cabeça com o enigma da natureza da feminilidade” (FREUD, 1933 [1932]/1996 p. 114). Parece repetitivo, mas é preciso destacar o quanto Freud em seu percurso teórico e clínico nunca recuou diante de tal temática mesmo sabendo dos desafios que o aguardavam. Essa declaração freudiana sustenta a posição da mulher enquanto um enigma em toda obra, demonstrando que, mesmo após tantas descobertas impressas em seus textos, a tentativa de desvendá-la por completo persistia.

Sua explanação inicial na conferência foi marcada por um importante questionamento, junto aos seus convidados, sobre o que designaria, ou melhor, distinguiria um homem de uma mulher. Na sequência, fez algumas descrições a respeito das diferenças anatômicas entre os sexos, afirmando que era impossível acreditar que a masculinidade e a feminilidade pudessem ser demarcadas a partir destas distinções, pois, segundo ele, “[...] aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 115).

Ele também fez questão de criticar o modo como a psicologia concebia a diferença entre os sexos, pois, de acordo com esta, existiam comportamentos, características, qualidades psíquicas próprias a cada sexo. O masculino tinha como referência o lado ativo, enquanto o feminino, o passivo. Para ele, a concepção adotada pela psicologia era parcial, uma vez que

¹¹ Compõe um dos três registros psíquicos estabelecidas por Lacan, denominados Real, Simbólico e Imaginário. Em Chemama e Vandermersch (2007, p. 348), encontramos o seguinte sentido para o registro do simbólico: “função complexa e latente que envolve toda a atividade humana, comportando uma parte consciente e outra inconsciente, ligadas à função da linguagem e, mais especialmente, à do significante”. Os autores dão continuidade à explicação de tal registro, acrescentado: “o simbólico faz do homem um animal ‘falasser’ fundamentalmente regido, subvertido pela linguagem, o que determina as formas de seu vínculo social e principalmente suas escolhas sexuais” (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p. 348).

não seria possível verificar universos sexuais tão bem determinados como pressupunha a mesma. A posição sexual escolhida pelo sujeito implica operações psíquicas bem mais complexas, a considerar os efeitos do Édipo para os dois sexos, entre outros fatores que interferem no psiquismo para a estruturação da sexualidade (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 115).

Durante sua explanação, ele objetivou desenvolver uma sequência de raciocínio que pudesse esclarecer a concepção de homem e mulher, masculino e feminino, ativo e passivo, sempre no sentido de desvincular da questão anatômica. Isso é fundamental para as discussões sobre o posicionamento diante do sexo. No entanto, focaremos em suas conclusões a esse respeito.

Como assegurou Freud (1933[1932]/1996, p. 116-117), o feminino está constantemente atrelado à vida instintiva, ou seja, existe uma ligação estreita entre ambos. E, com isso, a uma busca por extinguir a agressividade que é constante e também constitutiva, ou seja, com isso ocorre a produção de impulsos masoquistas que se associam libidinosamente às tendências destrutivas, afugentando-se dentro das mulheres. Conclui-se, então, que o masoquismo é simplesmente feminino.

Como foi dito anteriormente¹², a questão do masoquismo feminino seria retomada quando, no texto, fosse retratada a última conferência freudiana. Mas, antes de começar a análise da conferência, é preciso retornar ao *O problema econômico do masoquismo* a fim de discorrer sobre o conceito de masoquismo para a psicanálise. Na sequência, o foco o masoquismo feminino.

A questão que gira em torno do masoquismo¹³ talvez possa ser formulada do seguinte modo: o que está por trás do funcionamento psíquico de um sujeito que faz com que ele busque a dor em detrimento do prazer? E, afinal, o que é o masoquismo feminino na teoria freudiana? Sendo assim, as discussões que seguem têm como objetivo a compreensão do masoquismo em Freud.

2.3.1 O masoquismo feminino

O masoquismo feminino está entre outros dois tipos de masoquismo: o erógeno e o moral. O masoquismo erógeno, descrito como biológico, constitucional, é uma contingência

¹² No capítulo *A sexualidade feminina*, seção 2.1 *A operacionalização do Édipo na vida psíquica da mulher*.

¹³ O masoquismo, segundo a concepção freudiana, apresenta-se “[...] sob três formas: como uma contingência da excitação sexual, como expressão da essência feminina e como norma ou regra de comportamento (*behaviour*)”; o que foi então denominado: erógeno, feminino e moral (FREUD, 1924/2007, p. 107).

da excitação sexual, servindo sempre como base para os outros. Já o masoquismo moral, revela-se a partir da culpa, que, na maioria das vezes, é de cunho inconsciente, mas também trabalha a serviço da norma e da regra. Passemos então a nos focar no chamado masoquismo feminino, descrito por Freud (1924a/2007) como o mais fácil de ser observado e também menos enigmático, o que o fez retratá-lo logo de saída.

De acordo com a concepção freudiana, ao masoquismo feminino só se tem acesso pela via das fantasias masculinas. Os homens – ou masoquistas, segundo Freud (1924a/2007) –, em suas fantasias, ou durante o ato masturbatório, fantasiam a possibilidade de possuir uma mulher sexualmente, tendo como objetivo atingir o ponto alto de sua satisfação sexual. No momento em que Freud (1924a/2007) faz menção a essa atitude masculina, ele posta uma nota referente ao texto *Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais*.

Nesse momento de sua construção teórica, Freud (1919/2010) articulou a questão das fantasias infantis com o masoquismo, mas, sobretudo, pontuou a atitude feminina com relação às operações psíquicas que antecedem a entrada no complexo de Édipo. Façamos, então, uma digressão para entendermos como ele traçou o percurso teórico que o levou da fantasia infantil até o masoquismo feminino.

Foram os estudos sobre as fantasias de surras, comuns na infância, que subsidiaram a construção da noção de masoquismo e de Édipo para os sexos. Para a realização desse tipo de estudo, foi necessário seis casos clínicos, sendo quatro de mulheres e dois de homens. No entanto, o material clínico obtido a partir de relatos objetivou uma conduta investigativa mais minuciosa com relação aos casos das mulheres, mas isso não descartou a investigação dos casos masculinos (FREUD, 1919/2010).

De posse do material clínico obtido, a fantasia de surra passou a ocupar o lugar de mito, pois os adultos, em algum momento de seus relatos, descreviam uma cena de surra. Com isso, a fantasia de surra infantil conseguiu dar conta da complicada relação entre a criança e seus pais, fazendo com que, futuramente, essas constatações servissem de base para a estruturação edípica. A despeito dessa articulação freudiana, Laurent (2012) nos diz que estamos diante de uma nova proposta de mito, cuja base é composta de uma fantasia comum a todos, a qual, de algum modo, fez ou fará parte do universo psíquico.

Laurent (2012, p. 40) fala da descoberta freudiana: “[...] Freud nos guia através de uma fantasia bem generalizada, conectada, no entanto, a uma perversão, mas que, enquanto fantasia, atravessa as neuroses histérica e obsessiva: transestrutural, digamos, a fantasia é comum aos dois”. E mais, Laurent (2012, p.40) diz que ela “não se atualiza necessariamente

em perversão, e justamente as meninas também têm direito a um uso da fantasia, maneira em que Freud tenta retirar de seus leitores a ideia de que só os meninos têm acesso ao masoquismo". A investigação da fantasia de surra permitiu o encontro com o lado masoquista constitutivo da mulher que anuncia um modo de sofrer particular. Para esclarecer a questão do masoquismo feminino é preciso entender os tempos que marcam a fantasia de surra.

De acordo com as elaborações freudianas, as fantasias de surra em crianças são divididas em três fases. Com relação à primeira fase em meninas, não se tem muitas informações, porém uma frase pode ser formulada nesse tempo: "batem numa criança". Por intermédio do relato infantil, é possível verificar que a criança que fantasiou não é a mesma que apanhou – nesse caso, as lembranças são conscientes. Nesse tempo da fantasia não é possível discriminar entre masoquista e sádico, pois não está claro o posicionamento da pessoa diante da fantasia relatada, restando então a dúvida. No entanto, a interpretação neurótica permite a ocupação de ambos os lados, masoquista e sádico (FREUD, 1919/2010).

Para Freud (1919/2010), o melhor caminho foi não responder à pergunta sobre masoquismo ou sadismo, explicando apenas que, se a criança que fantasia não é a mesma que apanha, não se pode falar em masoquismo. Já a criança que fantasia não é a mesma que bate, pois a primeira só serve como testemunha ocular da cena, que foi explicada assim: uma criança apanha, mas não fica claro quem bate; então, nesse caso, fica a dúvida em considerá-la como uma cena de sadismo. Outra incerteza está do lado de quem bate, pois a única informação é a de que se trata de um adulto. Mais tarde esse adulto será substituído pela figura paterna. Esse é o começo da verificação de conteúdos masoquistas na vida psíquica infantil.

A próxima fantasia a ser descrita foi considerada como a mais importante. A cena fantasiosa não deixa dúvida quanto à pessoa que bate: é o pai. Porém, agora a criança castigada é a mesma que fantasia, e a fantasia é inconsciente. A frase que expressa esse tempo fantasmático é: "sou castigada por meu pai". Apesar da fantasia dessa fase, Freud (1919/2010, p. 302-303) fez a seguinte consideração: "em certo sentido, no entanto, pode-se dizer que ela não tem uma existência real. Em nenhum caso ela é lembrada, não chega a tornar-se consciente. É uma construção de análise, mas nem por isso menos necessária". As pessoas, a cada tempo, estão mais enlaçadas com suas fantasias, pois são produções psíquicas que marcam a todos, independentemente do sexo. A diferença está em como homens e mulheres reconstruirão, em análise, aquilo que um dia fez parte de suas histórias.

Para Laurent (2012, p. 41), será nesse segundo tempo fantasmático que a intensidade prazerosa atingirá seu ápice, desaparecendo no terceiro tempo para ser restaurado em análise.

Esse é o momento dito, por Freud, como inesquecível, por se tratar do **escamoteamento** da culpa, de cujos efeitos, só posteriormente, se terá notícias. Por isso ela é **inconsciente** e poucos são aqueles que conseguirão aproximar-se dela ao longo de sua vida. A análise talvez seja, de algum modo, a única possibilidade de aproximação e reconstrução.

A terceira e última fase da fantasia apresenta alguns pontos em comum com a primeira, pois ambas acontecem no nível consciente. Porém, quanto a quem bate, continua a indefinição. Quem apanha, em geral, são muitas crianças e do sexo masculino. Nesse momento, a fantasia vem acompanhada de excitação sexual que pode culminar na satisfação masturbatória (FREUD, 1919/2010, p. 303).

As fantasias retratam o momento em que a criança está totalmente presa às excitações provocadas pelas relações mantidas com seus genitores. Com isso, surgem os desejos incestuosos por eles, representando, assim, os primeiros passos em direção ao Édipo. A esse respeito, Freud fez a seguinte consideração:

A menina é afetosamente fixada no pai, que provavelmente fez tudo para ganhar seu amor, lançando-se o germen de uma atitude de ódio e concorrência diante da mãe, atitude que subsiste junto a uma corrente de afetuosa dependência e que pode, com o passar do tempo, tornar-se consciente de maneira cada vez mais intensa e nítida, ou provocar uma exagerada ligação amorosa reativa com ela (FREUD, 1919/2010 p. 304).

Ao explicitar sobre a menina nesse tempo fantasmático, Freud ainda estava preso à ligação pai e filha como primária, ou seja, a figura materna ainda ocupava o lugar de concorrente. Porém, foi avançando nas investigações que pôde apresentar novas descobertas a esse respeito e criar outra perspectiva para a relação mãe e filha. Esse fato é importante e precisa ser destacado, pois faz toda diferença na construção psíquica da mulher.

Do desabrochar amoroso/incestuoso da criança para com seus genitores, surge o tempo de renunciar a tudo isso para, somente na puberdade, retomar o que ficou adormecido. Esse é o efeito da repressão, que faz com que a segunda fase da fantasia fique inconsciente, encoberta e sem acesso. Fatores externos podem contribuir para o desalojamento dos pais deste lugar em que a criança os havia colocado. Um exemplo comum a uma grande maioria seria o nascimento de um irmão, entre outros que poderiam ser apresentados.

Segundo Freud (1919/2010, p. 307): “é inegável que tais ensejos não são as causas efetivas, mas que essas relações amorosas estão fadadas a declinar em algum momento, não se pode dizer em virtude de quê”. Talvez isso termine por ter feito parte de uma fase que esgotou. Nesse caso, novas fases chegarão. Tem-se então que, num processo evolutivo da

humanidade, as pessoas tiveram que recuar diante do desejo incestuoso, mesmo que inicialmente esse desejo tenha sido mantido pelo elo entre mãe e filha.

A questão da fantasia masoquista inconsciente na menina acontece em direção ao Édipo, pois a pessoa misteriosa que bate num primeiro tempo, será aquela que, no segundo tempo, terá sua identidade revelada – o pai. Num último tempo da fantasia, a pessoa que bate volta a ocupar o lugar de mistério, mas o sexo de quem apanha é revelado – o masculino. A condição originalmente masoquista na menina sofre os efeitos da repressão e se converte numa condição sádica e, com isso, a questão sexual é eclipsada. Nesses casos, o menino se torna alvo de suas explosões afetivas (FREUD, 1919/2010). Portanto, o agressor é do sexo masculino, e também aquele por quem ela tem amor e ódio.

Ainda com relação à repressão e modificação da fantasia inconsciente, a menina se distancia da vida amorosa mudando seu posicionamento psíquico, ou seja, a menina “[...] fantasia ser um homem, sem tornar-se masculinamente ativa, e apenas presença como espectadora o ato que substitui um ato sexual” (FREUD, 1919/2010, p. 322). A partir de tal elaboração freudiana, verifica-se, assim, que a menina passa a se nortear pelo referencial fálico diante das exigências externas e psíquicas.

Agora, ao retomar o masoquismo feminino é possível analisar que os três tempos da fantasia são responsáveis por deixar marcas que podem ser traduzidas pela seguinte frase: “estou sendo espancada pelo pai”. A partir daí, Freud conclui que o masoquismo nela produz um fenômeno psíquico singular, e faz o seguinte esclarecimento a esse respeito:

Em dois de meus quatro casos femininos se desenvolvera, por sobre a fantasia de surra masoquista, uma engenhosa superestrutura de devaneios, muito importante na vida daquelas pessoas, à qual cabia a função de possibilitar o sentimento de que a excitação fora satisfeita, mesmo com a renúncia ao ato masturbatório (FREUD, 1919/2012, p. 309).

Ao citar algumas das fantasias descritas por masoquistas, Freud (1924a/2007) explica que, na verdade, o que eles querem é ser tratados como crianças pequenas que precisam de cuidados. Mas, ao ocuparem esse lugar, sentem-se por vezes dependentes e desprotegidos, ou mesmo maldosos e desobedientes, pois, afinal, o que desejam é serem colocados na condição tipicamente feminina, como castrados, objeto de coito, ou em condição de dar à luz. Portanto, mesmo diante de tantos fatores que apontam para uma infantilização psíquica, constata-se que isso é o masoquismo feminino.

Desse modo, esse tipo de masoquismo nos remete a um tempo da infância e, sendo assim, envolve o desejo que marca as relações parentais, pois o desejo outrora reprimido

retorna por meio da culpa, cujo efeito se busca amenizar por meio de práticas dolorosas e torturantes. Porém, não se consegue aplacar os conteúdos masoquistas por tal via, porquanto o que tais práticas encobrem é a ligação com um tempo masturbatório infantil.

Concluiu-se também que o masoquismo feminino tem como base o masoquismo erógeno, pois a partir do desejo inicialmente investido no corpo, acomodam-se os conteúdos psíquicos, tendo como referencial todas as fases de desenvolvimento infantil da sexualidade. Enfim, o que temos são elaborações clínicas que apontam para uma diferença psíquica entre as posições masculina e feminina, entendendo que, mesmo apoiando-nos no referencial masculino para conceber o psiquismo feminino, ainda assim estaremos diante da multiplicidade que é o universo feminino.

2.4 O TORNAR-SE MULHER NA TEORIA FREUDIANA

Retomemos os escritos da conferência freudiana sobre a feminilidade. A partir de duas perspectivas, Freud (1933[1932]/1996) explica o desenvolvimento sexual da mulher. Na primeira, diz que a mulher em sua “[...] constituição não se adaptará à sua função sem uma luta”. Já na segunda perspectiva, afirma que “[...] os pontos críticos decisivos já terão sido preparados ou completados antes da puberdade” (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 117). Ou seja, num processo complexo, que difere do menino, a menina se tornará mulher.

Nas fases iniciais, ambos os sexos apresentam um desenvolvimento libidinal parecido – como já visto, isso foi descrito na obra freudiana como monismo sexual. Isso ocorre quando em contato com o clitóris, durante a masturbação, a menina tem a oportunidade de equipará-lo ao pênis, por ainda não conseguir diferenciá-los. Até a fase fálica, o clitóris representa a fundamental zona erógena para a menina, mas isso deverá seguir outra direção, em função das transformações que virão. Já o reconhecimento da feminilidade só será possível no momento em que a menina conseguir mudar da zona de prazer clitoriano para a vagina. Segundo Freud (1933[1932]/1996), esse seria o passo para tornar-se mulher.

Primeiramente, ela tem como tarefa a troca da zona erógena, ou seja, o clitóris pela vagina. A próxima tarefa será a mudança do objeto amoroso, deixando, então, a mãe para enlaçar-se ao pai, e, posteriormente, a outro homem, quando no tempo do matrimônio. Freud (1933[1932]/1996) já havia destacado a troca de objeto amoroso, ao afirmar a importância da pré-história.

Ao complexo de castração deu-se também a devida relevância, pelo fato de causar consequências distintas entre meninos e meninas. A menina, segundo Freud

(1933[1932]/1996, p. 125), “[...] continua a alimentar, por longo tempo, o desejo de possuir algo semelhante e acredita nessa possibilidade durante anos”. A marca da insatisfação feminina permite a manutenção da esperança e, conseqüentemente, contribui para a chegada mais frequente de mulheres à análise.

Ao perceber-se castrada ela terá três possíveis saídas: a interdição sexual (a neurose); a transformação na atitude para o complexo de masculinidade; ou a feminilidade dita **normal**. Cada mulher reagirá à castração num processo particular (FREUD, 1933[1932]/1996, p. 126, grifo nosso).

A feminilidade, como nos ensina a teoria freudiana, é um passo importante na constituição psíquica da mulher e envolve processos e operações densas, por exemplo, a troca do objeto amoroso. Com essa troca, em especial, o objetivo é conseguir com o pai aquilo que a mãe não pôde lhe conceder: o pênis (FREUD, 1933[1932]/1996). Mas, ao final, espera-se que a menina consiga substituir o desejo de obter um pênis pelo filho, pois quando ele ocupar tal lugar, estará constituído o substituto de equivalência simbólica.

Desenlaçar-se da mãe para seguir em direção ao pai passa a ser primordial para sua sustentação psíquica. O pai lhe dá esperanças de conseguir aquilo que ela não conseguiu obter na parceria com a mãe. Então, o encontro com ele garante não só a entrada no Édipo, mas também a continuidade do desenvolvimento de sua feminilidade.

Ela sempre estará num processo de substituição de objetos para sua organização psíquica: o clitóris pela vagina; a mãe pelo pai; o pai pelo bebê; e, finalmente, o bebê assumindo o lugar do substituto primordial do pênis. Esse seria o processo **ideal** para o desenvolvimento da feminilidade para a psicanálise freudiana. Todos os indícios apontam para uma constituição psiquicamente feita sem pressa, o que nos permite pensar o quanto qualquer possibilidade de aproximação com o masculino torna-se inviável. Para muitos, isto faz da mulher um paradoxo ou um mistério a ser desvendado.

Freud (1933[1932]/1996, p. 134) finaliza essa conferência com a seguinte frase: “se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes”. A complexidade psíquica aponta, portanto, para a dificuldade em se fechar um padrão que possa dar conta de responder a todas as perguntas que bordejam a mulher em sua subjetividade.

O objetivo do próximo capítulo será abordar algumas das contribuições teóricas feitas por Lacan, pois ele foi responsável por dar um novo rumo às pesquisas que compreendem a subjetividade feminina.

3 AS CONTRIBUIÇÕES LACANIANAS PARA A COMPREENSÃO DO FEMININO

*“E que se diz ser alguém
É um fenômeno mor
Ou é um lapso sutil?”*

Ana Cristina Cesar

Recolho essa estrofe do já citado poema de Ana Cristina que nos remete à mulher lacaniana, cuja característica foi descrita como **toda** e **não-toda**. A partir desse ponto de vista, a mulher pode ser analisada em sua constituição psíquica como “um fenômeno mor”, enquanto **toda**, ou como “um lapso sutil”, quando associada ao **não-toda**.

No primeiro caso, a mulher toda, ou “fenômeno mor”, não encontra um significante que a represente em sua plenitude psíquica, mas tem o suporte parcial do falo, que lhe proporciona organizar-se psiquicamente **toda** dentro da ordem simbólica. Por outro lado, no que remete ao **não-todo** ou “lapso sutil”, ela está à mercê do real, pois sem um significante ordenador à altura do falo, fica uma porção de seu psiquismo sem amparo, o que possibilita afirmar que ela está, e ao mesmo tempo não está, amparada em sua amplitude psíquica.

Voltando às raízes freudianas, a questão do representante sexual feminino sempre colocou a mulher em desvantagem em relação ao homem, principalmente por conta dos efeitos da castração que lhe trazem consequências – antes, durante e depois de sua entrada no Édipo. Com Lacan, isso ocorre num outro formato, pois, de acordo com suas investigações, todos os neuróticos foram castrados em sua constituição psíquica.

Para Lacan (1971[1972]/2012), o sujeito, homem ou mulher, só entra na neurose se consentir com a castração e, conseqüentemente, se tiver o falo como representante primordial. Tal organização suporta as conseqüências operativas da castração constitutiva. O neurótico é castrado simbolicamente, ou seja, é dividido entre o que lhe restou a partir da incidência do recalque, e o que, infelizmente, se perdeu para nunca mais ser encontrado, deixando o lugar da falta. Dito de outro modo, todos, ao tomarem a palavra, dirigem-se ao Outro¹⁴. Esse Outro será responsável por lhe oferecer o amparo e o desamparo necessário para sua existência psíquica. Isso faz emergir o lugar da falta como marca da estrutura neurótica.

Para Braunstein (2007), a falta foi nomeada por Freud como castração, que está fundamentalmente associada à ordem. Na teoria lacaniana, ela instala-se no momento em que

¹⁴ O “Outro”, escrito em maiúsculo, é tomado por Lacan como uma forma de diferenciá-lo do “pequeno” outro que está no nível do imaginário, já que o Outro é pensado como algo anterior e exterior ao indivíduo, do qual este depende, mesmo que tentando dominá-lo (LACAN, 1956-1957/1995).

o sujeito sofre o efeito do recalque, logo no início de sua existência. Com a divisão, uma parte de sua imagem perde-se para nunca mais ser encontrada. Na teoria lacaniana, foi representado pelo S barrado – $\bar{S}$ –, ou seja, a divisão do sujeito.

Em suas considerações, Braunstein (2007, p. 131) afirma que “O traço vertical é feito de um cristal apagado que introduz a falta e marca a ausência de relação entre alguém e si mesmo percebido como outro”. Com a divisão, passa a existir o **um**, ou seja, o um que se confrontou com a alteridade advinda do campo do Outro, que significa tudo que aponta para a diferença. Demonstra-se, assim, a impossibilidade do encontro com o Outro em sua plenitude, mas a certeza de sempre encontrar o que falta.

André (1991, p. 10) lembra que, de acordo com a teoria lacaniana, a falta na neurose representa o encontro com o real, um real que não se pode “[...] designar, no discurso, senão como ponto de umbigo, lacuna, representação faltosa”. Por isso, a tentativa incansável de sempre colocar algo nesse local de vazio para, quem sabe, conseguir tamponá-lo. O local de vazio aponta para algo que ali possa ter existido, mas se perdeu.

Conclui-se então que, na neurose, tanto homens como mulheres, sem distinção, submetidos ao significante fálico, dentro de uma lógica simbólica, terão a linguagem como continente em sua constituição psíquica, pois a incidência do recalque lança todos ao mundo da linguagem. A entrada neste mundo permite, para a estruturação do inconsciente, o uso dos significantes que a linguagem contém. Assim, a mulher, na neurose, conta com o amparo legal da linguagem, num gozo fálico como todos os outros dessa estrutura, ela é **toda**, como “um fenômeno mor”.

Quanto ao seu lado **não-todo**, ou “um lapso sutil”, cujo significante fálico não oferece um suporte psíquico sustentável, o registro do real se faz presente sem muitas barreiras. Deste modo, a mulher é lançada na ausência de sentido com relação aos fenômenos psíquicos que lhe acomete, pois o sentido está do lado **tudo**. O fato é que a castração não operou de forma majoritária na vida psíquica feminina, ou seja, algo falhou em tal procedimento e a instância simbólica não conseguiu abarcar todo o psiquismo – diferente do que ocorre com o homem, que está totalmente submetido à ordem fálica. Então, nos questionamos: seria a ausência de um significante a grande questão da mulher, ou ela estaria em um emaranhado ainda maior em sua constituição psíquica, fazendo-a transitar pela neurose e também fora dela?

A mulher do lado **tudo** sofre com os efeitos do recalque como todo neurótico. O que a faz dividir psiquicamente e imersa na linguagem, ou melhor, submetida ao registro do simbólico. No registro simbólico, a linguagem serve como arcabouço e favorece a criação de

Low
sentido para toda produção psíquica. Do lado do simbólico, a organização psíquica fica amparada pelo significante mestre, o falo.

Todos que consentem com a neurose aceitam ser orientados pelo significante imaginário, o falo, mantendo-se alienado, amalgamado ao Outro materno. No entanto, após a divisão simbólica, o Outro é a possibilidade de falar algo de si, algo a que não se tem acesso. O Outro materno, de início, endereça seu desejo à criança, dando-lhe assim um lugar nesse universo simbólico. Nesse tempo inaugural, nasce o significante inicial, ou mestre, responsável pelos próximos significantes a serem produzidos desse tempo em diante. Forma-se, então, a cadeia dos significantes a partir do enlace de um significante ao outro, num movimento infinito.

Esse enlace com o Outro materno faz parte do primeiro tempo de constituição da sexuação, que deverá ocorrer gradativamente. O corpo é o ponto de ancoragem para o reconhecimento psíquico da sexuação, porém é sabido que só ele não basta, pois há, ainda, a relação do sujeito com este, assim como a formação dos laços edipianos que permitem a pessoa posicionar-se de um dos lados da sexuação – isto é, masculino e feminino. Consequências estas que conduzirão cada um a ocupar de forma particular um dos lados do sexo. Isto foi compreendido como a partilha dos sexos, num processo paulatino, mas que não é de desenvolvimento, e sim de reconhecimento.

Com relação à partilha dos sexos, Lacan (1971-1972/2012, p. 15-17) nos diz o seguinte em *O seminário, livro 19*: “[...] os sexos parecem dividir-se em dois números mais ou menos iguais de indivíduos. Bem cedo, mais cedo do que se espera, esses indivíduos se distinguem, isso é certo”. Ele acrescenta que esta formulação não apresenta uma lógica precisa, pois o órgão não consegue dar conta do psíquico, não havendo, assim, uma determinação matemática no sentido da exatidão que se espera da formação da sexuação para ambos os sexos. E finaliza dizendo que o importante da existência de tal lógica é que, ao final, os sujeitos se vejam diferentes diante do sexo (LACAN, 1971-1972/2012). Isto porque, o sujeito inconsciente que se dá conta da diferença entre os sexos é um sujeito dividido, um neurótico. Ocorre, então, um avanço no modo de entender a distinção entre os sexos e a questão não mais envolve os que têm e os que não têm o pênis, mas sim, as consequências psíquicas.

O ter e não ter o pênis foi um ponto de investigação bastante explorado pela psicanálise freudiana. Usando um dito de Napoleônico, Freud (1924b/1996, p. 197) inclusive afirmou: “a anatomia é o destino”. E Gallano (2011) aproveitou a afirmativa freudiana para tecer seu comentário:

[...] referia-se ao fato de que o importante é a implicação psíquica de ter o órgão de gozo que a castração simbolizará como falo. Por isso, no Um do ter o que importa é ter o pênis ou não tê-lo, não é um problema de ser o pênis, ou ser o falo. O falo freudiano não remete ao ser, mas sim, a um gozo que pode se localizar em um órgão, é o falo como padrão de medida, na diferença dos sexos (GALLANO, 2011, p. 68-69).

Ainda com relação ao lugar ocupado pela anatomia para a psicanálise, Bessa (2012), Nicolau (2000) e Zalcberg (2007) concordam que ela não é o suficiente para que as pessoas se reconheçam como homem ou mulher. Nicolau diz o seguinte:

A psicanálise, entretanto, mergulha da superfície das diferenciações anatômicas Homem-Mulher para as 'profundezas' das consequências psíquicas, ou seja, em psicanálise é melhor falarmos em Masculino-Feminino, cujas ressonâncias vão além de homem e mulher (fenômenos), mas são questões estritamente vinculadas à própria constituição do sujeito, fazendo referência a uma estrutura (NICOLAU, 2000, p. 24, grifo do autor).

A respeito de tal questão, Zalcberg legitima a fala de Nicolau e acrescenta:

O inconsciente desconhece a biologia na medida em que nada nele dá conta da diferença dos sexos: um sexo não é reverso do outro. [...] o inconsciente só reconhece um significante do sexo, o falo, e este é masculino. É com este significante que tanto homens quanto mulheres contam para lidar com a sexualidade no inconsciente e evidentemente, de forma diferente (ZALCBERG, 2007, p. 13).

Gallano (2011) assegura, a partir da concepção lacaniana, que não é possível a existência de nenhuma lei no inconsciente além da que remete ao viril, ao fálico. Tal declaração está presente em pelo menos três textos freudianos, são eles: *A organização genital infantil*, de 1923, *A dissolução do complexo de Édipo*, de 1924 e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, de 1925. Para além da distinção anatômica, estão as consequências psíquicas e o **como** cada sujeito terá que se **haver** com sua castração.

Em Freud (1925/1996), a castração na mulher limita à masculinidade e incentiva a feminilidade, mas para isso é preciso passar do masculino para o feminino. De acordo com a lógica freudiana: ela está castrada desde o começo. Essa elaboração freudiana permitiu o seguinte questionamento em Lacan (1956-1957/1995): até que ponto ela realmente está castrada desde sempre? Para ele, "a privação é a privação do peixe. É, em especial, o fato de que a mulher não tem pênis, que ela é privada dele" (LACAN, 1956/1957, p. 223). Ou seja, ela está castrada no real do corpo, isso não muda. Mas, no que remete à privação, é possível fazer algo para suportar essa ausência, por exemplo, as saídas que Freud (1925/1996)

elaborou como sendo recursos a que elas recorrem para lidar com a ausência do falo como representante psíquico.

Importante destacar que, de acordo com a teoria lacaniana, a castração incide na vida de uma parte significativa da humanidade, os neuróticos, que, ao consentiram com a neurose, foram castrados. Assim, segundo Lacan (ano/ano, p. 223-224): “eles são castrados na subjetividade do sujeito”. A castração, quando efetiva, recai sobre o objeto imaginário, o falo. Ela sempre será uma operação simbólica – nesse caso, a mulher estruturada na neurose é castrada como todos dessa estrutura psíquica.

Segundo Gallano (2011), a partir das constatações lacanianas, a questão da feminilidade não pode mais ser considerada somente mediante o referencial da castração, como propôs a teoria freudiana, mas, sobretudo, pela via da privação. Para a autora: “[...] quando [se] diz que o homem tem pênis e a mulher não o tem, a questão espinhosa para ele é como a menina pode subjetivar, em termos de castração, sua privação” (GALLANO, 2011, p. 70). Ou seja, independente do sexo, todos estão subjugado pela castração simbólica. Mas, no caso da mulher, além de dar conta da castração, ela terá que simbolizar também sua privação.

Na mulher, a ausência do pênis marca o corpo, ou seja, está no real do corpo. Consequentemente, a modalidade de gozo altera-se por não existir um órgão que a inscreva junto ao falo. Diante da ausência de um representante, Gallano (2011, p. 70) diz “[...] que a privação é a ausência no real de um significante, não é no sujeito, mas no real”. A mulher sofre o efeito da privação no real do corpo.

Na neurose, a instância do simbólico permite que, em meio à linguagem, gradativamente, cada um consiga ir se posicionando entre o universo masculino e o feminino. Tal instância é governada pelo representante fálico, e isso favorece a organização e sustentação psíquica do homem em sua totalidade. No caso da mulher, as consequências extraídas são outras, pois ela entra na vida psíquica sofrendo os efeitos da castração e tendo que lidar com os desafios que tal condição lhe impõe. Assim, ela, na neurose, se vê as voltas com sua castração – no que remete à parcela **todo** de sua subjetividade. Isso dificulta seu posicionamento diante do sexo e, desse ponto, surge o clássico questionamento histórico: **qual é a minha no sexo?** Questionamento que Freud designou como a bissexualidade própria da constituição feminina.

Em parte, ela consegue ser sustentada psiquicamente pelo simbólico, isso é seu **todo**, mas por outro lado, o simbólico não consegue recobrir seu psiquismo na totalidade. Por esse motivo, Lacan (1971-1972/2012, p. 44, grifo do autor) nomeou essa porção não abarcada pelo simbólico de **não-todo**, sobre o qual explicou o seguinte: “A mulher se situa a partir de que

não-todas podem ser ditas com verdade em função do argumento no que se enuncia da função fálica”. Só é possível constatar de algum modo a existência desse **não-todo** quando o **todo** não consegue recobrir, ou seja, quando algo fica de fora e falta sentido.

A mulher quando **não-toda** está fora da linguagem, esta que permite a produção de sentidos e, conseqüentemente, a produção psíquica. Nesse caso, é com esse mecanismo que, do lado **não-todo**, ela não conta, e por isso sofre constantemente as investidas do real, não dispondo de nenhum escudo que a proteja. Qualquer investida do real provoca angústia e pode ser da ordem do horror.

Ainda com relação à sua dimensão psíquica, Lacan (ano/ano, p. 44, grifo do autor) declara: “Fica reservado ao *não-todas* indicar que a mulher tem, em algum lugar, relação com a função fálica, e nada mais”. Isso é **sutil**, mas tem seu efeito, pois lança a mulher nos braços do real, sobretudo, porque Lacan (1971-1972/2012, p. 45) afirma que a essência da mulher não está na castração, pois no jogo da vida, como ele assegura, “[...] elas não são castráveis”. E continua:

Porque, o falo [...] elas não o possuem. É a partir do momento em que é pelo impossível como causa que a mulher não está essencialmente ligada à castração, é a partir daí que o acesso à mulher é possível, em sua indeterminação (LACAN, 1971-1972/2012, p. 45).

Então, acerca da composição psíquica da mulher poderíamos dizer tratar-se de uma alternância entre o “fenômeno mor” – isto é, a histeria (gozo fálico ordenado pelo simbólico) – e “um lapso sutil” – o feminino (gozo fálico e o gozo do Outro marcado pelo desconhecido do real)? Essa questão deverá ser discutida com mais intensidade no momento em que entrarmos na questão de gozo na teoria lacaniana. Então, por hora, nós permanecemos por aqui.

Quanto à concepção psíquica da mulher para a teoria lacaniana, Prates (2001) nos esclarece que, num primeiro momento, ela foi concebida pela via do simbólico. À medida que Lacan avançou em suas teorizações – principalmente, com a elaboração da instância do real e do objeto *a*, em *O seminário, livro 11* –, avançou também em sua concepção acerca da mulher. Destacamos que ambos os sexos se entrelaçam aos registros para constituírem-se psiquicamente, no entanto, no que remete à articulação dos registros, a mulher tem sua ligação intensificada junto aos registros simbólico e real, produzindo, com isso, outras implicações subjetivas.

3.1 A MULHER ENTRE O SIMBÓLICO E O REAL

Como já foi dito anteriormente, a entrada no simbólico é uma construção lacaniana, que pressupõe uma operação lógica, comum a todos os indivíduos que se estruturam na neurose após sofrerem o efeito do recalque. Neste caso, a neurose estabelece dois campos subjetivos ao sujeito do inconsciente, sendo o primeiro, o do sujeito, e o segundo, do Outro – ou seja, o nascimento da alteridade. Como nos diz Lacan (1964/2008, p. 200), “o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”. A mãe é o grande Outro da criança na operação psíquica de alienação e terá como função introduzir a criança junto ao campo da linguagem, oferecendo-lhe um lugar que possibilite sua construção subjetiva a partir dos significantes.

A criança entra no simbólico alienando-se ao Outro materno pela via do desejo. O desejo, por sua vez, camufla-se entre os significantes, permanecendo como um mistério, uma ficção de impossível acesso. Assim, ocorre a alienação que é descrita na teoria lacaniana como uma operação psíquica que permite o encontro com o Outro materno. Posteriormente, precisará acontecer a separação entre a criança e o Outro materno e, futuramente, a entrada no Édipo.

Zalcberg (2003, p. 67) nos esclarece que o processo de passagem da alienação ao Édipo acontece quando, na ligação mãe-criança – caracterizada por um alienar-se ao desejo da mãe (permanecendo, então, como objeto) –, com a entrada do pai como o quarto elemento, outro tipo de vinculação é estabelecido entre mãe-criança-falo. Então, o pai retira a criança do lugar de **ser** o falo para a mãe, posicionando-a num lugar de diferenciação com relação ao Outro materno. Ele é o agente que coíbe a ligação alienante da criança diante do desejo da mãe e que estabelece a proibição do incesto. Em linhas gerais, esse seria o primeiro tempo edípico para a teoria lacaniana.

O posicionamento do pai na relação mãe-criança-falo faz nascer a metáfora paterna, porquanto ele é o suposto detentor do falo, o qual captura a atenção da mãe e coloca o bebê em **segundo plano**. A sua entrada na relação triangular amarra os registros psíquicos (real, simbólico e imaginário) uns aos outros, como em um nó, mantendo-os articulados. Mediante tal amarração, permite-se então a constituição da subjetividade na neurose.

Antes de prosseguir com as considerações sobre a subjetividade feminina, é preciso fazer um adendo para a compreensão dos registros psíquicos. Os registros simbólico e real

serão os mais importantes para se compreender a subjetividade feminina, pois, a partir deles, foi possível a construção da mulher como **todo e não-todo** na teoria lacaniana.

Os três registros, como esclarece Jorge (2009), foram instituídos por Lacan na conferência realizada em junho de 1953, junto à Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP) e retomados em *O seminário, livro 22* entre 1973 e 1974. Os registros psíquicos, ao serem amarrados com um nó – o chamado nó borromeano –, articulam-se como em uma engrenagem, produzindo a subjetividade psíquica. O nó faz com que os registros se mantenham unidos, pois uma desarticulação entre eles causaria grandes danos ao psiquismo.

A começar pelo real, Lacan (1964/2008, p. 55) o descreveu como “[...] o que retorna sempre ao mesmo lugar – a esse lugar onde o sujeito, na medida em que ele cogita, onde a *res cogitans*, não o encontra”. O real se inscreve como aquilo que faz furo na estrutura, escasseia de sentido, por isso a linguagem não consegue conceituá-lo, escapa à simbolização. Descrivê-lo é da ordem da impossibilidade, do não-sentido, ou mesmo do impensável.

Lacan (1974/2005, p. 75) ao ser questionado sobre o que era o real, respondeu: “tudo o que temos até o presente de real é pouca coisa perto do que não se consegue sequer imaginar, porque, justamente, o próprio do real é não ser imaginado”. O real é o que faz furo na estrutura e, sempre que irrompe, causa estranhamento, surpresa, inquietação, mas, principalmente, angústia. A mulher, em sua constituição psíquica, está mais suscetível aos atravessamentos do real.

O simbólico tem sustentação na linguagem a partir da articulação entre os significantes que se encadeiam, produzindo, assim, a subjetividade e oferecendo espaço para o surgimento do inconsciente. Segundo Lacan (1964/2008, p. 27), “[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem [...]” e aparece na hiância ou no intervalo dos significantes, os quais são subsidiados pela linguagem antes mesmo da entrada do indivíduo na vida. Acerca disto, explica Lacan:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposições. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam (LACAN, 1964/2008, p. 28).

Assim, o simbólico é o lugar de morada da linguagem, é a partir da linguagem, pela via das significações, que **as coisas** recebem nomeações e sentidos. Os significantes deslizam

de um ao outro, compondo com isso a cadeia dos significantes. A produção de novos significantes é constante, em um movimento infinito.

Lacan (1954/2008, p. 56-57) considerou a existência do real e o simbólico da seguinte forma: “O simbólico está aqui [...] e o real está aqui [...], e o homem está no meio [...]”¹⁵. Isso denuncia a impossibilidade de pensá-los de forma separada, pois ambos caminham lado-a-lado. Ou seja, os registros articulam-se entre si de forma sempre inédita, pois cada psiquismo terá esse entrelaçamento ao seu modo. O nó os unirá para que, entrelaçados, possam produzir e organizar o psiquismo.

Quanto ao imaginário, representa, principalmente, a imagem do corpo sem palavras, fundado a partir da relação da mãe com o bebê num processo de alienação. Tal registro está ligado ao desenvolvimento do eu, como proposto por Freud (1914/2004) na teoria do narcisismo, e, em Lacan (1949/1998), na discussão sobre o estágio do espelho¹⁶. Segundo Soler (2012), quando acontece a identificação entre pessoas, é possível verificar a articulação entre os registros imaginário e simbólico – ou seja, o estabelecimento da relação entre os semelhantes sempre passa pela via do imaginário. A autora ainda acrescenta:

O imaginário não se reduz às imagens, ele inclui todas as significações partilhadas que a linguagem permite. O que faz com que Lacan, quando usa o matema que extrai de Saussure, $\frac{S}{s}$, coloque o símbolo na linha daquilo que se ouve (*entend*) de significante, e o imaginário na linha suposta do significado; o imaginário não se reduz, portanto, à imagem, mas inclui a significação (SOLER, 2012, p. 50).

Assim, o imaginário e o simbólico estão diretamente implicados, por isso, os enlaces dos registros entre si produzem a subjetividade na neurose. Contudo, é preciso destacar que a incidência do real sobre o funcionamento psíquico do feminino pesa mais que do lado da subjetividade masculina. Isso quer dizer que a mulher sofre mais com as investidas do real.

O fato é que o masculino está totalmente organizado, ordenado pelo falo imaginário, ou seja, existe um funcionamento que possibilita a sustentação psíquica no simbólico. No caso do feminino, estamos diante da pouca operatividade da castração e, portanto, o simbólico não consegue abarcar todo o funcionamento psíquico. Segundo Lacan (1956-1957/1995), como já citado nesse texto, **elas não são castráveis**. O mecanismo operativo da neurose não a comporta em sua totalidade, como faz com o homem. Uma parte dela está mais próxima do

¹⁵ Lacan demonstrou o “aqui” dando tapa na mesa quando falava sobre os dois registros durante sua transmissão, foi a forma que encontrou de representar o entrelaçamento que se estabelece entre os registros.

¹⁶ “Fenômeno consiste no reconhecimento, pela criança a partir de seis meses, de sua imagem no espelho; essa fase situa a constituição do eu unificado na dependência de uma identificação alienante com a imagem especular e, de fato, a sede do desconhecimento” (CHEMAMA; VANDERMERSCH, 2007, p. 121).

real, deixando-a mais suscetível aos seus efeitos. A respeito da constituição da subjetividade feminina e seus desafios, Zalcberg faz a seguinte consideração:

[...] a mulher é mais cativa do que o homem de uma busca de referência para seu ser. Além da falta-a-ser que a constitui como sujeito, a mulher deve fazer face à falta de um significante específico de seu sexo, o feminino. **Freud diz que 'o sexo feminino parece nunca ser descoberto'** e **Lacan, mais dramático, responde 'A mulher não existe'** (ZALCBERG, 2003, p. 69, grifo nosso).

Como em mais um de seus aforismos polêmicos, Lacan (1972-1973/2008, p. 79) garante que “A mulher não existe”, assim como Freud (1926/1996, p. 205) já havia anunciado a mulher como um “Continente negro”. Mas afinal, por que a mulher não existe? A partir de quais pilares teóricos isso pode ser confirmado na teoria lacaniana?

A mulher, em sua representação diante das demais, não tem nada que possa diferenciá-la, caracterizá-la, ou classificá-la como **A mulher**. Todas necessitam de uma inscrição psíquica no um-a-um, ou no uma-a-uma, e, só assim, poderão ser contadas. Conclusão, não é possível eleger uma única, **A mulher**, singular, que dê conta de representar todas. Diante da impossibilidade de elegê-la, devido à tamanha vastidão psíquica que a compreende, também fica impossível eleger um único representante psíquico que a constitua em sua plenitude subjetiva. Se assim fizéssemos, estaríamos incorrendo em um erro reducionista. Lacan (1972-1973/2008) nos adverte quanto à tentativa de resumi-la a uma única lógica.

Lacan (1972-1973/2008, p. 78-79) nos diz assim: “[...] quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica”. E continua:

É isto o que define a...a o quê? – a mulher justamente, só que *A* mulher, isto só se pode escrever barrando-se o *A*. Não há *A* mulher, artigo definido para designar o universal. Não há *A* mulher pois – já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? – por sua essência ela não é toda (LACAN, 1972-1973/2008, p. 79, grifo do autor).

Quanto à questão do **todo** e **não-todo** elaborada pela teoria lacaniana, Fink (1998, p. 125) nos explica o seguinte: “a dialética da parte e do todo é crucial para a formulação, por Lacan, da diferença sexual ou ‘sexuada’, como ele a chama”. O autor também aproveitou o ensejo para fazer a seguinte crítica: “nas literaturas francesa e inglesa sobre o assunto, as argumentações de Lacan são muitas vezes compreendidas, de forma equivocada, como centralizada em torno da dialética de todos e alguns” (FINK, 1998, p. 124). Não é disso que se trata, pois ela está no **todo**, mas também fora dele, no **não-todo**.

A mulher está submetida à castração, e, consequentemente, ao falo imaginário, o que equivale dizer que ela está na lógica do **todo**, mas não só nessa lógica, pois o efeito da castração não consegue recobrir todo o seu psiquismo. Assim, algo permanece de fora da lógica em questão. O que na teoria lacaniana, a partir da lógica aristotélica, foi designado como **não-todo**. A esse respeito, Lacan disse o seguinte em *O Seminário, livro 19*: “a mulher se situa a partir de que *não-todas* podem ser ditas com verdade em função do argumento no que se enuncia da função fálica. [...] Fica reservado a *não-todas* indicar que a mulher tem, em algum lugar, relação com a função fálica, e nada mais” (LACAN, 1971-1972/2012, p. 44, grifo do autor).

Para Zalcberg (2003, p. 19), “a mulher, na psicanálise, irá se revelar, de certa forma, uma metonímia (‘uma coisa pela outra’) privilegiada do inconsciente. A verdade da mulher é como a verdade do inconsciente: não pode ser toda conhecida”. Como uma metonímia, ela precisa encadear-se aos significantes, cuja proposta é que elas sejam contadas uma-a-uma.

A partir dessas constatações, é possível analisar que, do lado do homem, a metáfora paterna é norteadora e o inconsciente reconhece o falo como o organizador psíquico. Já do lado do feminino, uma parte é guiada pelo simbólico, enquanto outra parte fica à mercê do que advém do real, do impossível de ser simbolizado da castração. O falo faz ordenação na estruturação da neurose, mas a mulher precisa de algo que a represente em sua totalidade psíquica, e isso o falo não consegue. Por esse motivo, ela pode ser entendida como numa metonímia – os significantes se juntam para compô-la.

Sendo assim, o homem em sua dimensão psíquica conta com o apoio do simbólico mediado pelo falo, o que permite sua permanência na linguagem. A mulher, por sua vez, tem à sua sombra o desfiladeiro do real, o que a fará enlaçar-se de forma diferente com o Outro. Como nos diz Zalcberg:

Se as mulheres não se inscrevem totalmente no registro do simbólico e no Édipo – tese sobre a qual Lacan funda, na última parte de seu ensino, a especificação da sexualidade feminina – isto afetará suas relações com os registros do imaginário e do real e mais, consequentemente, as relações das mulheres com as dimensões do desejo, do gozo e do amor (ZALCBERG, 2007, p. 11).

Na ausência de uma representação à altura do falo, ela apoia-se no inconsciente do homem para lidar com esta falta em sua constituição. Conforme esclarece Lacan (1960/1998, p. 741): “o homem serve [...] de conector para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele”. Nesse caso, o homem lhe serve como ponto de apoio psíquico, por isso seu enlace com ele sempre é intenso e não sem consequências.

André (1991, p. 181) nos diz que o fato de a mulher ser não-toda castrada significa dizer que a metáfora paterna, nela, não operou totalmente, ou seja: “não se trata, é claro, de sustentar que as meninas não sejam sujeitas à metáfora paterna – o que equivaleria dizer que as mulheres são psicóticas. Mesmo assim, alguma coisa dessa ordem se produz”. Nessa perspectiva, a lei simbólica não operou inteiramente no psiquismo da menina, de modo que o autor acrescenta: “[...] a filha é não toda assujeitada a essa função” (ANDRÉ, 1991, p. 181, grifo do autor).

Como acrescenta Kehl (2008, p. 11), “[...] a mulher não tem o falo; ela se oferece para ser tomada como falo a partir de um lugar de falta absoluta, do qual só o desejo de um homem pode resgatá-la”. Isso sustenta a tese de Lacan (1960/1998) de que a mulher apoia-se no masculino para se instituir num universo fálico, e que tal apoio lhe proporciona uma aproximação com a organização simbólica – mas, ainda assim, não a protege totalmente das investidas do real.

A partir desse referencial, conclui-se que ela sempre estará mais próxima de fenômenos advindos do real (do registro do irrepresentável). Tais fenômenos foram concebidos por Lacan a partir da noção de gozo, ou seja, a partir do conceito freudiano de pulsão de morte¹⁷, daquilo que está para além do princípio do prazer, onde prazer e dor podem ser o reverso da mesma moeda.

Retomemos então o conceito de real, mas agora para pensar a noção de gozo no que remete à formação psíquica da mulher. Lacan (1959-1960/1997, p. 31) concebeu o real como a instância a qual não se tem acesso de forma imediata e completa, dizendo o seguinte: “[...] para além do princípio do prazer aparece-nos essa face – tão obscura que pode parecer, para alguns, a antinomia de todo pensamento, não apenas biológico, mas até mesmo simplesmente científico – o que se chama instinto de morte”. Ao falar em pulsão de morte, a partir da concepção freudiana, Lacan articula essa noção com a chamada clínica do gozo. Então, como foi concebida a noção de gozo por ele?

Segundo André (1991, p. 211), o gozo para a teoria lacaniana é considerado como “[...] aquilo de que fala o Direito: gozar de uma coisa é poder usá-la até o abuso – abuso que o Direito, justamente, tem a ambição de limitar”. André (1991, p. 211-212, grifo do autor) ainda acrescenta: “o direito regulamenta assim o gozar limitando-o às fronteiras do útil. O gozo se

¹⁷A “pulsão de morte” é um dos conceitos articulados por Freud (1920/2006) em *Além do princípio do prazer* e que faz alusão a uma criação central, mais complexa e de vasta importância, que é o conceito de pulsão presente no texto *Pulsões e destinos da pulsão*, de 1915. A pulsão, em seu esforço por satisfazer-se, tem como característica a persistência, no sentido de não desistir de sua busca frenética por atingir seu objetivo – a satisfação. No entanto, a satisfação será sempre parcial, e, em sua parcialidade, a pulsão acaba buscando caminhos diversos (FREUD, 1915/2004).

define, *ao contrário*, como aquilo que se opõe ao útil: é, diz Lacan ‘*aquilo que não serve para nada*’. O **não servir para nada**, dito por Lacan, representa a perda de energia que o aparelho psíquico sofre quando precisa trabalhar com os opostos – sofrimento e prazer. É um *quantum* de energia desperdiçada que precisaria ser direcionado para outro fim, no entanto, isso não ocorre e acaba por ser de difícil manejo para aquele que goza.

O gozo não se deixa barrar, nem mesmo por meio de Leis instituídas pelo próprio aparelho psíquico, como as que organizam o princípio do prazer, as que buscam o alívio das tensões, e/ou as que incluem a necessidade de autoconservação (ANDRÉ, 1991). Desse modo, desvencilhar-se do gozo passa a ser uma tarefa complexa para aquele que se dispõe a tal intento.

Lacan elaborou duas modalidades de gozo: o gozo fálico e o gozo Outro ou suplementar. O gozo fálico é comum a todos os seres falantes ao entrarem na linguagem, mas é o gozo *Outro* que nos salta os olhos, pois é a modalidade de gozo própria do feminino. Um tipo de gozo que está para além do falo. Um gozo a respeito do qual só a mulher pode dizer. Assim Lacan (1972-1973/2008) o define.

Portanto, a proposta para a próxima seção desse capítulo é trazer as conceituações presentes na teoria lacaniana sobre o gozo, e quais seus desdobramento para o que se refere à mulher.

3.2 A MULHER ENTRE O GOZO FÁLICO E O GOZO OUTRO

Lacan (1972-1973/2008), em sua teorização acerca da mulher, concebeu a noção de um gozo específico, ao qual ela está completamente assujeitada. Tal categoria de gozo, em alguns momentos, pode ser a única via possível para que ela consiga atingir algum tipo de satisfação, justamente em detrimento da parte recoberta pelo simbólico. Esse gozo particular, ou comum à mulher, a deixaria também em contato com a possibilidade de experimentar o universo próprio de sua organização psíquica, cujo regimento não valoriza as Leis simbólicas.

Antes de avançarmos na construção lacaniana sobre o gozo Outro ou gozo suplementar, é preciso entender como a teoria lacaniana concebe a noção de gozo. A noção de gozo nasce em um dos retornos de Lacan a Freud, sendo o *Além do princípio do prazer*, de 1920, o texto freudiano que marca tal construção teórica. No texto em questão, Freud (1920/2006) descreve a cena de uma brincadeira infantil, encenada por uma criança que sofre com a ausência de sua mãe – em linhas gerais, é a história de um garoto que estabelece uma relação peculiar com um carretel, em meio às ausências constantes de sua mãe. Durante as

brincadeiras, a criança realiza movimentos repetitivos que simulam o aparecimento e desaparecimento do carretel, o *fort-da*.

Dos efeitos de tal observação clínica, Freud (1920/1996) recolhe algumas hipóteses, dentre elas, a seguinte: com o aparecimento e desaparecimento do objeto, ocorre, para o sujeito, uma alternância entre prazer e dor. Essa alternância, claro que em linhas gerais, é formalizada por Lacan (1972-1973/2008) como gozo, pois este traz para o indivíduo o prazer do reencontro com o objeto e o sofrimento quando a ausência se dá. Desse modo, a repetição faz o indivíduo gozar.

O gozo para a psicanálise se inscreve na contradição entre sofrimento e prazer. Chemama e Vandermersch (2007, p. 170) nos aproximam deste conceito da seguinte forma: “o texto freudiano *Au-delà du principe de plaisir* liga as oposições entre princípio de prazer e repetição e entre pulsão de vida e pulsão de morte. Nosso gozo é contraditório, dividido entre aquilo que ‘satisfaria’ os dois princípios”. Como dito anteriormente, prazer e dor, colocados como o reverso de uma mesma moeda, ou seja, o gozo do qual o indivíduo não consegue escapar – seja o gozo fora do corpo (gozo fálico) ou o gozo dentro do corpo ou no corpo (gozo Outro).

Os conceitos de gozo fálico, simbólico e inconsciente, foram pontuados por Lacan (1964/2008) em *O seminário, livro 11*, onde ele afirma não estar mais falando do inconsciente freudiano, e sim do “nosso”. Desse modo, esclarece sobre a entrada do sujeito na linguagem, e, conseqüentemente, no registro do simbólico, a partir da seguinte declaração: “em meu relatório de Roma, procedi a uma nova aliança com o sentido da descoberta freudiana. O inconsciente é a soma dos efeitos da fala, sobre um sujeito, nesse nível em que o sujeito se constitui pelos efeitos do significante” (LACAN, 1964/2008, p. 126). Trata-se do inconsciente estruturado como linguagem, que faz o sujeito gozar através das palavras, o gozo fálico. Neste caso, quais seriam as características do gozo produzido pelos efeitos da linguagem, o dito gozo fálico?

O gozo fálico pressupõe um gozo dentro do simbólico, cujo efeito da castração consegue atingir sua totalidade, e cuja referência se dá pelo ordenador simbólico – o significante fálico. Como nos diz Soler:

O gozo fálico, como gozo do UM, é gozo localizado, limitado e fora do corpo. É um gozo em sintonia com o significante, como ele descontínuo e fragmentado, que se presta, portanto, ao mais e ao menos, e que por isso é parceiro do sujeito como tal. É aquele que a castração deixa ao ser falante. É correlato, portanto, da falta-a-gozar, e funda o imperativo de gozo do supereu do qual se alimenta a culpa (SOLER, 2005, p. 36).

Para Fink (1998, p. 149), o gozo fálico é “[...] mera insignificância de prazer remanescente após as pulsões terem sido totalmente assujeitadas (isso no caso da estrutura masculina) ao simbólico”. E continua, dizendo que “[...] o real é sugado pelo simbólico” (FINK, 1998, p. 149), este que, no entanto, não impede o seu atravessamento. Como já disse Lacan (1972-1973/2008), eles ocupam os mesmos espaços. Na consideração lacaniana, o gozo fálico é o gozo do idiota, que comporta um único significante, que o sustenta em sua estrutura castrada devido aos efeitos da linguagem (LACAN, 1972-1973/2008, p. 87). Quanto ao gozo Outro, Fink (1998) nos esclarece que é um modo singular de gozo experimentado pela mulher pela via do amor:

O gozo do Outro é o gozo do amor, e Lacan o associa ao êxtase religioso e ao tipo de gozo material, corporal que não está localizado nos órgãos genitais como o gozo fálico (o primeiro não é, ele afirma claramente, o assim chamado gozo vaginal definido como oposto ao do clitóris). De acordo com Lacan, o gozo do Outro é assexual (enquanto o gozo fálico é sexual), porém ele é do e no corpo (o gozo fálico envolve apenas o orgasmo como instrumento do significante) (FINK, 1998, p. 149).

Lacan (1972-1973/2008, p. 81, grifo do autor) declarou que “há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece¹⁸”. A esse respeito, Zalcberg (2003) nos fala que nem a própria mulher consegue dizer algo sobre tal experiência, ela simplesmente experimenta o efeito do real em seu corpo, num gozo sem palavras, impossível de ser recoberto pelo simbólico.

Se o gozo fálico acontece externo ao corpo, o gozo Outro é da ordem do real, e por isso interno ao corpo. A angústia poderia ser reconhecida como um ponto de contato com este tipo de gozo, pois o sujeito, diante da angústia, nada tem a dizer; faltam-lhe as palavras, mas a desordem psíquica é incontestável. Em um gozo sem palavras que ocorre no corpo e não fora dele, impossível de ser nomeado; essa é a mulher em contato com o real. Ela experimenta, portanto, o gozo do Outro, Outro ao qual só se tem acesso por completo na estruturação da psicose. Do lado do gozo Outro, ela está não-toda e por isso desamparada.

Após as considerações sobre o gozo experimentado pela mulher, seguimos então em direção às elaborações lacanianas a respeito do lugar ocupado por ela na fórmula da sexuação.

¹⁸ A representação do gozo Outro pode ser traduzida na figura de Santa Tereza D'avila, esculpida por Bernini e apresentada na capa de *O seminário*, livro 20.

3.3 O LUGAR DA MULHER NA FÓRMULA DA SEXUAÇÃO¹⁹

Como já falamos anteriormente, a diferença anatômica entre os sexos não ocorre sem consequências psíquicas. Dito de outro modo, ninguém nasce homem ou mulher, psiquicamente falando. Sendo assim, é necessário o posicionamento do lado masculino ou feminino da fórmula quântica da sexualização. Tal fórmula foi elaborada por Lacan (1972-1973/2008) em *O seminário, livro 20*. Nos seminários anteriores, ela já vinha sendo elaborada, mas foi somente neste seminário que ela se constituiu no formato que temos hoje.

A fórmula descreve, a partir da representação matemática – ou, mais especificamente, quântica –, o lado ocupado por cada um na partilha dos sexos com relação à castração, ou seja, a fórmula da sexualização é o resultado do posicionamento diante da castração. Logo, ao atravessar a operação edípica, cada qual deverá ter simbolizado esta operação para, em seguida, se inscrever na partilha dos sexos. Dito de outro modo, na passagem pelo Édipo, é possível representar a falta existente no Outro ao qual estava alienado – reconhecimento da castração – e alojar-se, assim, na ordem fálica, onde o controle do gozo é feito pelo falo.

De acordo com Fink (1998), a castração em Lacan significa a experiência a que todo sujeito é submetido em algum momento, ao ser obrigado a renunciar a uma parcela de gozo. E isso vale tanto para homens como para mulheres, sem restrição. Tal operação compreende a perda de uma parcela de gozo ao entrar na linguagem, isto é, a linguagem não consegue representar tudo o que acontece no universo psíquico. Sempre faltará uma parcela a ser recoberta pelo simbólico.

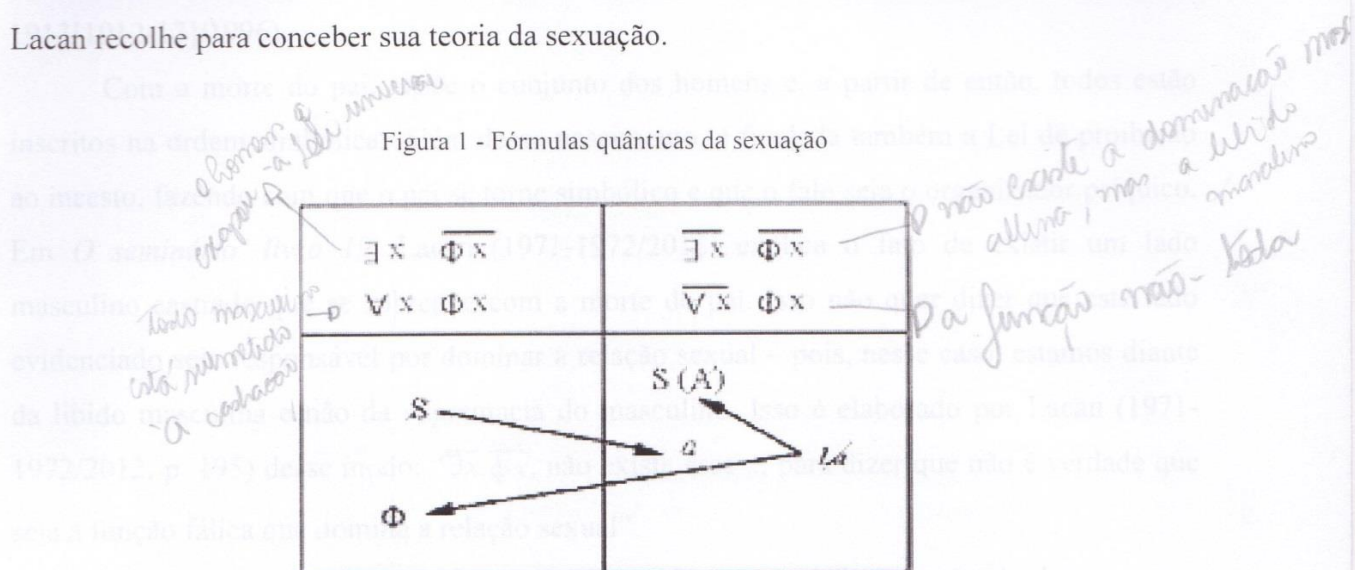
É sabido que o conceito de castração é central para a teoria e clínica psicanalítica, tanto para se anunciar a estrutura neurótica, como para dizer da diferença com relação às outras duas estruturas – perversão ou psicose. Em Lacan, tal conceito é essencial para a elaboração da fórmula da sexualização. Seguimos então as elaborações lacanianas que compreendem esta fórmula.

De acordo com Chemama e Vandermersch (2007), no quadro abaixo podemos observar duas situações que remetem ao posicionamento na fórmula da sexualização – sendo à esquerda o que compreende o masculino, e, à direita, o feminino. Ao analisar o quadro, verificamos a presença de símbolos matemáticos como $\forall$ e $\exists$, nomeados como

¹⁹ Segundo Chemama e Vandermersch (2007, p. 342), a sexualização pode ser entendida como a “forma pela qual homens e mulheres, na teoria psicanalítica, relacionam-se com seu próprio sexo, bem como com as questões da castração e da diferença dos sexos”.

quantificadores, e o termo Φ , como função. São símbolos próprios da matemática, mas que Lacan recolhe para conceber sua teoria da sexuação.

Figura 1 - Fórmulas quânticas da sexuação



Nota. Reproduzida de *Le Séminaire, livre 20 - Encore*, de J. Lacan, p. 73. Copyright 1975 pela Éditions du Seuil.

Figura 1. Fórmulas quânticas da sexuação.

Fonte: CHEMAMA e VANDERMERSCH, p. 246, 2007.

Então, do lado esquerdo, estamos de posse, imaginariamente, do masculino submetido à castração, e, neste caso, representa a Lei universal, cujo ordenador simbólico é o falo (o representante primordial). Assim, o masculino está ordenado pelo falo e assim submetido integralmente à castração. Para representar no quadro o fato de que todo masculino está submetido à castração, usou-se a seguinte equação: $\forall x \Phi x$. Mas, dentro dessa lógica falocêntrica, só um homem escapou à Lei universal, o pai; então ele tem como função: $\exists x \overline{\Phi x}$. Isso quer dizer que existe pelo menos um que não é castrado. O lugar de exceção é explicitado no texto freudiano *Totem e Tabu*.

Nesse texto, Freud (1913[1912-13]/1996) retomou alguns momentos das pesquisas darwinianas. Dentre esses momentos, está o mais importante para a nossa investigação teórica: o que fala sobre o pai da horda. Então, com base nas descobertas de Darwin, Freud descreveu uma das sociedades mais primitiva, ou seja, a horda primeva. Segue em suas descrições que tal sociedade era governada por um pai violento e muito ciumento que fazia questão de guardar todas as fêmeas para si. Por esse motivo, expulsava todos os filhos quando cresciam. Todavia, o que ele não imagina era que, um dia, os filhos expulsos voltariam para destituí-lo desse lugar de gozador de todas as mulheres e de detentor do poder supremo.

Então, foi o que aconteceu; o pai violento foi morto e devorado pelos revoltosos (FREUD, 1913[1912-13]/1996).

Com a morte do pai, nasce o conjunto dos homens e, a partir de então, todos estão inscritos na ordem simbólica. Além desse nascimento, é fundada também a Lei de proibição ao incesto, fazendo com que o pai se torne simbólico e que o falo seja o organizador psíquico. Em *O seminário, livro 19*, Lacan (1971-1972/2012) explica o fato de existir um lado masculino castrado que se sobrepõe com a morte do pai. Isso não quer dizer que este lado evidenciado seja responsável por dominar a relação sexual – pois, nesse caso, estamos diante da libido masculina e não da supremacia do masculino. Isso é elaborado por Lacan (1971-1972/2012, p. 195) desse modo: “ $\exists x. \overline{\phi x}$, não existe esse x , para dizer que não é verdade que seja a função fálica que domina a relação sexual”.

Porém, Lacan (1971-1972/2012, p. 195, grifo do autor) faz questão de destacar que, quanto ao lado não-todo, “[...] num nível complementar, devemos escrever – não digo que possamos fazê-lo – $\forall x. \phi x$, a função do *não-todo* como essencial a um certo tipo de relação com a função fálica, na medida em que esta fundaria a relação sexual”. O que ele quer dizer é que ela funda a relação sexual, mas não que essa possa existir a ponto de ser passível de ser experimentada na partilha dos sexos.

Mas, retomemos o texto freudiano *Totem e Tabu* a partir do referencial lacaniano, no que remete ao lado masculino da fórmula. Tal equação $\exists x. \overline{\phi x}$ é uma negação de ϕx , e o que ela nos aponta é que, na história, já houve um homem não castrado, mas que, como todos os outros, também esteve sujeito à castração. A partir desse referencial, como nos esclarece Lacan (1971-1972/2012), todos sofrerão em algum momento os efeitos da castração, isso é o que possibilita a entrada na linguagem. Mas, segundo ele, nem tudo está submetido ao simbólico, pois algo sempre permanecerá de fora. Em suas palavras: “isso é exatamente o que implica alguma coisa que escapa aí. O quer que escape aí não é, forçosamente, algo de humano” (LACAN, 1971-1972/2012, p. 195-196).

Conclusão: sem exceção, todos os homens, $\forall x$, serão tributários da castração, o que significa, então, a inclusão do sujeito em uma ordem de cunho universal. Assim, nas explicações lacanianas:

A existência desempenha aqui o papel de complemento, ou, para representar matematicamente, do limite. Em algum lugar, portanto, há um *todo* x que se torna o A invertido de $\forall$, toda vez que se encarna no que podemos chamar de *um ser*, que só se coloca como ser e, nominalmente, como homem (LACAN, 1971-1972/2012, p. 196, grifo do autor).

Isso é o todo, mas junto com a existência do todo está o não-todo. Aquilo que ficou de fora e que a mulher experimenta com frequência.

Lacan (1972-1973/2008) explica que o homem inscreve-se do lado fálico, cuja função paterna é o elemento limitador, aquele que barra o gozo impedindo o enlace pleno com o Outro. Assim, o todo surge justamente como exceção – o pai que existiu, mas foi impedido de continuar gozando de todas e por isso foi punido, tornando-se o representante simbólico:

À esquerda, a linha inferior, $\forall x \Phi x$, indica que é pela função fálica que o homem como toda sua inscrição, exceto que essa função encontra seu limite na existência de um x pelo qual a função Φx é negada, $\exists x \neg \Phi x$. Aí está o que chamamos de função do pai – de onde procede pela negação a proposição $\neg \Phi x$, o que funda o exercício do que supre, pela castração [...]. O todo repousa portanto, aqui, na exceção colocada, como termo, sobre aquilo que, esse Φx , o nega integralmente (LACAN, 1972-1973/2008, p. 85).

De acordo com Bessa (2012), a função fálica (Φx) representa uma função matemática que significa exclusividade, por isso a função paterna consegue enquadrar-se de forma matemática, pressupondo um conjunto de pares ordenados (x, y). Porém, os dois elementos compõem, cada qual, um conjunto, conjuntos estes comprometidos entre si. O comprometimento estabelecido entre tais conjuntos é concebido como $f(x)$, e cada argumento x une-se a um valor único da função $f(x)$.

Para Bessa (2012), o falo como função $f(\Phi x)$ tem o propósito de destacar a especificidade que existe na relação entre o sujeito na linguagem e sua modalidade de gozo. “Isso quer dizer que há uma função de gozo ligada à castração, ela determina um modo de gozar particular para cada sujeito”, diz Bessa (2012, p. 80). O lado do sujeito na fórmula e o efeito da função fálica serão determinantes na categorização do tipo de gozo ao qual ele estará submetido.

Do lado esquerdo, o gozo fálico ocorre com a entrada do sujeito na linguagem; do outro lado, ou melhor, do lado direito – ou do lado da mulher –, o gozo Outro ou gozo suplementar é a modalidade que está em jogo. Assim, a mulher sofre os efeitos da castração como todos os que estão submetidos à linguagem; no entanto, é tênue sua ligação com o real. Quando o simbólico fica de fora, o inominável aparece com demasiada intensidade.

À direita da fórmula, está a mulher, não-toda, e com sua modalidade de gozo específico. O lado direito é aquele que Lacan (1971-1972/2012) fez questão de apontar como ponto de investigação de maior relevância, e motivo pelo qual desenhou o quadro da fórmula da sexualização. Mesmo sabendo que o mundo é regido pelo UM, que está do lado esquerdo,

ainda assim seu foco estava em descobrir o mistério da mulher, do lado direito. Posicionados em lados opostos da fórmula, eles vivem a partilha no sexo, pois não existe a relação sexual, pois isso é da ordem da impossibilidade.

Do lado do feminino, não existe a exceção, já que todas as mulheres, sem distinção, estão submetidas à castração. Isso pode ser representado pela seguinte fórmula: $\exists x. \phi x$. Assim, nenhuma foge à regra – como no caso dos homens, em que um fugiu, permitindo a formação do conjunto dos homens. Por isso, elas estão **não todas** submetidas à ordem fálica, o que pressupõe a ausência de uma exceção. Consequentemente, elas não conseguem formar um conjunto que as represente.

Com relação ao não-todo, não é apropriado afirmar que nesse lugar não exista limite, ou mesmo que não exista algo que atue como um agente limitador, mas é possível supor que o limite seja conduzido por uma outra ordem ou lógica; por isso, tal ordem não pode ser comparada ao universo fálico. Na ordenação fálica – $\exists x. \overline{\phi x}$ –, acontece a inserção do pai, não submetido à função fálica, ou seja, a exceção; na lógica não-todo, não existe a exceção que funda o conjunto, então fica difícil estabelecer um agente que possa dar conta desse lugar de ordenador. Por esse motivo, o lado não-todo da mulher ainda parece um tanto obscuro e misterioso. Opostamente à lógica do todo, a lógica não-toda representa em Lacan (1971-1972/2012):

[...] $\exists x. \overline{\phi x}$ o vazio, a falta, a ausência de seja o que for que negue a função fálica, que, inversamente, não há nada a não ser o *não-todo* na posição da mulher em relação a função fálica. Ela com efeito, é *não toda*. O que não quer dizer que negue essa função, seja sob que incidência for (LACAN, 1971-1972/2012, p. 198, grifo do autor).

De acordo Lacan (1971-1972/2012), parte da mulher está submetida à castração. Então, em seu entendimento, ou melhor, em seu grafo, ela pode ser inscrita com o significante do Outro barrado – $\bar{A}$. Na explicação lacaniana, “a mulher não é o lugar do Outro. Mais ainda, inscreve-se como não sendo o Outro na função que dou ao grande A, a função de lugar da verdade”. (LACAN, 1971-1972/2012, p. 198). A mulher se posiciona na ordem fálica e também no lugar de onde a castração não a atingiu, isto é, lá onde está o segredo inalcançável – o que se perdeu com a incidência do recalque. Um segredo do qual só aproxima-se quem se posiciona do lado da mulher. A subjetividade feminina está na linguagem e também no vazio, isto é, o fenômeno mor e o lapso sutil.

Para finalizar, em *O seminário, livro 19*, Lacan (1971-1972/2012) afirma que todos os homens estão submetidos à castração, ao **todo**, ao universal – do qual não se questiona, pois o homem é. Quanto à mulher, não pode ser tratada a partir de uma representação unificada: as mulheres não se fazem uma, pois precisam ser contadas uma-a-uma – ou melhor, são contingência.

No início desse trabalho, talvez de forma ingênua, não tivéssemos noção da complexidade que envolvia a questão da mulher para a psicanálise, mas longe de tentar esgotar o assunto – sabendo que isso seria impossível –, logo descobrimos a mulher como um dos elementos fundantes da psicanálise, em conjunto com a noção de inconsciente. Só então verificamos que estevaramos diante de um complexo objeto de estudo que demandava mais cuidado ao tomá-lo como fonte de investigação.

A inquietação freudiana a respeito da mulher está presente em toda obra, bem como os avanços e o cuidado sempre observado ao tomá-la como objeto e fonte de pesquisa na clínica. Foi concedendo escuta às mulheres histéricas que Freud pôde chegar à noção de inconsciente e, com isso, elaborar a teoria psicanalítica até aproximar-se do modelo que conhecemos hoje.

Logo no início de seu percurso clínico, ele aceita o desafio que aguarda a todos aqueles que pretendem estudar a mulher em sua composição psíquica. Oferece, então, como sendo, solicitar a ajuda dos artistas, pois, talvez, eles tenham algo a dizer que ainda não se tenha descoberto. Portanto, se querem saber mais sobre a mulher, perguntem aos artistas, pois talvez, eles possam dizer algo a esse respeito (FREUD, 1994 apud ZALCBERG, 2007).

Porém, ele não recua diante do desafio e escolhe, como ponto de partida para sua investigação clínica, o sintoma histerico – ou melhor, a histeria histerica. O sintoma histerico apresentava sua relevância, pois apontava para a existência de um funcionamento psíquico para além da consciência – motivo pelo qual é que dependeu seu tempo clínico a elucidá-lo. A partir do sintoma, observou-se que ele estava envolto a questões sexuais que ainda não haviam sido trabalhadas. Desse modo, a sexualidade passou a ser analisada em paralelo com a vida sexual de seus pacientes. As perguntas giravam de questões sexuais (FREUD, 1900/1975/1996).

Com a vida sexual delas, observou-se algumas particularidades com relação à posição subjetiva e, especialmente, com relação à constituição sexual, que parecia mais completa do que a masculina até esse momento. Assim, dessa sexualidade repleta de mistério, nasce a expressão *sexualidade feminina* (FREUD, 1926/1996). Algo da sexualidade ainda estava por ser descoberto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação pesquisou a posição subjetiva da mulher a partir das elaborações freudianas e lacanianas, utilizando-se do método psicanalítico. Para isso, privilegiou-se alguns textos clássicos freudianos e também escritos e seminários lacanianos que retratavam tal temática.

No início desse trabalho, talvez de forma ingênua, não tivéssemos noção da complexidade que envolvia a questão da mulher para a psicanálise, mas longe de tentar esgotar o assunto – sabendo que isso seria impossível –, logo descobrimos a mulher como um dos elementos fundantes da psicanálise, em conjunto com a noção de inconsciente. Só então verificamos que estávamos diante de um complexo objeto de estudo que demandava certo cuidado ao tomá-lo como fonte de investigação.

A inquietação freudiana a respeito da mulher está presente em toda obra, bem como os avanços e o cuidado sempre observado ao tomá-la como objeto e fonte de pesquisa na clínica. Foi concedendo escuta às mulheres histéricas que Freud pôde chegar à noção de inconsciente e, com isso, elaborar a teoria psicanalítica até aproximar-se do modelo que concebemos hoje.

Logo no início de seu percurso clínico, ele alerta do desafio que aguarda a todos aqueles que pretendem estudar a mulher em sua composição psíquica. Oferece, então, como saída, solicitar a ajuda dos artistas, pois, talvez, eles tenham algo a dizer que ainda não se tenha descoberto. Portanto, se querem saber mais sobre a mulher, perguntem aos artistas, pois, talvez, eles consigam dizer algo a esse respeito (FREUD, 1894 apud ZALCBERG, 2003).

Porém, ele não recua diante do desafio e escolhe, como ponto de partida para sua investigação clínica, o sofrimento histérico – ou melhor, o sintoma histérico. O sintoma histérico apresentava sua relevância, pois apontava para a existência de um funcionamento psíquico para além da consciência – motivo pelo qual o fez despender seu tempo clínico a escutá-las. A partir do sintoma, observou-se que este estava envolto a questões sexuais que ainda não haviam sido analisadas. Desse modo, a sexualidade passou a ser analisada em paralelo com a vida sexual de suas pacientes. As histéricas sofriam de questões sexuais (FREUD, 1893[1895]/1996).

Com a vida sexual delas, observou-se algumas particularidades com relação à posição subjetiva, principalmente, com relação à constituição sexual, que parecia mais complexa do que o especulado até esse momento. Assim, dessa sexualidade repleta de mistério, nasce a expressão continente negro (FREUD, 1926/1996). Algo da sexualidade ainda estava por ser descoberto.

Do sintoma histérico à sexualidade obscura e/ou continente negro, chega-se à constituição do Édipo. Um Édipo repleto de nuances, marcado por idas e vindas dentro da obra freudiana. Assim, o que parecia inicialmente configura-se como um Édipo semelhante ao do menino, logo revela alguns pontos de distanciamento que impedem qualquer tentativa de aproximação. Mas, um ponto importante que precisa ser destacado, e que merece um olhar mais cuidadoso, remete à mãe como primeiro objeto de amor da menina. Como vimos, esse ponto causou grande reviravolta na perspectiva que vinha sendo traçada para a compreensão psíquica da menina, e só ocorreu após intensa averiguação (FREUD, 1925/1996).

O Édipo na menina tornava-se, assim, outro desafio para Freud, que, só aos poucos, foi configurando, de modo bastante peculiar, um modelo de relação entre os pais e a menina. Nesse caso, verificou-se que, diferente do que se imaginava, num primeiro momento, a ligação como pai não era tão intensa como a estabelecida com a mãe. Ele realmente teria participação fundamental na constituição psíquica da menina, mas não no primeiro momento, já que ela estava totalmente enlaçada à mãe (FREUD, 1925/1996).

Essa descoberta o fez olhar para o Édipo na menina de modo particular, a começar pela intensa relação entre mãe e filha. Por conseguinte, a entrada do pai ocorreria numa relação marcada pela cumplicidade e competitividade entre elas. Por outro lado, o pai foi apontado como o responsável por dar à menina a possibilidade da descoberta da arte de tornar-se mulher; mas isso não pode ser tomado como fim. Como o próprio Freud (1933[1932]/1996) adverte, cada uma vivenciará isso a seu modo. Ou seja, os desafios vivenciados e enfrentados por ela frente à castração, a farão posicionar-se psiquicamente.

No entanto, todos estão sempre às voltas com a castração. No caso da mulher, existem três possíveis saídas, como concluiu Freud (1933[1932]/1996, grifo nosso): a interdição sexual (ou a neurose); a transformação na atitude para o complexo de masculinidade; ou a feminilidade dita como **normal**. Assim, cada mulher deverá enfrentar a castração num processo bastante particular.

Para finalizar, em sua última conferência, Freud (1933[1932]/1996) retomou a questão da posição subjetiva da mulher, a partir de algumas de suas descobertas clínicas mais importantes. Novamente, colocou na mão dos artistas a responsabilidade de desbravar esse universo desconhecido do feminino, pois, para ele, o enigma continuava existindo.

Interessante pensar que esse feminino o qual Freud prefere deixar para o dizer dos artistas, pode ser associado àquilo sobre o qual **nada se tem a dizer**, pois se estaria frente a um modo de gozo particular, cujas palavras não conseguem alcançar algum tipo de significação lógica dentro da ordem simbólica. Por esse motivo que, talvez, Freud sempre

tenha afirmado sua dificuldade em decifrar o feminino, tendo sido exatamente desse enigma que Lacan (1972-1973/2008) partiu para a construção de sua própria teoria a respeito da posição subjetiva da mulher. A começar pelo modo particular com que elas gozam, por se tratar de um gozo interno ao próprio corpo, diferente do gozo fálico, um gozo outro que está fora do sujeito, como descreveu Lacan.

Lacan parte desse feminino ainda obscuro para Freud, mesmo após tantas elaborações, para dar segmento as suas pesquisa a esse respeito. Então, ao propor a constituição psíquica a partir do entrelaçamento dos registros (real, simbólico e imaginário), explica que, em especial, o simbólico e o real são os mais relevantes para a compreensão psíquica da mulher. O simbólico “empresta” a ela um significante imaginário – o falo –, por isso ela é **toda** dentro da lógica da castração, mas isso não é o suficiente, pois ela também está fora desta lógica, ou seja, **não-toda**. Nessa lógica do **não-todo** não existe um significante que possa representá-la junto à lógica inconsciente, como faz o significante “falo” para a posição masculina. A falta de representação junto ao inconsciente permite a afirmação de que A mulher não existe. (LACAN, 1971-1972/2012)

De acordo com a fórmula da sexuação proposta por Lacan, homem e mulher estão em lados opostos. Cada lado da fórmula equivale a um universo muito particular de funcionamento psíquico, e também a uma modalidade específica de gozo. O lado do homem comporta um gozo do UM, ou seja, o gozo fálico, uma vez que, a partir da existência do UM, formou-se o conjunto dos homens (LACAN, 1972-1973/2008). Eles têm um representante.

Já as mulheres não tiveram, contudo, uma mulher em destaque que pudesse representá-las e, por isso, não são passíveis de formar um conjunto, o conjunto das mulheres. Por esse motivo, elas precisam ser contadas uma-a-uma, não existindo, assim, A mulher, pois não existe a exceção. Então, a mulher pode ser descrita, por um lado, como fenômeno mor, castrada, toda, e num gozo fálico; mas por outro, ela é lapso sutil, não-castrada, não-toda, num gozo Outro. Entre o simbólico e o real, entre o gozo fálico e o gozo Outro, ela está.

Termino sabendo que a mulher para psicanálise é um tema que não se esgota, certa de que algumas questões relevantes não puderam ser privilegiadas como deveriam, a exemplo do gozo Outro e do feminino como posição de final de análise.

REFERÊNCIAS

- AMOEDO, S. H. F. **Licença poética na lógica da interpretação: "psicanarte"**. Stylus: Revista de psicanálise, n. 24, junho. Rio de Janeiro: Associação Fóruns do Campo Lacaniano. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil, 2012. p. 49-56.
- ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- ASNOUN, Marie-José. A que não se dobra. In: CALDAS, H.; MURTA, A.; MURTA, C. (Org.). **O feminino que acontece no corpo: a prática da psicanálise nos confins do simbólico**. Belo Horizonte: Scriptum livros, 2012. p. 113-121.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini dicionário: o dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010).
- BARROS, R. M.; LIGEIRO, V. Angústia ou desamparo na obra de Camille Claudel. In: CALDAS, H.; ALTOÉ, S. (Org.). **Psicanálise, Universidade e Sociedade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2009. p.365-377.
- BESSA, Graciela de Lima Pereira. **Feminino: um conjunto aberto ao infinito**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012.
- BÍBLIA ONLINE. Disponível em:
<<http://www.bibliaon.com/pesquisa.php?q=Eva+nasceu+da+costela+de+ad%E3o>>. Acesso em: 20/07/2012.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Nat. hum.**, v. 8, n. 1, p.163-180, jun. 2006.
- _____. Discurso freudiano e medicina. In: BIRMAN, Joel; FORTES, Isabel; PERELSON, Simone (Org.). **Um novo lance de dados: psicanálise e medicina na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2010. p. 18-26.
- BRAUNSTEIN, Néstor. **Gozo**. São Paulo: Escuta, 2007.
- CABAS, Antonio Godino. **O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.
- CESAR, Ana, Cristina. **Soneto**. S.1: s.n. Disponível em:
<<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet122.htm>>. Acesso em: 22 mai. 2012.
- CHEMAMA, Roland; VANDERMERSCH, Bernard. **Dicionário de Psicanálise**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2007.
- COSTA, Ana. A arte de Almodóvar. **Psicanálise & Barroco: revista de Psicanálise**, v. 5, n. 2, p. 77-84, dez. 2007.

DUBA, Cristina. O feminino e o feminismo: notas sobre Simone de Beauvoir e Jacques Lacan. **Arquivos da Biblioteca da Escola Brasileira de Psicanálise**, Rio de Janeiro, v. 6, p. 45-54, dez. 2009.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

FONSECA, P. F. **Atravessamentos do feminino na clínica psicanalítica: um estudo sobre Dora e Schreber**. 106 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2007.

FREUD, Sigmund. (1888). Histeria. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. I, 1996.

_____. (1893-1895). Estudos sobre a histeria. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. II, 1996.

_____. (1893/1895). Comunicação Preliminar. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. II, 1996.

_____. (1894). Considerações teóricas. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. II, 1996.

_____. (1894). As neuropsicoses de defesa. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. III, 1996.

_____. (1896). A etiologia da histeria. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. III, 1996.

_____. (1900). A interpretação dos sonhos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IV, 1996.

_____. (1905[1901]). Fragmento da Análise de um caso de histeria. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. VII, 1996.

_____. (1908[1907]). Escritores criativos e devaneio. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX, 1996.

_____. (1908a). Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX, 1996.

_____. (1908b). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX, 1996.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXI, 1996.

_____. (1909[1908]). Algumas observações gerais sobre ataques histéricos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. IX, 1996.

_____. (1910). A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XI, 1996.

_____. (1913[1912-13]). O interesse científico da psicanálise. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIII, 1996.

_____. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. 1, 2004.

_____. (1915). Pulsões e destinos da pulsão. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. 1, 2004.

_____. (1917). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XVII, 1996.

_____. (1919). "Batem numa criança": contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: **História de uma neurose infantil: '(O homem dos lobos): além do princípio do prazer e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. 2, 2006.

_____. (1923). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, v. XIX, 1996.

_____. (1924a). O problema econômico do masoquismo. In: **Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente**. Tradução Luiz Alberto Hans. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. 3, 2007.

_____. (1924b). A dissolução do Complexo de Édipo. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIX, 1996.

_____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XIX, 1996.

_____. (1926). A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XX, 1996.

_____. (1931). Sexualidade feminina. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXI 1996.

_____. (1933[1932]). Conferência XXXIII. Feminilidade. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. XXII, 1996.

_____. (1950[1892-1899]). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, vol. I, 1996.

_____. (1956[1886]). Relatório sobre meus estudos em Paris e Berlim. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, vol. I, 1996.

FUENTES, Maria Josefina Sota. **As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

GALLANO, Carmen. **A alteridade feminina**. Campo Grande, MS: Andrea Carla Deuner Brunetto, 2011.

GUERRA, Andréa Máris Campos. Psicanálise e produção científica. In: KYRILLOS NETO, Faud; MOREIRA, Jacqueline Oliveira (Org.). **Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade**, Barbacena, MG: EdUEMG, 2010. p. 130-145.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

KATZ, Chaim Samuel. **Complexo de Édipo: Freud e a multiplicidade edípica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamento do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.

LACAN, Jacques. (1949). O estádio do espelho como fundador da formação do eu. In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96-103.

_____. (1953-1954). **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

_____. (1954). Do símbolo e de sua função religiosa. In: _____. **O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 45-83.

_____. (1956-1957). **O seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

_____. (1959-1960). **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. (1960). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 741.

_____. (1964). **O seminário, livro 11: os quatros conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. (1965). Homenagem a Marguerita Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: _____. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 200.

_____. (1971-1972). **O seminário, livro 19: ...ou pior**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

_____. (1972-1973). **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. (1974). O triunfo da religião. In: _____. **O triunfo da religião: precedido de discurso aos católicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 55-83.

LAURENT, Éric. **A psicanálise e a escolha das mulheres**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

MORAES, J. G. **O corpo entre a conversão histérica e o fenômeno psicossomático**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

MORAIS, J. L. **Corpo, feminino e subjetivação: uma análise a partir de sujeitos portadores de lúpus eritematoso sistêmico**. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Pará, 2010.

NEME, Leila. Édipo e Infância. **Revista da Escola da Letra Freudiana**, Rio de Janeiro: 7 Letras, ano XXVII, v. 39, p. 39, 2008.

NERI, Regina. **A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NERI, H. F. **O feminino, a paixão e a criminalidade: quem ama mata?** 2007. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

NICOLAU, Roseane Freitas. O masculino e o feminino: o Gênero na psicanálise. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.17, n. 1/2, v. 18, n. 1/2, jan/dez, p. 23-29, 2000.

PESTANA, Daniela Goulart. Algumas considerações sobre o complexo de castração e o complexo de Édipo. **Revista da Escola da Letra Freudiana**. Rio de Janeiro: 7 Letras, ano XXVII, v. 39, p. 50, 2008.

PRATES, Ana Laura. **Feminilidade e experiência psicanalítica**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

QUINET, Antonio. **A lição de Charcot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SOARES, Jean-Claude; LIGEIRO, Vivian Martins. Camille Claudel: angustia e devastação. **Psicanálise & Barroco**: revista de Psicanálise, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 24-45, dez. 2007.

SOLER, Colette. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **O inconsciente:** o que é isso? São Paulo: Annablume, 2012.

SOUZA, C. **A Gozo místico: testemunho do feminino.** 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2008.

ZALCBERG, Malvine. **A relação mãe e filha.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____. **Amor paixão feminina.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.